

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING

QUENÍZIA VIEIRA LOPES

**O ENSINO DO GÊNERO EXPOSIÇÃO ORAL: um
estudo de caso no 5º ano do ensino fundamental**

JOÃO PESSOA - PB
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING

QUENÍZIA VIEIRA LOPES

**O ENSINO DO GÊNERO EXPOSIÇÃO ORAL: um
estudo de caso no 5º ano do ensino fundamental**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Evangelina Maria Brito de Faria

JOÃO PESSOA - PARAÍBA

2010

L864e Lopes, Quenízia Vieira
O Ensino do gênero Exposição Oral: um estudo de caso no 5º ano do ensino fundamental / Quenízia Vieira Lopes. -- João Pessoa, 2010.
111f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2010.
Orientadora: Profª Drª Evangelina Maria Brito de Faria
Bibliografia e anexos

1. Linguagens e línguas. 2. Exposição Oral. 3. Gênero textual. 4. Ensino. I. Universidade Federal da Paraíba. II. Título

CDD 407

Ficha Catalográfica elaborada por: Rosana Maria Santos de Oliveira
Bibliotecária CRB2-810

QUENÍZIA VIEIRA LOPES

O ENSINO DO GÊNERO EXPOSIÇÃO ORAL: um estudo de caso no 5º ano do ensino fundamental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística pela Banca Examinadora composta pelos membros:

Data: 06/07/2010

Conceito: **APROVADA**

Prof.^a Dr.^a Evangelina Maria Brito de Faria – Orientadora
Universidade Federal da Paraíba – PROLING/UFPB

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Almeida – Examinadora
Universidade Federal da Paraíba - PROLING/UFPB

Prof.^a Dr.^a Marluce Pereira da Silva – Examinadora
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Este trabalho é dedicado a toda minha família, em especial à minha mãe, que é a minha fonte inspiradora, pois, apesar de não ter tido a oportunidade que tivemos de estudar, sempre nos impulsionou.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a Quem confio meu viver, pela oportunidade permitida para realização deste trabalho;

Aos meus pais, José Lopes Pereira e Valdeci Vieira Borges, por terem me dado o dom da vida e amor incondicional;

À Professora Dr^a. Evangelina Maria Brito de Faria, que, acreditando em mim, doou um pouco de si;

Aos Professores do PROLING/UFPB, que contribuíram de forma preciosa para a concretização deste trabalho e, em destaque, à professora Dr^a. Maria de Fátima Almeida e ao professor Dr. Pedro Farias Francelino, pelos apontamentos e sugestões;

A todos os participantes da pesquisa, seja de forma direta ou indireta, pelo tempo despendido e pela disponibilidade com que participaram deste trabalho;

Aos amigos queridos, pela compreensão quando me afastei e recusei vários de seus convites, em destaque, Diego, Leandro e Patrik Elton, pelo estímulo e cooperação;

Aos companheiros de mestrado, em especial: Adriana, Débora, Elkerlane, Kiko, Kikuchi e Simone, pela colaboração e companheirismo durante esta jornada;

E à Universidade Federal da Paraíba, ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), à CAPES e à SETEC, que por meio do Edital 01/2007 CAPES-SETEC, possibilitaram-nos alcançar esta vitória.

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar, de forma empírica, o processo de instrução do gênero Exposição Oral, averiguando se o ensino sistemático deste influencia no desenvolvimento das habilidades orais dos alunos; tomando como base para análise as temáticas: Gêneros Textuais, Gênero Exposição Oral e Oralidade, fornecidas por doutos como Bronckart (1999), Dolz e Schneuwly (2004), além da influência dos teóricos Bakhtin (2006), Marcuschi (2003,2008), dentre outros. Para realização da investigação utiliza-se a aplicação de uma abordagem etnográfica ao estudo do caso, tendo como objeto de estudo as habilidades orais de sete alunos de quinto ano do ensino fundamental de uma escola privada, localizada na cidade de Palmas/TO. Para efetivação da pesquisa, aplica-se uma sequência didática para o “gênero Exposição Oral”, com o objetivo de possibilitar aos alunos o conhecimento sobre este gênero e - por meio do seu ensino - analisar se as dificuldades dos alunos na produção textual oral podem ser influenciadas positivamente. A hipótese foi comprovada, uma vez que se detectou, ao final da pesquisa, que as habilidades orais dos alunos sofreram um avanço positivo no decorrer da realização da sequência didática. Percebeu-se que o ensino dos gêneros não é realizado sistematicamente, apontando assim para a necessidade de reestruturação da práxis escolar, a fim de aperfeiçoar o processo de assimilação dos gêneros.

Palavras-chave: Gêneros Textuais. Exposição Oral. Oralidade. Sequência Didática.

ABSTRACT

The purpose of this study is to examine, empirically, the process of investigating the gender Oral Exposure, by determining whether the systematic teaching of this influences the development of oral skills of students, taking as a basis for analysis the following themes: Textual and Oral Exposure Genres and Orality, as provided by theorists, Bronckart (1999), Schneuwly and Dolz (2004), and the influence of theorists Bakhtin (2006), Marcuschi (2003.2008), among others. For realize the research is used to apply an ethnographic approach to studying the case, with the object of study the oral skills of seven students from the fifth year of elementary education at a private school, located Palmas city, locate in Tocantins state. To execute the research applies a didactic sequence for the " Oral Exposure gender " with the goal of enabling students with the knowledge about this genre and - through his teaching - to analyze whether the difficulties of the students in oral text production may be influenced positively. The hypothesis was confirmed, since it was detected at the end of the study, the oral skills of students presented a positive development during the realize of the didactic sequence. It was felt that the teaching of gender is not systematically performed there by pointing to the need for restructuring of school practice in order to improve the process of assimilation of genres.

Keywords: Textual Genres. Oral Exposure. Orality. Didactic Sequence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Ciclo representativo do Domínio Discursivo, Gêneros Textuais e Tipos Textuais	29
Figura 2:	Traços Linguísticos no contínuo de Biber	44
Figura 3:	Representação do contínuo dos Gêneros Textuais conforme Marcuschi.....	45
Figura 4:	Escolaridade dos Pais.....	54
Figura 5:	Introdução aos Gêneros Textuais do livro didático de língua portuguesa.....	57
Figura 6:	Esquema da Sequência Didática.....	58
Figura 7:	Esquema da Sequência Didática para realização da pesquisa.....	59
Figura 8:	Estruturação da EO.....	91
Figura 9:	Linguagem utilizada na EO.....	91
Figura 10:	Utilização de Recursos Didáticos.....	92
Figura 11:	Entonação e volume de voz.....	92
Figura 12:	Participação dos Ouvintes.....	93
Figura 13:	Tempo de realização da Exposição Oral.....	93
Figura 14:	Postura Corporal.....	94

LISTA DE ABREVIATURAS

D – Docente (Professora)

A1 – Primeiro aluno

A2 – Segundo aluno

A3 – Terceiro aluno

A4 – Quarto aluno

A5 – Quinto aluno

A6 – Sexto aluno

A7 – Sétimo aluno

At – Vários alunos

P – Pesquisadora

EO – Exposição Oral

EO1 – Primeira Exposição Oral

EO2 – Segunda Exposição Oral

LISTA DE SIGLAS

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

NURC – Norma Urbana Linguística Culta

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS	16
2.1 GÊNEROS TEXTUAIS / DISCURSIVOS	16
2.1.1 Os Gêneros Textuais / Discursivos na visão de Bakhtin.....	17
2.1.2 Os Gêneros Textuais / Discursivos na visão de Marcuschi	20
2.1.3 Os Gêneros Textuais / Discursivos na visão de Bronckart.....	21
2.1.4 Os Gêneros Textuais / Discursivos na visão dos PCNs	23
2.2 TIPOS TEXTUAIS.....	26
3 O GÊNERO EXPOSIÇÃO ORAL	31
4 ORALIDADE	41
4.1 RELAÇÃO FALA E ESCRITA	41
4.2 O ENSINO DA ORALIDADE	48
5 METODOLOGIA	52
5.1 O CONTEXTO DO <i>CORPUS/LOCUS</i>	52
5.2 PROCEDIMENTOS ADOTADOS	55
5.2.1 A Sequência Didática	58
6 ANÁLISE DO DADOS	62
6.1 REALIZAÇÃO DAS EXPOSIÇÕES ORAIS.....	62
6.1.1 A Primeira Exposição Oral	63
6.1.2 A Segunda Exposição Oral.....	65
6.2 ANÁLISES DAS EXPOSIÇÕES ORAIS	75
6.2.1 Análise Geral	89
6.3 AUTO-AVALIAÇÕES	90
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	101
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	101
APÊNDICE B - ENTREVISTA DESTINADA AO DOCENTE	102
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ALUNOS	103
APÊNDICE D - SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O GÊNERO EXPOSIÇÃO ORAL...	104
APÊNDICE E - SLIDES PARA A AULA SOBRE EXPOSIÇÃO ORAL.....	107
APÊNDICE F - FICHA AUTO-AVALIATIVA	110
ANEXO	111
ANEXO A - NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO.....	111

1 INTRODUÇÃO

O certo é que a oralidade continua na moda. Parece que hoje redescobrimos que somos seres eminentemente orais, mesmo em culturas tidas como amplamente alfabetizadas. É, no entanto, bastante interessante refletir melhor sobre o lugar da oralidade hoje, seja nos contextos de uso da vida diária ou nos contextos de formação escolar formal. O tema não é novo e tem longa duração. (MARCUSCHI, 2008, p. 24)

Uma série de empecilhos circunda o sistema educacional brasileiro, o que dificulta o desenvolvimento qualitativo dos trabalhos escolares como, por exemplo, a falta do ensino dos gêneros orais em sala de aula, pois esses são abordados eventualmente, através das conversas entre colegas, diálogos com a professora, entre outras atividades, mas quando há necessidade de uma formalidade, como é o caso do gênero Exposição Oral, os alunos enfrentam grandes dificuldades, por não possuírem a prática e o conhecimento a respeito desta atividade, o que pode afetar a sua relação com a sociedade.

O desconhecimento da forma adequada do uso da linguagem oral em diferentes ambientes poderá dificultar o bom desenvolvimento do desempenho dos alunos fora do contexto escolar. A escola deve estar preparada para trabalhar com os alunos não só as habilidades que devem ser aplicadas dentro do contexto escolar, mas também as que deverão ser aplicadas fora dele.

O desempenho do processo da expressão oral na escola deve começar na alfabetização e estender-se ao ensino básico e superior, fazendo com que a prática destas atividades se torne habitual na vida das pessoas, para que possam utilizar de forma natural essas habilidades orais no seu cotidiano. De acordo com os PCNs (BRASIL, 1997b, p. 39), o texto expositivo, oral e escrito, é um dos que maior dificuldade apresenta, portanto é importante que a escola inclua em seus projetos de estudo situações que o envolvam, principalmente as situações de Exposição Oral, uma vez que essas não costumam ser ensinadas em sala de aula. Dessa forma, devem dar início a esse ensino nas séries iniciais, intensificando-se posteriormente.

Os gêneros textuais, como é o caso da Exposição Oral, são instrumentos que auxiliam na socialização dos seres humanos, bem como no desenvolvimento de atividades comunicativas, a exemplo do que ocorre no ambiente escolar, visto que, ao utilizá-los, permite-se que os alunos vejam de forma mais clara e objetiva o que é necessário para que haja uma boa comunicação e uma maior interação social.

Falar de gênero não é fazer referência a um acontecimento somente do presente, pois o uso dos gêneros tem pelo menos vinte e cinco séculos, levando-se em conta que sua utilização sistemática iniciou-se em Platão e, ao passar dos tempos, tornou-se mais frequente, estimulada pelos estudos de Bakhtin, realizados a partir de 1919. Esses, entretanto, foram efetivamente conhecidos com a divulgação de suas obras, a partir da metade da década de 1960.

Ao observar o grande número de crianças em idade escolar que não possuem uma boa desenvoltura para se expressar oralmente em público, e levando-se em conta a demanda desta prática no cotidiano delas, procurar-se-á realizar uma pesquisa para analisar como a utilização da Exposição Oral, isto é, o ensino sistemático desse gênero em sala de aula, influencia no desenvolvimento das habilidades orais dos alunos, uma vez que, em sua maioria, os alunos demonstram dificuldades ao realizar uma atividade de Exposição Oral em sala de aula, apesar de apresentarem boas habilidades nas atividades de escrita.

Espera-se que os resultados deste trabalho contribuam para uma melhor visualização do processo do ensino do gênero no desenvolvimento das habilidades orais e para a aprendizagem dos alunos nas atividades escritas, como elaboração e registro de conteúdo delimitado, seguindo uma estrutura de apresentação com introdução, desenvolvimento e conclusão; desenvolvimento das capacidades de exemplificação, ilustração e explicação; ampliação de vocabulário; elaboração de materiais de apoio; utilização adequada de recursos verbais, paraverbais e não verbais e adoção do hábito de ouvir os colegas e responder perguntas ocasionais.

Contudo, acredita-se que este trabalho influenciará de forma positiva na dinamização do ensino do gênero Exposição Oral no ambiente escolar, melhorando assim a aprendizagem das habilidades orais dos alunos como, por exemplo, a desinibição, a postura corporal e o tom de voz adequado, entre outras.

Os objetos de estudo dessa pesquisa serão as habilidades orais de alunos de quinto ano do Ensino Fundamental de uma Escola na cidade de Palmas, no estado do Tocantins.

Teoricamente este trabalho é baseado na perspectiva interacionista e sociodiscursiva, que tem como principais teóricos: Bronckart (1999), Dolz e Schneuwly

(2004), além da influência dos teóricos Bakhtin (2006), Marcuschi (2003, 2008), dentre outros.

A questão norteadora da pesquisa é se as dificuldades dos alunos na produção textual oral decorrem da falta de um ensino sistemático da oralidade em sala de aula. As habilidades orais são influenciadas positivamente através da produção dos gêneros orais, visto que o ensino destes desenvolve uma prática, que tende a melhorar os discursos orais.

Para realizar o trabalho, construir-se-á uma sequência didática com o gênero Exposição Oral objetivando o desenvolvimento das habilidades orais dos alunos nesse percurso. Para tanto, será elaborada a sequência didática, comparando os resultados obtidos após a aplicação desta e descrevendo as diferenças encontradas em relação ao desenvolvimento das habilidades orais desses alunos.

Entendendo que a metodologia é o meio pelo qual se tenta alcançar os objetivos, pretende-se realizar um estudo de caso com uma abordagem de pesquisa do tipo etnográfica que, conforme a definição de André (1995, p. 30), tem como objetivo buscar a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. Para isso faz-se uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. Essa por sua vez visa à descoberta de novos conceitos novas relações, novas formas de entendimento da realidade.

De acordo com André (1995), o estudo de caso surgiu há vários anos nos livros de metodologia da pesquisa educacional, mas inserido em uma percepção bastante estrita, ou seja, o estudo descritivo de uma unidade, seja uma escola, um professor, um aluno ou uma sala de aula. Para este autor:

Já o estudo de caso etnográfico só vai surgir recentemente na literatura educacional numa acepção bem clara: a aplicação da abordagem etnográfica ao estudo de um caso. Isto quer dizer que nem todos os tipos de estudo de caso incluem-se dentro da perspectiva etnográfica de pesquisa. Da mesma forma, que nem todo estudo do tipo etnográfico será um estudo de caso. (ANDRÉ, 1995, p.30)

Seguindo a modalidade de estudo de caso numa abordagem tipo etnográfica, a metodologia deste trabalho seguirá os seguintes passos:

- * Estudos teóricos - metodológicos referentes à temática Gêneros, em foco o gênero Exposição Oral;

- * Observação em sala de aula, com auxílio de filmagem, de atividades desenvolvidas e do desempenho dos alunos nestas;

- * Elaboração de uma sequência didática;

- * Aplicação de uma sequência didática para utilização do gênero Exposição Oral na sala de aula pesquisada. Nesse ambiente será trabalhada tanto a sua definição quanto a sua metodologia. Na sequência, montaremos passo a passo uma Exposição Oral, que será realizada pelos alunos com auxílio do docente;

- * Análise e interpretação dos dados coletados no decorrer da pesquisa;

- * Sistematização dos dados da pesquisa.

Para a análise das filmagens realizadas no decorrer da pesquisa, serão transcritas as gravações seguindo as normas para transcrição do Projeto NURC/SP, contidas na bibliografia de Castilho (2009), conforme tabela anexa.

Serão resguardadas as identidades dos alunos e professores envolvidos na pesquisa, sendo atribuídos a estes nomes fictícios, que serão utilizados na descrição do trabalho na dissertação.

Os alunos receberão um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) a ser entregue aos seus responsáveis, para que estes autorizem a filmagem e sua posterior utilização na pesquisa, além de um questionário para levantar um conhecimento social mínimo dos perfis daqueles. Ao docente será entregue um questionário e realizada entrevista para averiguar o seu perfil e uma análise superficial do seu trabalho com a utilização (ou não) dos gêneros.

Para uma visão geral deste trabalho, será apresentada uma síntese do que será abordado no decorrer dos capítulos, como segue.

Após a introdução, no segundo capítulo, apresentar-se-á a noção de Gêneros Textuais e Tipos Textuais em diferentes olhares teóricos, possibilitando assim um melhor entendimento em torno do assunto abordado. No terceiro capítulo, tratar-se-á do conteúdo foco deste trabalho, que é o gênero Exposição Oral, realizando sua definição, indicando a maneira apropriada para sua realização e utilização nos diferentes contextos. No quarto capítulo, abordar-se-á como tema central a oralidade, trazendo como subtemas: a relação entre fala e escrita e o ensino da oralidade. No quinto

capítulo explicitar-se-ão os aspectos metodológicos do trabalho, expondo os procedimentos utilizados na pesquisa como, por exemplo, a seleção e coleta do corpus (coleta de dados) e o método para análise dos dados. No sexto capítulo, far-se-á a análise dos dados, com ênfase nas habilidades orais dos alunos no decorrer da realização de duas exposições orais.

Espera-se, ao término deste trabalho, trazer contribuições para o melhor desenvolvimento das habilidades orais dos alunos, através do ensino sistemático do gênero Exposição Oral.

2 GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS

2.1 GÊNEROS TEXTUAIS / DISCURSIVOS

No dia-a-dia a língua é utilizada para a comunicação em contextos diversos, havendo, para cada uma destas diferentes situações, uma variedade quanto à forma de sua utilização, pois muitos são os campos em que a linguagem atua, e em cada campo há uma maneira diferente de interagir, de se manifestar e de se enunciar. Nos tempos atuais, a expressão gêneros textuais tornou-se comum, porém raramente é feita uma reflexão a respeito do que isso significa.

A noção de gênero pode se referir a famílias ou grupos, e a expressão gêneros textuais segue esta linha, significando o agrupamento de textos, sejam eles orais ou escritos, que vem auxiliar todas as formas de linguagem que surgem nas diferentes situações de comunicação como, por exemplo, diálogo familiar, sermão de missa, conversas de barzinho, reunião de trabalho, bate-papo na internet, entre outros. Portanto, pode-se afirmar que gêneros textuais são as formas de linguagem realizadas nas situações de comunicação, sendo esses considerados instrumentos que servem para auxiliar a interação humana nos diversos campos da linguagem. Conforme afirma Bakhtin:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (2006, p. 262).

Mas os gêneros não surgiram recentemente. A pesquisa através da história constata que os povos antigos utilizavam essencialmente a oralidade e, mesmo tendo utilizado apenas esta modalidade, desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética, por volta do século VII A.C., multiplicaram-se, surgindo os tipos de escrita. A partir do século XV, expandem-se impulsionados com o surgimento da cultura impressa. Com o surgimento da industrialização iniciada no século XVIII, tem início uma grande ampliação dos gêneros. No ocidente, os gêneros já têm pelo menos vinte e cinco séculos, considerando que sua observância sistemática iniciou-se em Platão, conforme afirma Marcuschi:

A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia em Platão para se firmar com Aristóteles,

passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX. (2008, p. 147)

Porém, nem todos os gêneros surgidos na tradição ocidental permanecem até os dias atuais, visto que, com o passar dos tempos, muitos se transformaram, alguns se adequando, pois a realidade do contexto social na época de sua criação não é a mesma dos dias atuais. Assim, enquanto uns vão nascendo, outros vão se transformando e alguns vão desaparecendo.

Mas, a definição sobre Gêneros Textuais não é unânime, visto que há diferentes autores atribuindo suas próprias definições. Silveira (2005, p. 36) fala que, do ponto de vista teórico, o conceito de gênero tem gerado uma certa polêmica, sendo causa de controvérsias e mesmo de algumas relutâncias e subestimações na linguística, devido ao fato de o termo “gênero” veicular diferentes e difusos significados acumulados ao longo da história e, especialmente, no âmbito dos estudos literários. Além disso, o termo também circula no mundo das artes como, por exemplo, no cinema e na música. Desse modo, mostra-se a seguir abordagens de Gêneros Textuais sob diversos olhares.

2.1.1 Os Gêneros Textuais / Discursivos na visão de Bakhtin

Na convivência diária na comunidade em que os indivíduos estão inseridos, utiliza-se a linguagem para quase todas as ações, e essa utilização da língua, que tende a melhorar a comunicação, é feita em forma de enunciados orais ou escritos, que refletem o ambiente no qual estão inseridos, isto é, para cada ambiente e situação, há uma forma (estrutura) adequada para utilização da língua. Para Bakhtin (2006, p. 262) todos os enunciados são compostos de três elementos (o conteúdo, o estilo, a construção composicional) inseparáveis, que são determinados pela especificidade do campo em que está ocorrendo a comunicação. Para ele, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros do discurso.

Os gêneros discursivos (definição adotada por Bakhtin, 2006, que não utiliza o termo gêneros textuais como outros autores) são heterogêneos, isto é, diversas são as formas em que os gêneros podem se apresentar, pois os enunciados apresentam-se diferentemente em cada campo em que são utilizados. Isso porque, nos diferentes campos onde a linguagem é utilizada, há uma forma diferenciada para os usos dos enunciados como, por exemplo: os diferentes enunciados usados na oralidade (que ocorrem no convívio familiar, no ambiente de trabalho, no ciclo de amizades, no ambiente escolar, etc.), nos diversos tipos de documentos escritos (cartas, ofícios, memorandos, bilhete, etc.), entre outros.

Mas essa heterogeneidade dos gêneros, na antiguidade, não foi estudada sistematicamente, uma vez que, os gêneros literários eram estudados somente do ponto de vista artístico-literário, ficando de lado os demais tipos de enunciados acabaram ficando de lado. Assim, os tipos de enunciados e a sua natureza linguística, isto é, a natureza verbal destes, quase não eram levadas em consideração. O tempo passou e iniciou-se o trabalho com os gêneros retóricos, abrindo as portas para o trabalho com a natureza verbal desses gêneros como enunciados. Bakhtin foi o ponto de partida para o estudo sistemático dos gêneros de maneira geral, dando acesso a um conhecimento amplo sobre esse tema desde o lançamento de suas obras no ocidente a partir da década de 60.

Seguindo essa multiplicidade dos gêneros, Bakhtin (2006) os define em duas espécies, sendo estes os gêneros discursivos primários (simples) e os secundários (complexos). Os simples são assim definidos por se formarem na comunicação discursiva imediata, e os gêneros secundários são aqueles que surgem no convívio cultural mais complexo e relativamente desenvolvido e organizado. Para cada momento, para as diversas situações cotidianas, encontra-se, entre as variedades de gêneros, um gênero que se aperfeiçoa para adequar-se à realidade do campo em que está sendo utilizado. Segundo Bakhtin:

No processo de sua formação eles (gêneros secundários ou complexos) incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem a sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. No seu conjunto o romance é um enunciado, como a réplica do diálogo cotidiano

ou uma carta privada (ele tem a mesma natureza dessas duas), mas à diferença deles é um enunciado secundário (complexo). (2006, p. 263-264).

Em qualquer área de estudo linguístico faz-se necessário um conhecimento sobre a origem do enunciado e sobre a diversidade do seu tipo, uma vez que há uma grande diversidade dos mesmos. Portanto, não se deve mudar exageradamente a forma dos enunciados, tornando fracas as relações da língua com a vida, visto que a língua passa a integrar a vida através da realização de enunciados concretos (escritos e orais), e vice-versa, e estes enunciados são historicamente estruturados, de acordo com o campo em que estão inseridos. De acordo com Bakhtin (2006, p.266):

Em cada campo existe e são empregados gêneros que correspondem às condições especificidade de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

Os gêneros são importantes instrumentos para o auxílio no processo de ensino aprendizagem, visto que, através deles, a comunicação verbal torna-se mais fácil e os enunciados são melhor construídos.

Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. (BAKHTIN, 2006, p. 283)

Resumidamente, podemos definir a noção de gêneros na perspectiva de Bakhtin, como segue:

- Cada esfera de troca social elabora tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros;
- Três elementos os caracterizam: conteúdo temático – estilo – construção composicional;
- A escolha de um gênero se determina pela esfera, as necessidades da temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor. (apud SCHNEUWLY; DOLZ, 2007, p. 21).

Desta forma pode-se afirmar que, dependendo do contexto, há um instrumento adequado para auxiliar na comunicação, instrumento este que pode denominar-se gênero. Isso porque cada gênero possui três características fundamentais: o tema que se fala (conteúdo temático), uma maneira adequada para sua utilização (estilo) e uma estrutura apropriada (construção composicional), tudo isso determinado pelo campo onde se está utilizando a comunicação.

2.1.2 Os Gêneros Textuais / Discursivos na visão de Marcuschi

Para Marcuschi (2003) os Gêneros Textuais (textos orais ou escritos) são consolidados em situações comunicativas cotidianas e possuem padrões sócio-comunicativos característicos, definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilo que se realizam com influências de forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas. Estes gêneros textuais contribuem para ordenação e estabilização das atividades comunicativas de uma sociedade. Marcuschi segue a linha de abordagem Bakhtiniana para a definição de Gênero Textual.

Segundo Marcuschi (2003), os gêneros aperfeiçoam e se renovam a cada dia, pois não são instrumentos rígidos, dependem da necessidade da sociedade em um dado momento frente a fatores da evolução tecnológica. Dessa forma, muitos podem surgir, outros se transformar a fim de se adequarem, até mesmo por falta de funcionalidade, alguns deles desaparecer. Conforme Marcuschi os Gêneros Textuais:

Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (2003, p. 19).

Marcuschi não despreza os aspectos formais dos Gêneros Textuais, visto que muitos deles são determinados por estas características, porém dá ênfase aos aspectos sócio-comunicativos e funcionais, e exemplifica mostrando que em alguns casos o que determinará o gênero será o ambiente em que este está sendo utilizado:

Suponhamos o caso de um determinado texto que aparece numa revista científica e constitui um gênero denominado “artigo científico”; imaginemos agora o mesmo texto publicado num jornal diário e então ele seria um “artigo de divulgação científica”. É claro que há distinções bastante claras quanto aos dois gêneros, mas para a comunidade científica, sob o ponto de vista de suas classificações, um trabalho publicado numa revista científica ou num jornal diário não tem a mesma classificação na hierarquia de valores da produção científica, embora seja o mesmo texto. Assim, num primeiro momento, podemos dizer que as expressões “mesmo texto” e “mesmo gênero” não são automaticamente equivalentes, desde que não estejam no mesmo suporte. (MARCUSCHI, 2003, p. 21).

A variedade dos gêneros textuais é tão ampla, que se torna impossível relacionar todos os existentes. Marcuschi (2003) fala que, por serem os gêneros fenômenos sócio-históricos e culturalmente sensíveis, muitos teóricos, com a intenção de realizar uma classificação geral desse gêneros, desistiram, pois com essa

multiplicidade não há como realizar com sucesso uma lista fechada de todos eles. Alguns exemplos de gêneros textuais podem ser citados, como: carta eletrônica, bula de remédio, sermão, edital de concurso, telefonema, boletim de ocorrência, seminário, palestra, bilhete, aula expositiva, diálogo espontâneo, entre outros.

É na sociedade, nas atividades do cotidiano que surgem os gêneros. É através das necessidades de boa comunicação que se aprimora a forma de interação, de expressão. Os gêneros surgiram para auxiliar a comunicação, de forma que esta se realize ordenadamente, facilitando a compreensão de todos. Conforme Marcuschi (2003, p.30), “os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”. Portanto, tudo o que se realiza linguisticamente está inserido em um ou outro gênero, pois conforme afirmação de Marcuschi, que também representa o pensamento de Bakhtin, é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto.

Segundo Marcuschi (2003), o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, posto que podem ser trabalhados em diversos campos, tendo em vista a sua multiplicidade.

Resumidamente, pode-se afirmar que para Marcuschi Gêneros Textuais são textos escritos ou orais, instituídos historicamente, construídos através da coletividade para melhor utilização da comunicação na sociedade, sendo estes flexíveis, portanto sujeitos às mudanças.

2.1.3 Os Gêneros Textuais / Discursivos na visão de Bronckart

Segundo Bronckart (1999, p. 137), a noção de texto designa toda a unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário. O texto é a unidade comunicativa de nível superior que consegue transmitir ao seu destinatário sentidos de forma objetiva. O referido autor segue a visão bakhtiana de que os textos são produzidos através das atividades de linguagem realizadas no meio social, e que são organizados em função de

seus objetivos, interesses e questões específicas, apresentando características relativamente estáveis, podendo assim atribuir a esses textos o conceito de gêneros de textos.

Para Bronckart (1999), os gêneros apresentam características próprias e são entidades importantes que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente abertas e nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas, limitando assim nossas atividades escritas. Todo texto construído empiricamente é realizado tendo por base o gênero e está inserido dentro deste. Desse modo, todo texto construído por meio de pesquisa e experiências baseia-se em gênero e pertence a um.

Na concepção de Bronckart (1999, p. 138) “os gêneros não podem nunca ser objeto de uma classificação racional, estável e definitiva”, visto que os gêneros são produzidos em situações de linguagem (escrita ou oral). Tais situações são concretizadas em contextos sociais diversos, e os parâmetros que podem classificar um determinado gênero não são inflexíveis, uma vez que são construídos através da interação social, que não é realizada premeditadamente, assim, podendo ocorrer constantemente transformações nessas características, impulsionadas por mudanças de contexto, pela revolução tecnológica, entre outros fatores. Conforme Bronckart:

Qualquer que seja o gênero a que pertençam, os textos, de fato, são constituídos, segundo modalidades muito variáveis, por segmentos de estatutos diferentes (segmentos de exposição teórica, de relato, de diálogo, etc.). E é unicamente no nível desses segmentos que podem ser identificadas regularidades de organização e de marcação linguísticas.” (p. 138, 1999)

Os gêneros são meios que servem para auxiliar a interação dos seres humanos, facilitando a troca de informações e, conseqüentemente, a aquisição de conhecimento, pois segundo Bronckart (apud MARCUSCHI, 2003, p. 29) “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, inserção prática nas atividades comunicativas humanas”.

2.1.4 Os Gêneros Textuais / Discursivos na visão dos PCNs

No ano de 1997, depois de uma longa caminhada de estudos em torno das propostas curriculares de estados e municípios brasileiros, o MEC - Ministério da Educação (na época denominado Ministério da Educação e Desporto) lançou os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, e em 1998 esses documentos foram levados a público. Os PCNs surgem com a função de orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, favorecendo a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontravam mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica daquela época. Os PCNs surgiram como um instrumento para auxiliar a prática docente, melhorando assim o processo de construção e aquisição do conhecimento. Conforme os PCNs:

No contexto da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais se concebe a educação escolar como uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente. (BRASIL, 1997a, p. 33)

Na introdução dos PCNs de Língua Portuguesa de primeira a quarta série (p. 15), inicia-se o volume abordando o domínio da língua (oral e escrita), afirmando que esta é essencial aos homens para a participação social efetiva, devido ao fato de que é por meio desta que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Observando-se o ponto de vista da definição de gênero para alguns teóricos, já citados anteriormente, percebe-se que, de certa maneira, essa breve introdução dos PCNs é uma justificativa para o ensino do gênero, já que, conforme tais parâmetros, produzir linguagem significa produzir discursos, e, tendo em vista que os PCNs estão baseados na perspectiva bakhtiana, pode-se afirmar que a definição de discurso refere-se também ao termo Gênero, pois segundo os PCNs:

O discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. Assim, pode-se afirmar que texto é o produto das atividades discursivas oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão. (BRASIL, 1997b, p. 23)

Mais nitidamente, a noção de discurso abordada nos PCNs refere-se às atividades comunicativas que são realizadas em uma determinada situação, abrangendo tanto o conjunto de enunciados que a ele deu origem quanto às condições nas quais foram produzidas. Em outras palavras, podemos dizer que os discursos produzidos são práticas comunicativas, compostas por textos que os antecederam e que se adequam ao ambiente em que estão sendo utilizados. De acordo com os PCNs:

Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. [...] a noção de gênero refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto circula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado. (BRASIL, 1997b, p.23)

Outra definição para Gênero Textual, com o mesmo sentido anteriormente abordado, é dada em outro volume dos PCNs, abordando os principais componentes de um Gênero textual na perspectiva de Bakhtin:

O texto verbal pode assumir diferentes feições, conforme a **abordagem temática, a estrutura composicional, os traços estilísticos** do autor – conjunto que constitui o conceito de gênero textual. (BRASIL, 1997c, p.60, grifo nosso)

Nos PCNs visualiza-se a ideia de que os gêneros são produzidos historicamente, visto que a utilização habitual de determinados textos (orais e escritos), em um determinado meio social, faz com que certas formas incorporem o texto, fazendo parte de sua estrutura, tornando-o organizado e reconhecível como um determinado gênero.

Os gêneros são instrumentos para o ensino e uso da linguagem, visto que mediante estes se torna mais compreensível o processo da linguagem, e este é um dos fatores que fazem com que o ensino dos gêneros deva ser implantado no processo de aprendizagem, visto que, se existem objetivos que envolvem a utilização da linguagem, os gêneros devem ser trabalhados para o sucesso desse processo.

Os PCNs incentivam o trabalho com gêneros textuais no contexto escolar, visto que, para se trabalhar a diversidade textual que circunda o nosso meio, seja ela na linguagem oral ou escrita, é necessário fazer uso do gênero que melhor se ajusta à situação, pois segundo os PCNs de Linguagem, Código e Suas Tecnologias do Ensino Médio (BRASIL, 1997c, p. 77), “o estudo dos gêneros discursivos e dos modos que se articulam proporciona uma visão ampla da possibilidade de usos da linguagem, incluindo-se aí o texto literário”.

O que não fica clara na definição adotada pelos PCNs é a distinção entre Gênero e Tipo Textual (como explicaremos no próximo tópico), pois nos PCNs tudo se encaixa como Gênero, conforme podemos visualizar:

Uma aula da disciplina Língua Portuguesa, que integra a área de Linguagens e Códigos, ao tratar dos gêneros narrativos ou descritivos, pode fazer uso de relatos de fatos históricos, processos sociais ou descrições de experimentos científicos. (BRASIL, 1997c, p.18)

Ao sugerir atividades para o trabalho com a diversidade textual, os PCNs indicam o ensino de alguns gêneros que, segundo sua visão, são adequados ao contexto escolar e às necessidades dos alunos junto à sociedade. Esses por sua vez não são suficientes, visto que, com as novas tecnologias, há mais variedades de gêneros que devem ser incorporados ao contexto escolar e orientados quanto a sua utilização.

Desse modo, deve ser ensinado passo a passo como deve ser realizado cada gênero. No contexto escolar, inicialmente, o professor deve descobrir o que o aluno já conhece sobre o gênero a ser trabalhado, permitindo-se avaliar o que este já sabe sobre ele, para tentar suprir dificuldades encontradas, planejando atividades necessárias para que todos cheguem ao nível de conhecimento esperado e fazendo com que os alunos obtenham sucesso, não só dentro do contexto escolar, como fora dele. Abaixo, os gêneros sugeridos pelos PCNs:

Quadro 1 - Quadro dos Gêneros Discursivos conforme PCNs

GÊNEROS DISCURSIVOS
<p>Gêneros adequados para o trabalho com a linguagem oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> • contos (de fadas, de assombração, etc.), mitos e lendas populares; • poemas, canções, quadrinhas, parlendas, adivinhas, trava-línguas, piadas; • saudações, instruções, relatos; • entrevistas, notícias, anúncios (via rádio e televisão); • seminários, palestras.
<p>Gêneros adequados para o trabalho com a linguagem escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> • receitas, instruções de uso, listas; • textos impressos em embalagens, rótulos, calendários; • cartas, bilhetes, postais, cartões (de aniversário, de Natal, etc.), convites, diários (pessoais, da classe, de viagem, etc.); • quadrinhos, textos de jornais, revistas e suplementos infantis: títulos,

lides, notícias, classificados, etc.;

- anúncios, slogans, cartazes, folhetos;
- parlendas, canções, poemas, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas, piadas;
- contos (de fadas, de assombração, etc.), mitos e lendas populares, folhetos de cordel, fábulas;
- textos teatrais;
- relatos históricos, textos de enciclopédia, verbetes de dicionário, textos expositivos de diferentes fontes (fascículos, revistas, livros de consulta, didáticos, etc.)

Fonte: (BRASIL, 1997b, p. 72-73)

Em suma, podemos dizer que a comunicação é realizada por meio de gêneros textuais, sendo necessário o domínio de vários gêneros para melhor desenvolver a nossa capacidade de comunicação no meio social, facilitando assim a interação na sociedade.

2.2 TIPOS TEXTUAIS

Para melhor compreensão quanto à noção de gêneros, torna-se necessário assimilarmos alguns termos que surgem nesse meio, isto é, que fazem parte do mundo dos gêneros e que, em alguns casos, acabam sendo empregados de maneira equivocada, como é o caso dos tipos textuais. Nos livros didáticos, geralmente o que chamam de tipo textual é a definição utilizada para um gênero textual, pois, conforme exemplo citado por Marcuschi, uma carta pessoal é um gênero e não um tipo textual, como em muitos livros didáticos é definido. Não é que esse gênero (a carta) não possua um tipo textual, porém a carta é um gênero e não um tipo de texto, conforme afirma Marcuschi:

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. (2003, p. 22)

A definição de gênero textual, segundo Marcuschi, é mais abrangente, visto que esse é a solidificação de textos utilizados em nosso dia-a-dia e que se amoldam à realidade do contexto social, pois para ele:

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. (MARCUSCHI, 2003, p. 22-23)

Alguns exemplos de gêneros textuais são citados por Marcuschi (2003, 2008), como telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instrumentos de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. Conforme Meurer (2000, p. 150), “existem tantos gêneros textuais quantas as situações sociais convencionais em que são usados em suas funções também convencionais”.

Uma das principais diferenças entre tipo e gênero textual, para Marcuschi, é que os gêneros são entidades empíricas (caráter científico) em situações comunicativas e se expressam em situações diversas, constituindo em princípio listagens abertas, por ter uma grande variedade e não serem finitos, o que não acontece com os tipos, que podem ser relacionados em uma listagem fechada e não se desenvolvem baseados em experiências, também não são renováveis como os gêneros.

Essa questão da disparidade de textos está diretamente relacionada à tipologia textual, isto é, é o que gera essa tipologia textual, pois, conforme Silveira (2005, p. 30), a heterogeneidade dos textos não se apresenta apenas internamente, eles diferem também externamente, de um para o outro, de acordo com seus contextos, suas funções sociais, gerando, assim, a polêmica questão das tipologias textuais.

Para Dolz e Schneuwly (2007), os tipos textuais, de certa maneira, são formas de garantir características que determinam uma maior heterogeneidade dos gêneros, ampliando a diversidade, oferecendo possibilidades de escolhas, garantindo um domínio mais consciente destes, principalmente para aqueles que trabalham com os diversos gêneros existentes. De acordo com Schneuwly:

Os tipos de textos – ou, psicologicamente falando, as escolhas discursivas que se operam em níveis diversos do funcionamento psicológico de produção – seriam, portanto, construções ontogenéticas necessárias à autonomização dos diversos tipos de funcionamento e, de modo mais geral, da passagem dos gêneros primários aos gêneros secundários [...]. (2007, p. 37-38,)

Bronckart (1999, p. 149) utiliza o termo tipo discursivo em vez de tipo textual, dando um sentido semelhante ao adotado por Marcuschi (2003), pois, em sua definição, os tipos de discurso são definidos como formas linguísticas que são identificáveis nos textos e que traduzem a criação de mundos discursivos específicos, sendo esses tipos articulados entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos que conferem ao conjunto textual sua coerência sequencial e configuracional.

O que Marcuschi (2003) denomina de tipo textual, Meurer (2000) denomina de modalidades retóricas, que para ele são as estruturas e as funções textuais presentes no gênero textual, pois segundo Meurer:

Essas modalidades são estratégias para organizar a linguagem, muitas vezes independentemente das funções comunicativas associadas aos gêneros textuais específicos. Assim, com frequência, um único texto contém mais do que uma modalidade retórica. (2000, p. 150)

Essas distinções entre tipo e gênero textual não fazem parte de uma dicotomia, de duas coisas adversas, pois um faz parte do outro, integrando-se e se complementando, conforme Marcuschi (2008, p. 156,), “não devemos imaginar que a distinção entre gênero e tipo textual forme uma visão dicotômica, pois eles são dois aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária”. Desta forma, pode-se afirmar que os tipos textuais são limitados, porém os gêneros textuais são amplamente variados, renováveis e ilimitados.

Sem fugir dos termos que vinculam o campo dos gêneros, explorar-se-á um dos integrantes deste meio, ainda não denominado neste capítulo, que é o Domínio Discursivo, o qual se refere ao campo em que o gênero textual está inserido, pois segundo Marcuschi:

Domínio Discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (por exemplo: discursivo jurídico, discursivo jornalístico, discursivo religioso etc.). (2008, p. 155)

Definindo mais claramente, Marcuschi (2008) afirma que esses domínios fazem parte de práticas discursivas nas quais se percebe um grupo de gêneros textuais que, às vezes, são próprios ou específicos daquele contexto em que circulam, concretizados

através de rotinas comunicativas que são institucionalizadas e instauradas de relações de poder. Em outras palavras, em diferentes campos encontram-se exercícios discursivos, isto é, prática de textos, que são realizados e concretizados através do constante uso, e que são característicos daquele campo, por se adequarem às necessidades de comunicação que o campo exige.

Completando este capítulo, utiliza-se uma síntese de Marcuschi (2008, p. 158), que afirma que para a noção de tipo textual predomina a identificação de sequências linguísticas como norteadoras, isto é, são as estruturas. Já para a noção de gênero textual, predominam os critérios de padrões comunicativos, ações, propósitos e inserção sócio-histórica. Domínio discursivo refere-se às formações históricas e sociais que originam os discursos.

Para melhor assimilação, apresenta-se a ilustração que segue:

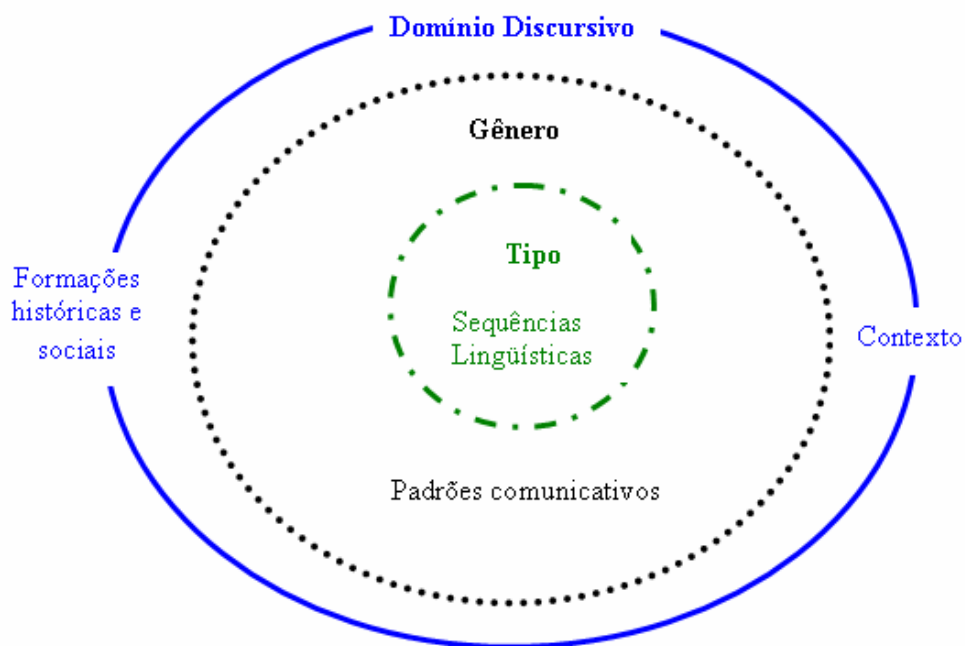


Figura1: Ciclo representativo do Domínio Discursivo, Gêneros Textuais e Tipos Textuais

O círculo é utilizado para ilustrar como o domínio discursivo e o tipo textual se entrelaçam com o gênero. O domínio pode ser denominado como local onde o gênero é utilizado, isto é, o contexto de utilização do gênero. Já o tipo textual refere-se às sequências linguísticas, em outras palavras, são aspectos sintáticos, tempos verbais, lexicais, estilo, organização do conteúdo, enfim, é o que pode ser chamado de estrutura composicional dos textos, que podem ser divididos em tipos textuais como narração,

argumentação, exposição, descrição e injunção. E o gênero é o conjunto destes elementos (domínio e tipo), formando assim um instrumento de comunicação com uma estrutura relativamente estável, isto é, instrumentos de comunicação com padrões comunicativos apropriados para serem utilizados em diversos contextos.

Conclui-se que os gêneros (ex: carta, bilhete, sermão, Exposição Oral, palestra) são constituídos por modelos comunicativos estabelecidos com base no contexto ao qual pertencem, isto é, ao domínio discursivo (ex: jornalístico, familiar, religioso) em que estão inseridos, e essa diversidade de gêneros faz-se necessária para a melhoria da comunicação, pois vários são os campos em que ela é utilizada, e para cada um há uma maneira adequada para se comunicar. Desta forma, para uma melhor estruturação dos modelos comunicativos, cada gênero é composto por um ou mais tipos textuais. No próximo capítulo abordar-se-á o gênero Exposição Oral.

3 O GÊNERO EXPOSIÇÃO ORAL

A Exposição Oral, também denominada seminário, é um gênero textual público, sendo esta considerada um instrumento que auxilia na aquisição, bem como no enriquecimento de conhecimento que, por meio de uma abertura comunicativa entre os envolvidos, neste caso o expositor e um determinado público (ouvintes), tornam-se possíveis um melhor entendimento e aprofundamento de um tema (conteúdo), tanto da parte do expositor como do ouvinte, pois:

A exposição representa, no entanto, um instrumento privilegiado de transmissão de diversos conteúdos. Para a audiência, mas também e, sobretudo para aquele(a) que a prepara e apresenta, a exposição fornece um instrumento para aprender conteúdos diversificados, mas estruturados graças ao enquadramento viabilizado pelo gênero textual. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2007, p. 216)

Conforme Dolz et al (2007, p. 217), “a exposição é um discurso que se realiza numa situação de comunicação específica que poderíamos chamar de bipolar, reunindo um orador ou expositor e seu auditório” e para Bronckart (apud DOLZ; SCHNEUWLY, 2007), a exposição pode ser qualificada como um espaço-tempo de produção em que o enunciador dirige-se ao destinatário por meio de uma ação de linguagem que veicula um conteúdo referencial.

Através da Exposição Oral (seminário), possibilita-se a troca de informações em qualquer contexto em que seja utilizada, pois o expositor apresenta as principais informações sobre um determinado assunto de forma sistematizada e repassa-as aos ouvintes, podendo tanto encontrar-se no papel de expositor quanto no ouvinte, dando e recebendo informações. De acordo com Andrade:

O seminário é uma das mais eficientes formas de reunião informativa, pois desperta mais interesse, desde que nos grupos de seminários cada indivíduo pesquise e relate o tema que lhe foi atribuído. É também a forma que melhor serve ao treinamento de qualquer espécie. (2005, p. 138)

Conforme Câmara Jr., a Exposição Oral possui características específicas que devem ser empregadas de forma adequada para que haja uma comunicação apropriada:

É claro que o grande número de traços característicos da Exposição Oral, ausentes na escrita, impõe o dever de bem utilizá-los, para que a linguagem seja boa. Quem fala em público tem de atentar para o timbre da voz, para a altura da emissão vocal, para o complexo fenômeno que se chama entoação das frases, bem como saber jogar, adequadamente, com gestos do corpo, dos braços, das mãos e da fisionomia. (CÂMARA JR., 1977, p. 16)

Na citação de Câmara Jr., quando ele diz “para que a linguagem seja boa”, há a interpretação com o sentido “para que a linguagem seja adequada”, uma vez que nenhuma linguagem é melhor ou pior que a outra, apenas há uma mais apropriada que a outra para determinados contextos.

Para se trabalhar Exposição Oral em sala de aula é indispensável respeitar as diferentes formas de falar do aluno, visto que a Exposição Oral demanda confiança e auto-estima, pois se o aluno ao falar for repreendido ou se transformar em motivo de risos, poderá ficar envergonhado e, quando for necessário se expor na frente dos colegas novamente, talvez não seja capaz de se sentir seguro e desenvolver com sucesso sua exposição, sendo esse um fator negativo para seu desenvolvimento e que pode acompanhá-lo por toda a sua vida. Mas a escola deve ensinar o uso correto das palavras, das colocações destas nas frases, de maneira mais didática, através do ensino dinâmico da gramática, sendo a Exposição Oral um gênero auxiliar nesse ensino, quando ensinado corretamente do início ao fim, proporcionando assim uma melhor assimilação da forma de expressar-se oralmente em qualquer ambiente. Segundo os PCNs:

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. (BRASIL, 1997b, p. 38)

Quando a Exposição Oral é praticada no contexto escolar, o aluno expõe determinado tema e experimenta a sensação de tornar-se o professor por alguns instantes, sendo esta uma experiência importante para seu crescimento pessoal, tendo em vista que através desta o aluno toma para si a responsabilidade de aprender o conteúdo e de conseguir transmiti-lo de maneira adequada para seus colegas, fazendo com que aprendam de forma mais fácil o tema que está sendo exposto.

O seminário é semelhante ao simpósio¹, porém, para que ele se realize, não é necessário recorrer a especialistas; além disso, ele pode se dar numa sequência de aulas, e não apenas em eventos de maior alcance. Assim, o seminário é uma das formas de se abordarem vários subtemas relacionados a um tema geral, amplo. Desse modo, em diferentes momentos, uma pessoa, ou um grupo de pessoas, alunos ou professores – em sala de aula, ou em locais específicos –

¹ Para Rangel o simpósio pode se desenvolver mediante a exposição de partes de tema, ou de pontos de vista de diferentes sobre um mesmo tema, por pessoas competentes, ou especialistas e pesquisadores que se tenham dedicado a seu estudo.

expõem um subtema no âmbito temático geral que o seminário promove. (RANGEL, 2007, p. 56)

O que se evidencia é que nem sempre a Exposição Oral é constantemente utilizada no contexto escolar, pois conforme já afirmado por Dolz et al:

Parece-nos evidente que a exposição deva ser tratada como objeto de ensino de expressão oral: “fazer uma **Exposição Oral**” – ou, segundo a terminologia freqüentemente utilizada na escola, **um seminário** – representa uma das raras atividades orais que são praticadas com muita freqüência nas salas de aula, nas aulas de francês, mas também nas de ciências, história etc. (2007, p. 215, grifo nosso)

Os PCNs de Língua Portuguesa incentivam a utilização da Exposição Oral e confirmam a sua pouca utilização em sala de aula de forma adequada, isto é, não é ensinada de forma sistemática, tendo em vista que a escola ainda não se conscientizou da forma ponderada de ensinar os alunos a se expressarem oralmente nos diversos campos sem interferir no seu jeito individual de falar, em outras palavras, no seu dialeto.

Para auxiliar os alunos, que em sua maioria possuem dificuldades de se expressarem oralmente nos diversos contextos, os PCNs de Língua Portuguesa sugerem o ensino e utilização deste gênero de forma constante, desde as séries iniciais até o ensino superior:

A Exposição Oral ocorre tradicionalmente a partir da quinta série, por meio das chamadas apresentações de trabalho, cuja finalidade é a exposição de temas estudados. Em geral o procedimento de expor oralmente em público não costuma ser ensinado. Possivelmente por se imaginar que a boa Exposição Oral decorra de outros procedimentos já dominados (como falar e estudar). No entanto, o texto expositivo — tanto oral como escrito — é um dos que maiores dificuldades apresenta, tanto ao produtor como ao destinatário. Assim, é importante que as situações de Exposição Oral freqüentem os projetos de estudo e sejam ensinadas desde as séries iniciais, intensificando-se posteriormente. (BRASIL, 1997b, p. 39)

Não se pode afirmar que a Exposição Oral não seja utilizada como objeto de ensino, embora não seja aplicada de maneira sistematizada para facilitar um melhor desenvolvimento dos alunos no processo de assimilação deste referido gênero. O que ocorre é que o ensino deste não é feito de forma detalhada, pois apenas se trabalha solicitando um seminário, como é freqüentemente chamado, e os alunos desempenham da maneira deles, sem o ensino passo a passo desta realização, dando a entender que eles já sabem como realizá-lo. Segundo Dolz et al (2007, p.16):

Entretanto, se a exposição vem de uma longa tradição e é constantemente praticada, muitíssima vezes isso se dá sem que um verdadeiro trabalho didático tenha sido efetuado, sem que a construção da linguagem expositiva seja objeto de atividades de sala de aula, sem que estratégias concretas de intervenção e procedimentos explícitos de avaliação sejam adotados.

De acordo com Câmara Jr. (1977), devido à Exposição Oral apresentar um aspecto espontâneo da linguagem falada, pode parecer, no primeiro instante, que deva ser feita de improviso, no sentido absoluto, para causar uma boa impressão ao auditório, mas ele explica que não é por este caminho, visto que para tornar a exposição mais natural não necessariamente teremos que improvisar em todos os momentos, pois para a realização de uma Exposição Oral satisfatória, isto é, que atinja os seus objetivos, faz-se necessária uma preparação prévia. De acordo com Câmara Jr.:

A rigor, o improviso deve restringir-se à formulação verbal dos pensamentos. À frase de antemão preparada, em todos os seus detalhes, falta o calor e a vida que queremos sentir na enunciação oral. Para ter uma e outra é preciso que ela seja um produto do momento, determinada pelo estímulo da atenção e do interesse que o expositor apreende em volta de si e orientada pelas reações dos indivíduos em cujo meio ele se acha. Há um processo de elaboração formal, condicionada pela receptividade mais ou menos cambiante que se entremostra nos ouvintes, e só assim a exposição se torna impressiva e eficiente. É o que não se verifica no discurso lido, e esta circunstância é uma das várias inconveniências que ele oferece. (CÂMARA JR., 1977, p. 44)

Assim, fica evidente que essa sensação de improviso que agrada aos ouvintes não deve ser deixada de lado, o que deve ser feito é transmitir essa sensação de espontaneidade ao repassar as informações previamente assimiladas.

A Exposição Oral possui três aspectos constitutivos na sua produção, conforme já dito anteriormente, e que são descritos por Bakhtin quanto aos gêneros em geral: o tema (os conteúdos abordados no gênero), a forma composicional (estrutura/organização comunicativa dos textos pertencentes ao gênero) e o estilo (configurações específicas de unidades linguísticas, como traços da posição enunciativa do enunciador, os conjuntos particulares de sequências textuais e de tipos discursivos que forma a estrutura).

Na Exposição Oral o expositor é o responsável por coletar as informações sobre o assunto que transmitirá ao público. Ele desenvolverá um trabalho de pesquisador, realizando consultas em torno do conteúdo que irá abordar, selecionando as informações essenciais. Toda essa coleta de dados é feita com base no público alvo, pois o expositor levará em conta o que o público alvo já deve saber sobre o assunto, para buscar outras informações que acrescentem o seu conhecimento. O sucesso da Exposição Oral depende relativamente do seu planejamento, pois o expositor deverá selecionar as informações mais relevantes que deverão ser direcionadas ao público, organizando-as de maneira adequada, isto é, de forma clara e coerente para que as

informações no decorrer da apresentação sigam uma lógica apropriada para uma melhor assimilação.

Ao realizar uma Exposição Oral não se trabalha somente com a linguagem verbal oral, tendo em vista que para a sua preparação são utilizados recursos verbais escritos para executá-la de forma apropriada, pois antes da apresentação de qualquer conteúdo realiza-se pesquisa, selecionam-se informações, produzem-se pequenos textos, assim colocando em prática outras atividades que não envolvem somente a oral, pois conforme os PCNs (Língua Portuguesa de 1ª a 4ª série, 1997, p. 40) “a preparação e a realização de atividades e projetos que incluam a Exposição Oral permitem a articulação de conteúdos de língua oral e escrita (escrever o roteiro da fala, falar a partir do roteiro etc.)”.

Segundo Rojo:

Não existe ‘o oral’, mas ‘os orais’ sob múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender – como é o caso da **Exposição Oral** ou, ainda mais, do teatro e da leitura para os outros –, como também podem estar mais distanciados – como nos debates ou, é claro, na conversação cotidiana. (2006, p. 463, grifo nosso)

Segundo Câmara Jr. (1977, p. 46), uma Exposição Oral deve ter um começo introdutório, com considerações gerais do conteúdo que será apresentado, um corpo de matéria, com as informações integrais do assunto abordado e uma conclusão, com o resumo consolidando o conteúdo que já foi exposto.

A Exposição Oral² é estruturada nas seguintes fases, conforme Dolz et al. (2007, p. 35):

- Abertura:

O aluno, que neste caso torna-se o expositor, cumprimenta e se apresenta para o público (ouvintes). No contexto escolar o professor geralmente chama à frente o aluno que irá apresentar o trabalho, mas mesmo com essa apresentação inicial, é importante que o aluno cumprimente os colegas (ouvintes), para que já acione a sensação de estar sendo o expositor, isto é, o especialista do tema que irá apresentar.

² Neste caso estamos nos referindo a Exposição Oral realizada em sala de aula, isto é, no contexto escolar.

- Introdução do Tema:

Essa é a fase inicial da fala do expositor, quando ele apresentará o tema que será abordado, sendo que nessa fase ele poderá justificar sua escolha pelo tema, fazendo essa introdução de forma que desperte a atenção dos ouvintes para o assunto que será apresentado.

- Apresentação do Plano da exposição:

Nessa fase o expositor enumerará, isto é, falará das sequências de ideias que seu tema abordará, seguindo o seu planejamento de exposição, de forma que tudo que será apresentado seja detalhado no desenvolvimento do trabalho.

- Desenvolvimento e encadeamento dos temas:

O expositor apresentará o tema na íntegra, seguindo a sequência que foi apresentada no plano de exposição.

- Recapitulação e síntese:

Depois de apresentado todo o conteúdo, o expositor poderá retomar os principais pontos abordados na apresentação, para que os alunos assimilem melhor aquilo que foi exposto. Esta fase pode servir de transição entre o desenvolvimento da exposição e as fases de conclusão desta.

- Conclusão:

Parte em que se transmite a mensagem final da exposição e que também pode submeter os ouvintes a um problema novo, desencadeado pela exposição ou, ainda, dar início a um debate sobre o tema.

- Encerramento:

Para encerrar a apresentação, o expositor pronunciará seu agradecimento ao público (ouvintes).

Para que a Exposição Oral seja bem realizada, é necessário trabalhar os principais elementos do sistema textual da exposição para que os alunos desenvolvam de forma adequada a Exposição Oral, isto é, patrocinar aos alunos um aprendizado em torno das operações linguísticas, pelo menos uma breve noção, que devem ser

utilizadas neste gênero específico. O sistema textual da exposição, conforme Dolz et al (2007, p. 222-223), é composto pelos seguintes elementos:

- Coesão Temática: Assegura a relação das diferentes partes temáticas que se está apresentada na Exposição Oral (então, falemos agora da alimentação do castor [...]; / então, a esta dinâmica de diversificação / é preciso agora opor uma dinâmica contrária que é dinâmica / unificadora [...]; então chegamos ao capítulo histórico importante da codificação do francês central [...])
- Sinalização do texto: que distingue, no interior das séries temáticas, as ideias principais das ideias secundárias (...sobretudo...); as explicações das descrições (então esses elementos isolados / os sons as formas as significações nós chamamos de traços / então quando uma língua muda / é evidente que todos os traços não podem mudar ao mesmo tempo / por quê? Porque a comunicação precisa ser preservada / podemos mudar um pequeno elemento / isso não muda nada na compreensão mas se mudamos tudo ao mesmo tempo de ruptura / que é preciso evitar então a mudança linguística é extremamente lenta / é imperceptível;³ os desenvolvimentos das conclusões resumidas e das sínteses (portanto, o castor então o dia inteiro constrói conserta fecha os diques vigia os níveis da água procura alimento em resumo ele tem dias bastantes ocupados [...], bom, agora eu gostaria de resumir – em duas palavras – nós vimos, então que...). O domínio dessas operações depende bastante do uso de marcadores de estruturação do discurso (então, portanto, sobretudo etc.); de organizadores temporais (então, no momento etc.); e dos tempos verbais (por exemplo, futuro na apresentação do plano de exposição: então, ao longo desta conferência, farei primeiramente da descrição deste animal eu farei uma descrição / como veremos, farei um descrição em seguida; futuro perifrástico e imperativo, frequentemente empregados para marcar as fases da exposição: então, falemos agora de...; então, passemos agora a ...; bom, agora, para terminar, vamos falar de...; então, tomemos a diversidade das línguas[...])
- Introdução de exemplos (explicativos ou ilustrativos), para ilustrar, esclarecer ou legitimar o discurso; para “assegurar a boa recepção do discurso pelo destinatário” (Coltier 1988): então, justamente, eu tenho o seguinte exemplo – de ...
- Reformulações (em forma de paráfrase ou de definições), a fim de esclarecer termos percebidos como difíceis ou novos: / um arcaísmo, o que é? / é / uma palavra ainda viva entre nós, embora / em francês esteja fora de moda.

Como se observa acima, na Exposição Oral faz-se necessária uma noção da estruturação de um texto mais longo, tendo em vista que a Exposição Oral é um instrumento que auxilia no repasse de temas diversos e, para que estas informações sejam transmitidas com facilidade, o texto apresentado deve ser bem estruturado

³As etapas da explicação se apresentam assim:

- a) Questão: é evidente que todos os traços não podem mudar ao mesmo tempo / por quê?
- b) Resposta geral: Porque a comunicação precisa ser reservada /
- c) Resposta desenvolvida (em forma de reformulação): podemos mudar um pequeno elemento / isso não muda nada na compreensão, mas se mudamos tudo ao mesmo tempo tem uma ruptura / que é preciso evitar
- d) Conclusão, que é uma retomada de a), mas de uma forma geral: então a mudança linguística é extremamente lenta / e imperceptível.)

facilitando assim a assimilação do conteúdo por parte dos ouvintes. Portanto, a Exposição Oral possui várias características integrantes de sua estrutura que devem ser assimiladas pelos participantes envolvidos nesse processo. Outras dicas devem ser observadas pelos envolvidos em uma Exposição Oral como, por exemplo:

- Sobre a utilização de recursos⁴:

- Verbais (alguns já foram citados acima):

<i>Vou tentar explicar-lhe hoje...</i>	<i>Os resultados indicam que...</i>
<i>Em primeiro lugar...</i>	<i>A diferença entre...</i>
<i>O assunto da minha exposição será...</i>	<i>Portanto, podemos dizer que...</i>
<i>Gostaria de falar-lhes sobre...</i>	<i>Trata-se...</i>
<i>Minha exposição abordará...</i>	<i>Em comparação com ...</i>
<i>Então, comecemos por...</i>	<i>Na minha opinião...</i>
<i>Vejam primeiro...</i>	<i>Parece-me que...</i>
<i>O objetivo desta apresentação...</i>	<i>Sobretudo...</i>
<i>Conforme se pode observar...</i>	<i>Gostaria de resumir alguns pontos...</i>
<i>Gostaria de chamar a vossa atenção para...</i>	<i>Em resumo...</i>
<i>Então, falei de ...e vou agora passar a...</i>	<i>Podemos agora recapitular...</i>
<i>Vamos agora abordar...</i>	<i>Então, como conclusão, gostaria de colocar a seguinte questão...</i>
<i>A questão que abordaremos agora é...</i>	<i>Para concluir...</i>
<i>Em seguida..</i>	<i>E é tudo.</i>

- Paraverbais (tom de voz – alto e pausadamente, pronunciando com clareza as palavras; ritmo – nem muito rápido e nem muito lento; entoação – para marcar a mudança de nível textual no decorrer da apresentação);

- Não-verbais (olhares – olhar para frente e não fixar em um só ouvinte, mas sim percorrer toda a plateia; gestos e postura corporal – espontâneos e moderados para não chamar a atenção dos ouvintes);

- Didáticos: instrumentos (materiais) complementares que auxiliam no repasse de informações. Esses recursos didáticos serão utilizados na exposição para melhor transmissão de conteúdos como, por exemplo: cartolina, canetinhas

⁴ Alguns exemplos aqui citados baseiam-se em Dolz e Schneuwly (2007, p. 225; 226; 236; 237). Quanto aos recursos verbais, no livro eles são nomeados de marcadores para encadeamento do texto.

coloridas, computador (com ou sem acesso a internet), retroprojetor, livros didáticos, revistas, jornais, entre outros, que facilitam a confecção de cartazes e slides, que possibilitam a sistematização do conteúdo e facilitam o entendimento do público ao qual se está apresentando determinado conteúdo/tema. As informações trazidas nestes recursos devem ser simples e objetivas, e os alunos não devem ater-se somente a estas informações, pois esse recurso é só um auxílio, e todas as informações a serem repassadas já devem ser de conhecimento prévio do expositor.

- Ter domínio do conteúdo que irá apresentar levando-se em conta o que os ouvintes já conhecem e o que ainda necessitam saber, isto é, tomar o papel de *expositor-especialista*, conforme citado por Dolz e Schneuwly (2007). Esse domínio do conteúdo faz-se necessário para transmitir com confiança e segurança o tema abordado, já que nem todas as informações que deverão ser repassadas aos ouvintes estarão necessariamente no material de apoio, pois este, como o próprio nome já diz, é um apoio, e servirá como norteador daquilo que deverá ser repassado, e que o expositor deverá ter pleno domínio.
- O expositor no decorrer de sua apresentação deverá observar se os ouvintes estão conseguindo assimilar o que está tentando transmitir, para adequar instantaneamente a sua fala de acordo com a receptividade do público. Isso porque haver imprevisto quanto àquilo que foi planejado, tendo em vista que é no momento da apresentação do seminário que se pode perceber se os ouvintes estão conseguindo aprender de fato o conteúdo que está sendo abordado, ou há de se mudar a estratégia de transmissão para que o conteúdo seja assimilado de forma mais clara. De acordo com Dolz et al (2007, p. 219), o expositor deverá “(...) ao longo de sua exposição, avaliar a novidade, a dificuldade daquilo que se expõe – permanecendo atento aos sinais que lhe são enviados pelo auditório –, e, na medida do necessário, dizer de outra maneira, reformular, definir.”
- Atentar-se ao tempo estimado para sua exposição, fazendo sua abordagem dentro do tempo determinado que, neste caso, será o prazo estabelecido pelo docente;

- O público deverá ouvir com atenção as informações repassadas pelo expositor e realizar perguntas e comentários no término da exposição, conforme orientações;⁵
- Utilizar corretamente as palavras, atentando-se para as pronúncias corretas, utilização adequada dos tempos verbais, além de se evitar o uso de gírias. Para Dolz e Schneuwly (2007), esta correção poderá acontecer no final da preparação final do texto da Exposição Oral, para não sobrecarregarmos o aluno com a correção das palavras no decorrer da montagem inicial. De acordo com esses doutos autores,

Entretanto, uma revisão final, de um ponto de vista estritamente ortográfico, é necessária. Porém, ela deve ser realizada na versão final do texto. Deve-se insistir, particularmente, na importância dessa higienização ortográfica nos textos que serão lidos para os outros, seja na sala de aula, seja fora dela. (DOLZ; SCHENEUWLY, 2007, p. 118)

Em suma, conclui-se que a Exposição Oral é um gênero textual público, podendo ser considerado um instrumento estruturado que auxilia no processo de aprendizagem, através de uma situação de comunicação considerada *bipolar*⁶, por possuir um expositor e um auditório/público. Para a realização de uma boa Exposição Oral é necessário um trabalho sistemático do ensino deste gênero, fazendo-se com que os participantes aprendam de maneira prática o que é e como se realiza, para que os objetivos pretendidos com a Exposição Oral de determinado tema sejam alcançados.

Em seguida, será explanado o tema Oralidade, trazendo uma abordagem sobre a relação fala e escrita e o ensino da oralidade.

⁵ Baseado nas orientações da sequência didática para a Exposição Oral, Revista Nova Escola, edição 221 de abril de 2009.

⁶ Termo utilizado por Dolz e Schneuwly (p. 217, 2007)

4 ORALIDADE

Oralidade vem de oral, que expressa o que é feito com a boca ou que se transmite verbalmente. Quando falamos de oralidade, estamos nos referindo à utilização da linguagem verbal por meio oral, isto é, utilização de textos por meio da fala, em outras palavras, à prática de discursos orais.

Marcuschi (2008) define o significado de fala e oralidade diferenciando estes termos baseado na sua utilização no campo das práticas sociais (oralidade e letramento) e modalidades de uso da língua (fala e escrita). Para ele:

A **oralidade** seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.(...) A **fala** seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica. (MARCUSHI, 2008, p. 25)

Quando se trata de fala, a referência relaciona-se à modalidade de linguagem por meio oral, isto é, a forma de produzir discurso por meio sonoro. Esta, por sua vez, é adquirida naturalmente e pertence à prática comunicativa oral a qual denominamos oralidade. Assim, a oralidade é a utilização da fala na sociedade, como forma de interação, seja nos contextos mais formais ou não. A seguir, discorre-se sobre a relação fala e escrita.

4.1 RELAÇÃO FALA E ESCRITA

Acreditava-se que a evolução da escrita fundamentava-se na utilização da linguagem oral, pois nasceu com a intenção inicial de representação da fala, porém esta representação não se realizou de forma fidedigna, pois muitos elementos que acompanham a fala não podem ser representados pela escrita como, por exemplo, a postura corporal, os gestos, os olhares, o tom de voz etc. e alguns elementos

encontrados na escrita também não podem ser encontrados na fala como, por exemplo, o tamanho das letras, suas diferentes formas e cores, entre outros.

Desta forma, pode-se considerar que a linguagem oral foi o alicerce para a linguagem escrita, tendo em vista que aquela surgiu antes desta, mas não se pode considerar que a escrita seja a representação da fala, e nem afirmar que a fala seja superior à escrita ou vice-versa, pois uma complementa a outra, e ambas possuem sua importância na comunicação. Conforme Marcuschi (2008, p. 17), “Se é bem verdade que todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral, mas relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição escrita, isto não torna a oralidade mais importante ou prestigiosa que a escrita”.

Muitos imaginam que a fala não obedece à norma padrão, isto é, ao estilo mais formal da comunicação. Esta é uma forma de dicotomia estrita, pois de acordo com Marcuschi (2008, p.28) “A perspectiva da dicotomia estrita tem o inconveniente de considerar a fala como o lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e bom uso da língua. Seguramente, trata-se de uma visão a ser rejeitada”.

Baseadas na estrutura conversacional da linguagem oral, Fávero, Andrade e Aquino (2007) explicam que, até meados dos anos 60, esta modalidade foi considerada o lugar do caos gramatical por conter uma quantidade importante de elementos pragmáticos (pausas, hesitações, alongamentos, entre outros), dando a impressão de que a norma padrão não era utilizada.

Com o início dos estudos de textos, abriram-se os olhares para o processo e não somente para o produto (conversaço). Assim, a linguagem oral deixa de ser vista como mera verbalizaço e passa a fazer parte de análises textuais que observam não só a sua produço final como também as condições de realizaço de cada atividade desse gênero. Desta forma, percebe-se que não se trata do desuso da norma padrão, mas, da forma como ela é empregada, que é diversificada da forma como é utilizada na linguagem escrita, uma vez que os processos de produço e realizaço destas duas modalidades (oral e escrita), dependendo do contexto em que estão inseridas, podem ser muito distintos.

Tanto a fala como a escrita, em todas as suas formas de manifestação textual, são normatizadas (não se pode dizer que a fala não segue normas por ter enunciados incompletos ou por apresentar muitas hesitações, repetições e marcadores não lexicalizados). (MARCUSCHI, 2008, p.46)

A fala e a escrita não devem ser consideradas dicotômicas, visto que mesmo com algumas diferenças há mais semelhanças que as agregam e complementam. Ambas fazem parte de um mesmo sistema linguístico, não sendo consideradas independentes e opostas, embora possuam suas particularidades, por fazerem parte de um universo diversificado, onde em uma o foco é a sonoridade e em outra é a utilização de símbolos gráficos. No entanto, torna-se necessário, na maioria das vezes, utilizar essas duas modalidades de linguagem para se obter uma comunicação mais eficiente. Na visão de Marcuschi (2008, p.32), “(...) fala e escrita não são propriamente dois **dialetos**, mas sim duas modalidades de uso da língua, de maneira que o aluno, ao dominar a escrita, se torna **bimodal**. Fluente em dois modos de uso e não simplesmente em dois dialetos”.

De acordo com Marcuschi (2008), numa perspectiva sociointeracionista, que possui seguidores como: Preti (1991, 1930), Koch (1992), Marcuschi (1986, 1992, 1995), Kleiman (1995), Urbano (2000), entre outros, a preocupação com a prática da linguagem é realizada a partir dos processos de produção de sentidos tendo como base seus contextos sociais; em suma, esta perspectiva “(...) preocupa-se com a análise dos gêneros textuais e seus usos na sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p. 34).

De acordo com Koch (2003, p. 78), pode-se encontrar algumas diferenças entre a fala e a escrita, porém nem sempre estas distinguem as duas modalidades, tendo em vista que existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo do contexto em que estão inseridas.

Tratando-se desta disparidade entre fala e escrita, Marcuschi fala sobre um *continuum*, que talvez seja a chave para o entendimento das diferenças existentes nessas duas modalidades de linguagem. Para ele, as diferenças existentes nestas modalidades não são características pertencentes a cada uma delas, mas sim características de um sistema normativo da língua, do qual essas fazem parte, que as individualiza enquanto relação entre fatos linguísticos e práticas sociais. De acordo com Marcuschi:

As relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Também não se pode postular polaridades estritas e dicotomias estanques. (2008, p. 34).

Antes de Marucschi, Biber (1988, p.18 apud Fávero; Andrade; Aquino, 2007, p. 78) já havia mencionado este *continuum*, realizando uma distribuição de quatro gêneros textuais dentro de um contínuo, mostrando que em alguns casos há uma grande proximidade entre a fala e a escrita e em outros, estas características afastam-se. Ele realiza esta distribuição com base em quatro traços linguísticos, sendo eles: muitas nominalizações e passivas, poucas nominalizações e passivas, muitos pronomes e contrações, poucos pronomes e contrações. Vejamos a figura abaixo:

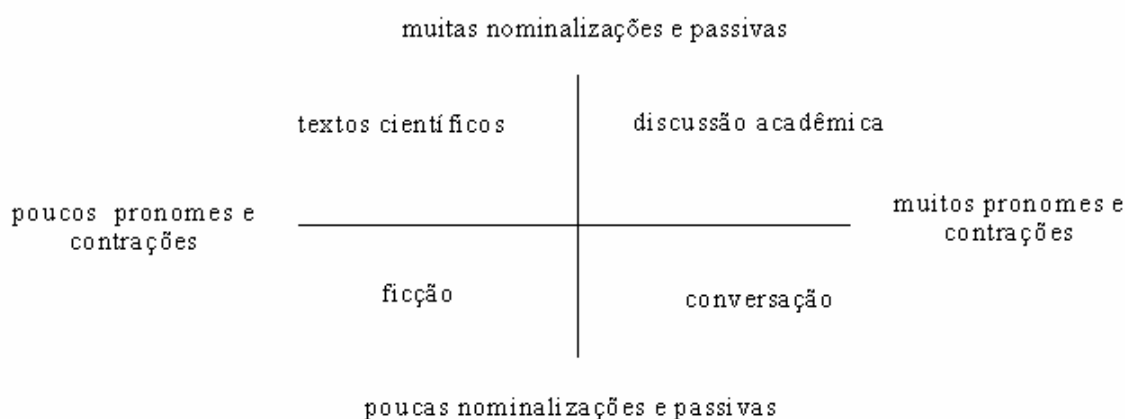


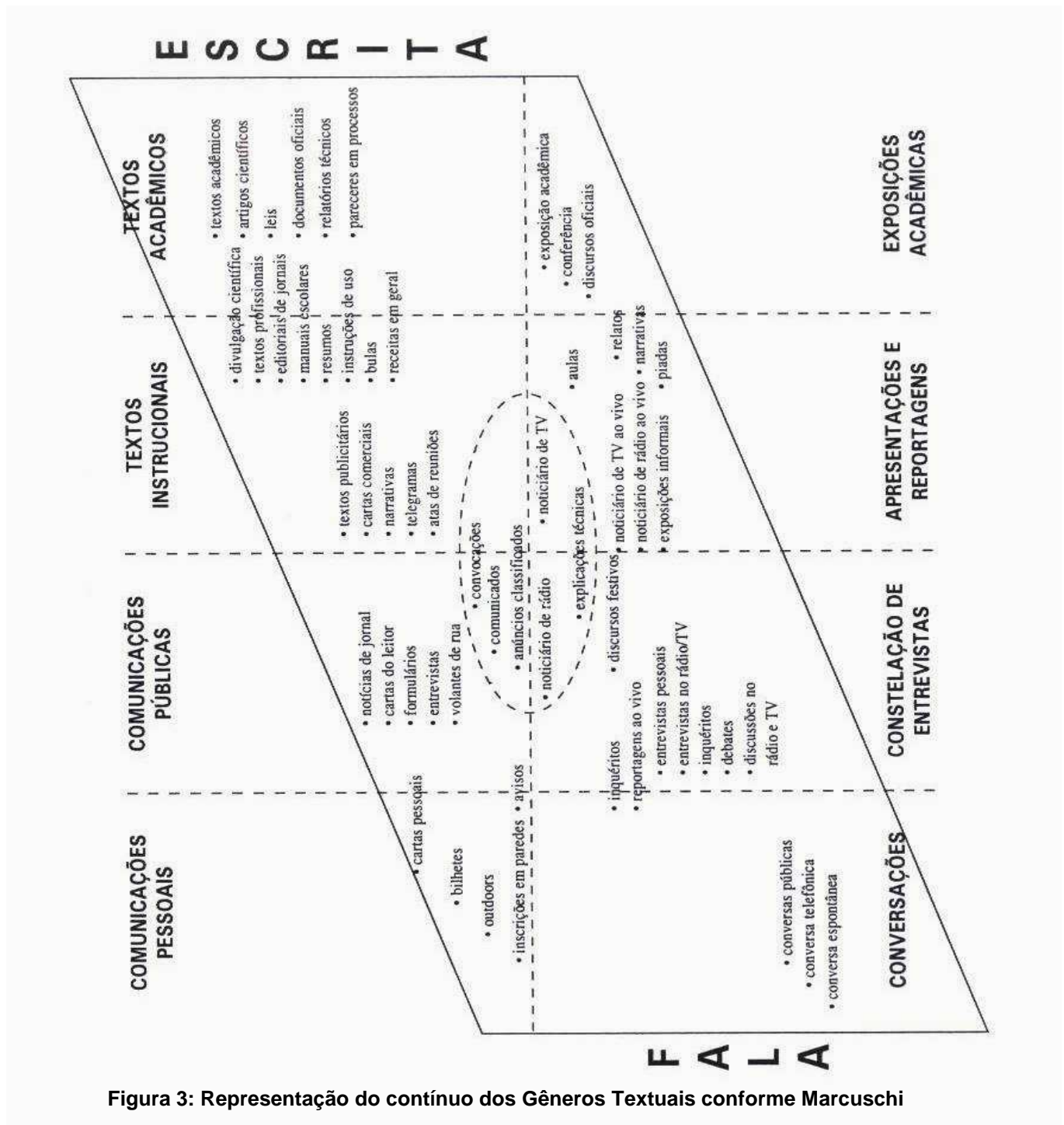
Figura 2: Traços Linguísticos no contínuo de Biber
Fonte: Fávero; Andrade; Aquino (2007, p. 78)

Para Biber há semelhanças e diferenças entre Gêneros escritos e orais, que em algumas vezes os aproximam e noutras os afastam, como é o caso da conversação e discussão acadêmica. Na conversação encontramos poucas nominalizações e passivas ao contrário da discussão acadêmica, em que há muitas nominalizações e passivas. No entanto, estes dois gêneros possuem em comum a presença de muitos pronomes e contrações.

Segundo Marcuschi (1993, p.53, apud Fávero; Andrade; Aquino, 2007, p. 79), há semelhanças e diferenças nos textos científicos e ficcionais que os aproximam e os afastam de modo diferenciado da discussão acadêmica e da conversação espontânea. Para ele, fica claro que a fala e a escrita não fazem parte de dois extremos, mas de um contínuo distribuído numa escala de parâmetros empiricamente identificáveis.

De acordo com Marcuschi (2008, p 37), “(...) as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos”, e essas palavras tornam-se mais claras

observando-se o gráfico de representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e escrita, ilustrado pelo referido autor (MARCUSCHI, 2008, p. 41):



Ao analisar a representação do contínuo dos gêneros textuais de Marcuschi, percebe-se que há gêneros orais e escritos que possuem características similares, como pode ser o caso de um texto publicitário (gênero escrito) e um noticiário de TV (gênero oral). Estes dois gêneros podem apresentar semelhanças como, por exemplo, a

utilização do estilo mais formal da comunicação, em outras palavras, a utilização da forma padrão que se torna necessária, na maioria das vezes, para adequação destes gêneros em alguns domínios discursivos em que estão introduzidos, que neste caso específico é o contexto jornalístico.

Ao comparar, por exemplo, um texto publicitário com um bilhete, que também é um gênero escrito, encontram-se mais diferenças do que na comparação anteriormente citada. Marcuschi esclarece que o que ocorre são variações que tanto podem acontecer com gêneros da mesma modalidade como com gêneros de modalidades diferentes (orais e escritos). É o que ele chama de *continuum de variações* (variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, grau de formalidade, entre outras), ou seja, *a fala varia e a escrita varia*.

Em suma, partindo da noção de língua e funcionamento da língua como concebidos aqui, surge, como hipótese forte, a suposição de que as diferenças entre fala e escrita podem ser frutiferamente vistas e analisadas na perspectiva do *uso* e não do *sistema*. E, neste caso, a determinação da relação fala-escrita torna-se mais congruente levando-se em consideração não o código, mas os usos do código. Central, neste caso, é a eliminação da dicotomia estrita e a sugestão de uma diferenciação gradual e escalar.” (Marcuschi, 2008, p.43)

Analisando a heterogeneidade entre fala e escrita e situando-se nas diferenças entre elas, Koch (2003, p. 78) afirma que “assim, o que pode se dizer é que a escrita formal e a fala informal constituem os pólos opostos de um contínuo, ao longo do qual se situam os diversos tipos de interação verbal”, não se tratando de uma dicotomia estrita, porquanto o que define o grau de formalidade em qualquer uma das modalidades de linguagem é o domínio discursivo em que estão inseridas, pois, sendo o foco principal uma comunicação apropriada, a modalidade da linguagem deve adequar-se ao contexto pertencente para que realize com sucesso o seu objetivo. Segundo Fávero; Andrade; Aquino:

Ao tratar da fala e escrita, é preciso lembrar que estamos trabalhando com duas modalidades pertencentes ao mesmo sistema linguístico: o sistema da Língua Portuguesa, com ênfase diferenciada em determinados componentes desse sistema. Assim, aquilo que se poderia considerar distinção corresponde meramente a diferenças de estruturais. (2007, p. 69)

Concluindo este tópico, reafirmam-se as palavras de Fávero; Andrade; Aquino (2007, p.74), segundo as quais para se estabelecer relações entre fala e escrita, sem que haja equívocos, é preciso considerar, portanto, as condições de produção de cada gênero destas modalidades, pois elas possibilitam os eventos comunicativos e possuem particularidades, conforme ilustram no quadro abaixo:

Quadro 2: Comparativo entre fala e escrita

Fala	Escrita
- Interação face a face ⁷	- Interação à distância (espaço-temporal)
- Planejamento simultâneo ou quase à produção	- Planejamento anterior à produção
- Criação coletiva: administrada passo a passo	- Criação individual ⁸
- Impossibilidade de apagamento	- Possibilidade de revisão
- Sem condições de consulta a outros textos	- Livre consulta
- A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor	- A reformulação é promovida apenas pelo escritor
- Acesso imediato às reações do interlocutor	- Sem possibilidade de acesso imediato
- O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	- O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor
- O texto mostra todo seu processo de criação	- O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado.

Fonte: (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2007, p. 74)

Tendo em vista que a oralidade também percorre esse *continuum* tipológico, conforme já explorado acima, torna-se necessário o ensino dessa modalidade, pois em alguns gêneros o grau de formalidade varia, a estrutura se modifica, entre outras características, e para que se realize com sucesso o processo de comunicação, torna-se essencial o trabalho contínuo destes gêneros, assunto que trataremos no próximo tópico.

⁷ Grifo: Lembra-se que nem sempre na fala há interação face a face, tendo em vista que em alguns casos isso talvez não ocorra como, por exemplo, na conversação realizada através de um telefonema.

⁸ Grifo: A criação pode ser considerada individual, desde que se lembre que a produção é feita baseada no público alvo, assim a produção pode ser feita só pelo escritor, mas está é feita com o foco no leitor. E em alguns casos a escrita pode ser realizada no coletivo, não podendo ser considerada sempre individual.

4.2 O ENSINO DA ORALIDADE

Ao falar de ensino da oralidade, talvez muitos se equivoquem, imaginando referência à ação de ensinar a aprender a falar, porém deve-se levar em conta que a escola não tem para si a responsabilidade de ensinar as crianças a falar, no sentido literal da palavra, pois na realidade a criança aprende a falar naturalmente no decorrer da interação social, por estarem insertas em um meio em que a linguagem é a base de tudo e, como tal, está em todos os lugares. E nesse meio os sentidos para uma comunicação eficiente são estabelecidos através da troca de experiências entre falantes com diferentes níveis de capacidade linguísticas como, por exemplo, crianças e adultos no seu convívio diário. Segundo Marcuschi,

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização. (2008, p. 18)

Assim, considera-se que a prática da oralidade é iniciada no ambiente familiar, na sociedade. Mas é necessário um estudo sistemático desse tipo de linguagem para uma melhor assimilação e aprimoramento no processo de comunicação. Segundo Dolz e Schneuwly:

No que concerne às práticas de linguagem, sua apropriação começa no quadro familiar, mas certas práticas, em particular aquelas que dizem respeito à escrita e ao oral formal, realizam-se essencialmente em situação escolar, na nossa sociedade, graças ao ensino, por meio do qual os alunos conscientizam-se dos objetivos relativos à produção e à compreensão. Aqui, mais ainda que em outras aprendizagens, a cooperação social é o fator determinante das transformações e dos progressos que ocorrem. (2007, p. 45)

E de acordo com os PCNs:

Não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar. Talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral. Quando o fez, foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala “errada” dos alunos — por não ser coincidente com a variedade lingüística de prestígio social —, com a esperança de evitar que escrevessem errado. Reforçou assim o preconceito contra aqueles que falam diferente da variedade prestigiada. (BRASIL, 1997b, p. 38)

Ao se mencionar o ensino da oralidade, tem-se como referência o ensino do uso da linguagem verbal por meio oral, de forma adequada nos diversos ambientes em que a mesma pode ser utilizada, isto é, o ensino apropriado da utilização da fala nos

diversos contextos sociais, pois vários são os campos em que a linguagem é utilizada, seja ela escrita ou oral, e em cada campo uma forma estruturada de utilizá-la para melhor compreensão e sucesso na comunicação, pois:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. (BRASIL, 1997b, p. 26)

Ainda conforme os PCNs, o preconceito existente na sociedade em relação às falas dialetais, isto é, a diversidade da língua, a forma de falar nas diferentes regiões, deve ser encarada na escola como integrante do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença, pois a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, sejam esses alunos detentores da mesma forma de falar ou não. Todos possuem o direito de desenvolverem as capacidades linguísticas necessárias para uma melhor comunicação na sociedade e não devem ser discriminados devido à diversidade da língua.

Segundo Cavalcante e Marcuschi (2008), a fala pode ser considerada uma atividade principal se comparada com a escrita, tendo em vista que aquela é mais utilizada no cotidiano da maioria das pessoas do que esta. Afirmam que essa noção de centralidade da fala ainda não está integrada no contexto escolar, pois neste há uma crença que vem sendo seguida de que a escola é o lugar do aprendizado da escrita e não da fala, tornando-se assim a escrita o centro e não a fala, o que não pode ser considerado como verídico, pois “a escrita não se aprende apenas na escola e a fala não envolve apenas o aprendizado espontâneo no dia-a-dia” (MARCUSCHI, 2008, p.77). Portanto, devemos nos conscientizar de que a escola é espaço adequado para ensino de ambas as modalidades de linguagem, e que a fala torna-se um dos pontos centrais por estar mais próxima do habitual dos seres humanos.

De acordo com os PCNs:

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala.” (BRASIL, 1997b, p. 27)

Conforme Fávero; Andrade; Aquino (2007), não se adota o ensino da oralidade de forma isolada do ensino da escrita, isto é, não se introduz o ensino da oralidade distanciando-se totalmente do ensino da escrita, visto que essas duas modalidades de linguagem “mantêm entre si relações mútuas e intercambiáveis”; assim, torna-se impossível trabalhar com a oralidade sem utilizar a escrita, mesmo que de forma superficial.

Conforme se afirmou supra, a linguagem oral pode ser encontrada em todos os contextos, não se podendo entrar em contradição e afirmar que ela não exista no escolar, porém o que se esclarece é que ela é utilizada, mas, na maioria das vezes, eventualmente, não sendo planejada e ensinada de forma que facilite a assimilação por parte dos alunos, como afirma Dolz e Schneuwly:

Embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aula (nas rotinas cotidianas, na leitura de instruções, na correção de exercícios, etc.), afirma-se frequentemente que ela não é ensinada, a não ser incidentalmente, durante atividades diversas e pouco controladas. (2007, p. 45)

As instituições escolares devem adicionar ao seu planejamento de estudo a linguagem oral, por meio da utilização de gêneros orais, para que o ensino destes contribua de maneira positiva no desenvolvimento das habilidades orais dos alunos, pois a aprendizagem eficaz da oralidade mais formal, necessária em diversos contextos, dificilmente será aprendida se a escola não se responsabilizar pelo ensino desta. Para que isso aconteça, devemos seguir as orientações dos PCNs:

Eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua. São essas situações que podem se converter em boas situações de aprendizagem sobre os usos e as formas da língua oral: atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas. (BRASIL, 1997b, p. 38-39)

O ensino da oralidade formal se justifica uma vez que as crianças trazem para a escola apenas o seu falar cotidiano e que é geralmente composto apenas pela linguagem informal (fala coloquial), não garantindo o conhecimento necessário da oralidade para ser empregada em outros ambientes que não sejam o habitual (familiar). Segundo Ramos:

Se o contato com a língua padrão se der pela modalidade oral, muito do que o aluno sabe lhe será útil e ele se reconhecerá mais facilmente como interlocutor em situações de interação em que essa variedade é naturalmente selecionada,

por exemplo a narração de um documentário sobre ecologia veiculado pela televisão. (2002, p. 16)

Desta forma, faz-se necessário que a escola utilize atividades de uso e de reflexão sobre a língua oral em todas as áreas do conhecimento, inserindo os alunos nesse novo convívio de habilidades que serão necessárias ao seu exercício da cidadania. No próximo capítulo serão explicitados os procedimentos adotados no decorrer deste trabalho.

5 METODOLOGIA

Conforme dito anteriormente, a pesquisa realizada segue a linha da pesquisa do tipo etnográfica que, conforme a definição de André (1995, p. 30), tem como objetivo buscar a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. Para isso faz-se uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. Essa por sua vez visa à descoberta de novos conceitos novas relações, novas formas de entendimento da realidade.

Nos tópicos seguintes descreve-se como será desenvolvida essa metodologia, explicitando as etapas seguidas no decorrer da pesquisa.

5.1 O CONTEXTO DO *CORPUS/LOCUS*

A coleta de dados para realização deste trabalho foi realizada durante o ano de 2009, em uma sala de 5º (quinto) ano do ensino fundamental de uma escola na cidade de Palmas, capital do estado do Tocantins. Assim como os dados dos alunos e demais envolvidos na pesquisa, também se resguardará o nome da escola onde foi realizada a pesquisa.

A escola fica localizada na região do Plano Diretor Norte da capital e foi fundada no ano de 1995. Oferece educação básica nos níveis de educação infantil e séries iniciais e finais do ensino fundamental. É uma entidade privada que atende crianças na faixa de 14 meses a 11 anos de idade, aproximadamente.

A instituição mencionada propõe uma educação pautada na teoria piagetiana, com ênfase nos valores que fundamentam a vida, criando condições para que o educando se desenvolva integralmente. Acredita no aspecto transformador e criativo da educação e na busca de sua proposta que visa a uma intensa vivência solidária, pela compreensão e respeito aos direitos pessoais, à organização da comunidade e ao plano de desenvolvimento da cidadania.

A educação ministrada na referida escola não propõe apenas o acúmulo de informações por parte do educando, mas também uma interação do indivíduo com o meio, de forma harmoniosa, abrindo as principais portas para que ele descubra que o encontro pessoal do significado da vida é a verdadeira condição da realização humana. A unidade escolar tem como missão contribuir com a educação de pessoas comprometidas com o desenvolvimento humano e social.⁹

A seleção da escola foi determinada pelo nível de ensino oferecido, especificamente por possuir turma de quinto ano do ensino fundamental, que é a série escolhida para este trabalho e por oferecer oportunidade de coleta de informações, tendo em vista que duas escolas que possuem o mesmo nível de ensino foram procuradas anteriormente, porém nenhuma das duas se disponibilizou para auxiliar neste trabalho.

A turma escolhida para realização da pesquisa possui 11 (onze) alunos regularmente matriculados e frequentes, sendo sete meninas e quatro meninos. As aulas são ministradas no período matutino, iniciando às oito horas e terminando ao meio dia. Para analisar o perfil dos alunos e para autorização das filmagens que seriam realizadas durante o trabalho, foi entregue a autorização para participação de pesquisa que deveria ser assinada por um dos responsáveis e um questionário a ser preenchido com auxílio destes, porém, dos onze alunos, apenas sete trouxeram a autorização assinada. Desse modo, serão apresentadas algumas informações desses sete alunos (cinco meninas e dois meninos) e a análise dos dados também será baseada nesse quantitativo.

Os alunos possuem idade média de nove a dez anos de idade, sendo quatro com dez e três com nove anos. Quanto ao grau de escolaridade dos pais (pai e mãe), 64% possuem ensino superior completo, 7% possuem ensino superior incompleto, 22% possuem ensino médio completo e 7% têm ensino médio incompleto. Conforme gráfico a seguir:

⁹ As informações referentes à unidade escolar foram retiradas do seu Projeto Político Pedagógico - PPP.

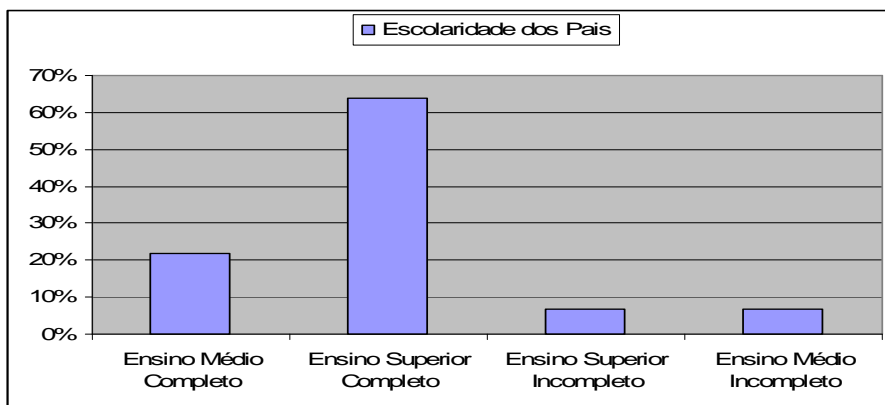


Figura 4: Escolaridade dos Pais

Do quantitativo geral quanto ao grau de escolaridade dos responsáveis, observou-se que as mães possuem o nível de escolaridade maior do que o dos pais, sendo que 71% destas possuem o ensino superior completo e 29% possuem o ensino médio completo; quanto aos pais, 57% possuem o ensino superior completo, 14% possuem o ensino superior incompleto, 14% possuem o ensino médio completo e 14% possuem o ensino médio incompleto. Outra estatística referente aos responsáveis é que todos têm emprego.

Os alunos participantes da pesquisa possuem mais de um meio disponível de acesso à informação, sendo que 100% possuem acesso à internet e à televisão, 86% a revistas, 72% a jornal impresso e 72% a rádio. Quando questionados quanto ao gosto pela leitura, todos responderam positivamente, utilizando algumas justificativas como: *“porque aprende mais, fica informado de países, cidade, etc.”*; *“porque lendo a gente se expressa melhor, fala melhor e lê melhor, etc.”*; *“porque a gente entra no mundo da imaginação”*; *“porque através da leitura eu aprendo muitas coisas”*.

Pelas informações citadas acima e por algumas não mencionadas, mas constantes no questionário respondido pelos alunos, percebe-se que estes são de classe média.

No próximo tópico são detalhados os procedimentos adotados na pesquisa, isto é, os passos seguidos para o alcance do resultado.

5.2 PROCEDIMENTOS ADOTADOS

O primeiro contato com a escola foi feito através da professora e colega de mestrado, Débora Maria de Castro, que já conhecia a Unidade Escolar e recomendou-a, por já ter convívio com gestores da Instituição, sendo assim, fez contato e verificou a possibilidade da realização do trabalho. Os gestores da instituição procurada manifestaram-se positivamente e com esse posicionamento realizou-se uma primeira visita à Unidade Escolar, onde, na oportunidade, conversou-se com a Coordenadora Pedagógica, sendo apresentado o objeto da pesquisa. Na ocasião, a coordenadora pedagógica apresentou a docente responsável por uma turma de 5º ano do ensino fundamental, turno matutino, sendo essa a sala indicada para realização do trabalho. À docente foram repassadas as informações quanto à realização da pesquisa. De pronto se disponibilizou a ajudar no que fosse preciso. O primeiro contato com a escola foi feito no final do mês de março de 2009.

Em meados do mês de abril, no início da pesquisa, observou-se a turma durante duas aulas, sem a utilização de gravação em áudio e vídeo, para que esta não estranhasse a presença e começasse a se adaptar em sala de aula. Muitos ficaram curiosos e logo perguntaram se eu também era estagiária e estava fazendo trabalho para faculdade, pois a professora só havia dito meu nome e avisado que eu os estaria observando durante algumas aulas. Explicou-se para a turma sobre o trabalho de pesquisa para o programa de mestrado e que seriam utilizadas filmagens para realização da pesquisa. Na segunda vez, em visita à Unidade Escolar, foram levados os questionários e a autorização para participação na pesquisa a ser assinada por um dos responsáveis. Os alunos levaram o questionário e a autorização para casa e trouxeram no dia seguinte entregando-os para a docente. Dos onze alunos, somente sete trouxeram a autorização assinada pelo responsável. As primeiras observações foram iniciadas no mês de abril, porém, como estavam em período de provas, a professora solicitou que desse continuidade à pesquisa no mês de maio, após o período de exames dos alunos.

No mês de maio, nos dias 13, 14, 15, 18 e 19, foram observadas as atividades desenvolvidas pelos alunos da unidade de ensino, com auxílio de gravação de áudio e vídeo, sendo possível presenciar duas atividades envolvendo a oralidade, entre elas

uma entrevista com uma servidora da Instituição, feita em coletividade pelos alunos, em que cada um ficou responsável por elaborar uma pergunta para a mesma. Essa atividade foi uma sugestão do livro didático de língua portuguesa. A outra atividade dizia a respeito a exposições orais referentes às aulas de história, cujos temas já haviam sido trabalhados em sala de aula. As exposições orais tinham como temas “As guerras dos emboabas” e “A inconfidência mineira”. Esses dois assuntos foram divididos entre os alunos e cada um apresentou um.

No dia 28 de maio, realizou-se uma entrevista com a docente para levantar um pouco sobre seu perfil profissional e averiguar o possível trabalho com gêneros em sala de aula. Na entrevista, a docente falou que é pedagoga e que atua como docente há quinze anos no ensino fundamental de primeira a quarta série, hoje denominado de primeiro ao quinto ano, devido à proposta de 9 anos, ministrando todas as disciplinas deste nível de ensino, com exceção das disciplinas de Inglês e Educação Física.

A docente afirmou que trabalha com os gêneros e sua fundamentação é baseada nos teóricos citados no livro didático do quinto ano do ensino fundamental, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na pesquisadora Ana Teberosky, uma autora que não pode servir de base para o estudo com gêneros, tendo em vista que seu foco de estudos trata da compreensão do processo de aquisição da escrita e leitura, e não do estudo sistemático dos gêneros textuais. Ainda se tratando dos gêneros textuais, falou que o livro didático dos alunos traz muita orientação quanto ao uso dos gêneros, o que pode ser constatado no livro de língua portuguesa adotado na turma pesquisada, conforme figura abaixo:

3. Os gêneros textuais

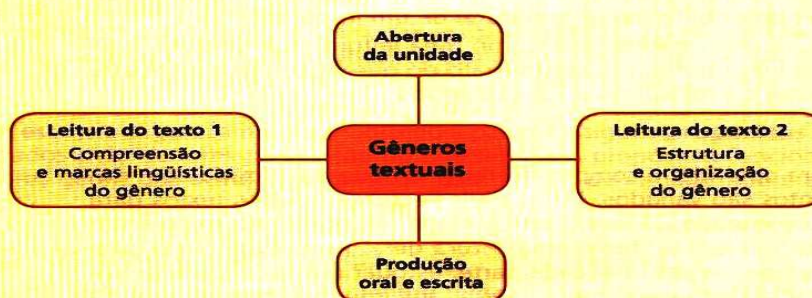
Os propósitos comunicativos determinam os gêneros e estes dão forma aos textos.
Teberosky, 1996:89.

Os textos selecionados para cada unidade estão organizados por gêneros: entrevista, conto, reportagem, texto expositivo etc., que serão trabalhados nas seções "Para compreender o texto" e "Como ler o texto". Nossa intenção não foi realizar uma descrição exaustiva dos gêneros. Abordamos alguns aspectos básicos da textualidade para garantir a aproximação dos alunos a essas formas de discurso.

Nosso objetivo foi unir, na mesma trama, a **leitura** e as **produções oral e escrita**. Ao dominar as situações de produção, as marcas composicionais e temáticas de alguns dos diferentes gêneros a que está exposto socialmente, o aluno poderá fazer uso de novos e significativos recursos nas diferentes situações de comunicação a que é submetido tanto na escola quanto fora dela, ampliando, assim, suas capacidades leitora e produtora de textos.

A **abertura da unidade** é o ponto de partida para o trabalho. Nela é apresentada uma imagem que evoca uma situação potencialmente relacionada aos propósitos leitores em destaque e aos gêneros que serão trabalhados. Os alunos conversam sobre suas percepções, seus conhecimentos já adquiridos, suas experiências pessoais com os gêneros estudados.

Veja como se organiza essa proposta.



Portanto, para atingir o objetivo de desenvolver no aluno a competência comunicativa oral e escrita nas diversas situações sociais, elaboramos um programa de leitura de diferentes gêneros, sob diferentes aspectos, que respeita as necessidades, motivações e potenciais facilidades e dificuldades dos alunos, próprias de cada faixa etária. As propostas de produção escrita e oral articulam os propósitos comunicativos aos gêneros textuais estudados.

Desse modo, a seleção do material utilizado na Coleção procurou contemplar a diversidade textual, a qualidade (extensão, autoria, originalidade) e, principalmente, o interesse dos alunos. Essas são algumas das recomendações encontradas em autores que pensam o trabalho didático com gêneros e em documentos, como os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997/1998).

VIII

Figura 5: Introdução aos Gêneros Textuais do livro didático de língua portuguesa.

Ao ser questionada sobre sua opinião quanto ao trabalho ou não de gêneros textuais na escola, a docente afirmou que estes devem ser trabalhados, pois dão uma abrangência na interpretação e na produção escrita.

Dando prosseguimento à pesquisa - após a observação das atividades realizadas pelos alunos nas datas anteriormente citadas - elaborou-se uma sequência didática, conforme se verifica a seguir, para trabalhar o gênero Exposição Oral e averiguar se as dificuldades dos alunos na produção textual oral podem ser influenciadas positivamente através do trabalho sistemático dos gêneros orais.

5.2.1 A Sequência Didática

De acordo com Dolz e Schneuwly (2007, p. 51), a Sequência Didática é uma sequência de módulos de ensino organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem, sendo esta uma estratégia válida tanto para a produção oral como para a escrita. Os autores citam que na sequência didática devem ser realizadas sequências de atividades com foco no ensino e estas atividades devem ser organizadas visando ao melhoramento de determinada prática. De acordo com Dolz, Schneuwly e Noverraz:

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. (2007, p. 97)

Seguindo essa fundamentação, produziu-se uma sequência didática focando o gênero Exposição Oral, tendo como objetivo principal desenvolver nos alunos habilidades linguístico-discursivas desse gênero, delimitando como objetivos específicos: a) elaborar e registrar corretamente o conteúdo delimitado (tema), seguindo uma estrutura de apresentação com introdução, desenvolvimento e conclusão, produzindo, assim, pequenos textos; b) desenvolver capacidades de exemplificação, ilustração e explicação; c) ampliar o vocabulário; d) elaborar materiais de apoio; e) utilizar adequadamente recursos verbais, paraverbais e não verbais em apresentações orais f) ouvir os colegas e responder perguntas ocasionais.

Para organizar a sequência didática foram divididos módulos baseados no esquema apresentado por Dolz, Schneuwly e Noverraz (2007, p. 98):

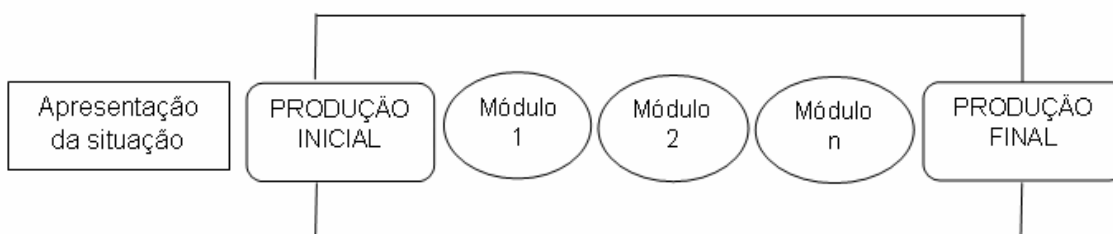


Figura 6: Esquema da Sequência Didática
Fonte: (Dolz; Schneuwly; Noverraz, 2007)

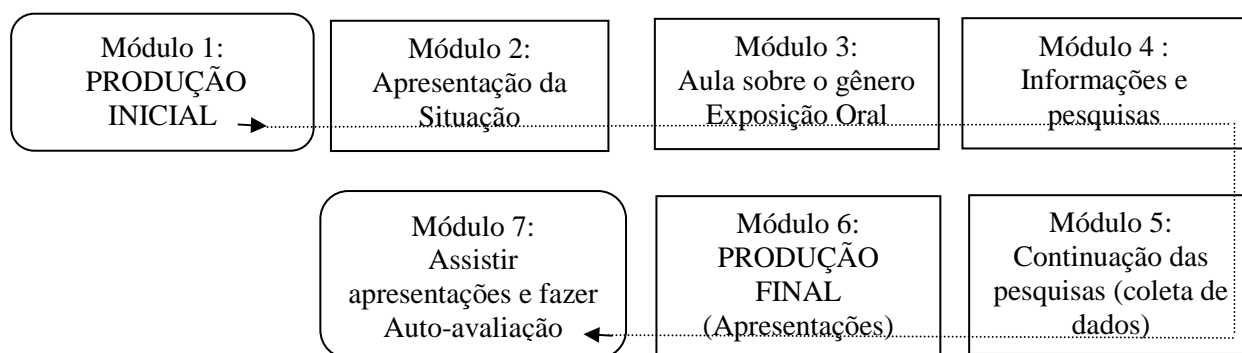


Figura 7: Esquema da Sequência Didática para realização da pesquisa

Tendo em vista outras atividades a serem realizadas com os alunos na instituição de ensino, decidiu-se realizar a sequência didática nos primeiros dias de aula do terceiro bimestre, isto é, na primeira semana de agosto do ano de 2009. Para tanto, foi programada uma média de sete a oito aulas para realização desse trabalho.

No primeiro módulo, solicitou-se que os alunos fizessem uma Exposição Oral sobre o tema animais domésticos, que foi o tema escolhido para essa sequência, tendo em vista que esse tema desperta o interesse das crianças devido ao fato de estar presente no cotidiano delas; porém, nesse primeiro momento, não se repassaram aos discentes orientações de como realizar uma Exposição Oral, apenas foi solicitado que eles produzissem, como geralmente é feito quando se trabalha esse gênero na sala de aula pesquisada, conforme afirmado pela docente na entrevista realizada:

P: Antes de trabalhar com os alunos um gênero... você explica para eles como é a atividade e como se faz ?

D: Não... eu/eu faço a atividade com eles... aí depois nós numa:/em outro momento eu explico... olha nós trabalhamos o gênero tal né? i do/vamos/é/ o gênero tal... na hora lá... dependendo da situação... i é interessante para isso isso... o objetivo.

P: Aí depois você explica para eles?

D: Isso... primeiro eu trabalho com eles de maneira lúdica sabe?... i depois eu/eu explico como que acontece. (Entrevista realizada com docente em 28/05/2009)

No segundo módulo, apresentou-se aos alunos a pesquisa que estava sendo desenvolvida, isto é, a análise do ensino do gênero Exposição Oral no desenvolvimento das habilidades orais dos alunos, verificando se o ensino sistemático do gênero Exposição Oral em sala de aula, influencia no melhoramento das habilidades orais dos discentes. Dando continuidade, explicou-se aos alunos sobre a sua participação no desenvolvimento da pesquisa, que eles seriam observados durante suas atividades escolares, como a professora já havia explicado no início da observação às aulas, sendo

nesse momento detalhado o foco nas atividades de exposições orais desenvolvidas no ambiente escolar. Repassou-se aos discentes que eles desenvolveriam trabalhos expositivos orais na sala de aula e estes serviriam de base para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Dando prosseguimento à sequência didática, no terceiro módulo realizou-se uma aula sobre Exposição Oral, com auxílio de slides projetados em datashow, sendo repassadas de forma objetiva a definição e a de uma Exposição Oral. Em seguida, apresentou-se uma síntese da estruturação da Exposição Oral (abertura, introdução, apresentação do plano da exposição, desenvolvimento e encadeamento do tema, recapitulação e síntese e conclusão), os recursos (verbais, não-verbais, paraverbais e didáticos) que podem ser utilizados nessa atividade, além de algumas dicas para melhorar o seu desenvolvimento.

Explicou-se aos alunos também o tema que iriam abordar, sendo que todos fariam sobre Animais Domésticos e apresentariam o mesmo tipo de animal exposto na primeira apresentação, orientando-os quanto aos meios possíveis de pesquisa (internet, jornal impresso, livros, dicionários, etc.). Para iniciar a pesquisa, após essas orientações, a docente trouxe livros que serviram de base para a coleta de informações. Esse foi o quarto módulo.

No quinto módulo, deu-se continuidade às pesquisas sobre os animais domésticos. Na oportunidade os alunos trouxeram algumas informações coletadas em casa, tendo em vista que houve um intervalo de um dia do quarto para o quinto módulo. Os alunos, por iniciativa própria, questionaram quanto à possibilidade de trazer seus animais domésticos para utilizar em suas exposições orais, ficando a seu critério essa decisão. Esse foi o módulo de finalização dos trabalhos e, assim como nos demais módulos, os alunos tiveram a sua disponibilidade o auxílio por parte da docente e da pesquisadora para finalizar suas pesquisas e preparar suas exposições.

As apresentações do trabalho aconteceram no sexto módulo. Individualmente cada aluno realizou sua Exposição Oral, repassando as informações coletadas no quarto e quinto módulo.

No sétimo módulo, dando continuidade ao trabalho, foram socializadas as gravações (em vídeo e áudio) das últimas exposições orais dos alunos (segunda apresentação) sobre os animais domésticos, as quais os discentes assistiram,

possibilitando que estes realizassem suas auto-avaliações através de uma ficha avaliativa que foi entregue e explicada antes da apresentação das gravações.

No capítulo a seguir serão analisadas as exposições orais realizadas pelos alunos, fazendo comparação das duas, sendo a primeira antes da sequência didática e a segunda depois, sendo descritas as auto-avaliações dos alunos referentes à última apresentação.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Defende-se como hipótese que as dificuldades dos alunos na produção textual oral decorrem da falta de um ensino sistemático da oralidade em sala de aula. Acreditamos que as habilidades orais são influenciadas positivamente através da produção dos gêneros orais, visto que o ensino destes aprimora os discursos do aluno na construção e apresentação da dialética, fazendo-as fluir de forma mais clara e objetiva.

Neste capítulo, faz-se uma descrição dos resultados obtidos em nossa pesquisa, que teve como objetivo desenvolver uma sequência didática com o gênero Exposição Oral para se observar o desenvolvimento das habilidades orais dos alunos nesse percurso. Nas exposições orais realizadas observou-se como os alunos as desenvolveram, atentando para a estruturação (abertura; introdução do tema; apresentação do plano de exposição; desenvolvimento e encadeamento dos temas; recapitulação e síntese; conclusão e encerramento), os turnos e tomadas de turnos, a utilização de marcadores conversacionais (recursos verbais), recursos paraverbais, não-verbais, vocabulário utilizado, enfim, analisando o desenvolvimento das habilidades dos alunos nessas atividades, realizando uma comparação da primeira com a segunda exposição para verificar o aperfeiçoamento ou não dessas habilidades após o trabalho com o gênero Exposição Oral.

6.1 REALIZAÇÃO DAS EXPOSIÇÕES ORAIS

Conforme mencionado anteriormente na metodologia, no decorrer da sequência didática, os alunos realizaram duas exposições orais com o mesmo tema para que pudéssemos analisar o desenvolvimento de suas habilidades orais. A primeira Exposição Oral solicitada foi realizada sem que um ensino sistemático sobre o gênero fosse realizado, enquanto a segunda foi realizada posteriormente a uma explanação sobre o tema, seguindo uma sequência de passos pré-definida. A seguir, são descritas as exposições orais realizadas.

6.1.1 A Primeira Exposição Oral

A primeira Exposição Oral dos alunos foi realizada na primeira etapa da sequência didática. Com auxílio da docente, solicitou-se aos alunos que realizassem uma apresentação, isto é, uma Exposição Oral, com o tema Animais Domésticos, de maneira que eles poderiam fazer como quisessem, reproduzindo-a no dia posterior para a turma. Todos os alunos prepararam suas exposições orais, mas como não foram repassados para eles os procedimentos dessa atividade, eles coletaram as informações e apresentaram-na aos colegas sem auxílio de recursos didáticos como, por exemplo, o cartaz. As apresentações foram sendo realizadas de acordo com a ordem alfabética dos nomes; assim, a docente chamava à frente da sala aluno por aluno para realizar a apresentação. Ao término de cada apresentação, o aluno já voltava para seu lugar dando a vez ao próximo. Abaixo apresentam-se as exposições orais da primeira etapa:

1ª EXPOSIÇÃO ORAL

A1: u nomi du meu peixi é froi da raça/raça::... beta... eli é um peixi domésticu i quasi todas as pessoas tem... comu/eu achu qui é assim... todo/todo mundo quando tiver peixi deve ter muito cuidadu... qui não pode colocar eli na frenti do espelhu porque si não eli si assusta... é um peixi muito calmu... mas assim... na hora que vai colocar um outro peixi junto deli é::/é... não eli fica nervoso... tipu assim... comu si fosse ciúme da mãe... eli não podi fica nu espelhu por causa qui eli podi bater/bater nu vidru e podi quebrar o vidru... eli comi ração própria para peixi.

2ª EXPOSIÇÃO ORAL

A2: bom... u labrador é um cachorru di porti grandi qui::/é um cachorru muito dócil...qui si aproxima fácil das pessoas da família... pode ser criadu por qualquer tipu de pessoa... eli comi ração especí/fica da/da raça deli... ração pedigree... na maioria das vezes... i:: eli também ajuda us cegas a fazer/é um/um dus meiu di transporti pru cegu... qui é u labrador... u labrador tem/tem dua/duas coris... as

mals encontradas... a cor preta i a:: caramelu... meu caramelu... i:: é um cahorru muito dócil

3ª EXPOSIÇÃO ORAL

A3: bom... é:: eli/a minha cachorrinha qui si chama é:: hanna Montana... ela gosta de ração pEdigree... é:: eu achu qui a::/qui ela é muito fofinha i::/eu achu qui u mais importanti nu puldoou é qui a genti nunca pode deixar é:: entrar água nu ouvidinhu deli i nunca dar comida.. é:: para/preparada para consumu humanu para eli

4ª EXPOSIÇÃO ORAL

A4: u cachorru podi prender fácil si você cuidar deli direito... eli:: é:: carinhosu... eli gosta di brincar muito... eli é alegri... bom... tem vários tipus di cachorru... tem u qui é fácil di criar i tem u mais difícil

5ª EXPOSIÇÃO ORAL

A5: ó... u coelhu é um animal mamíferu... eli dar di três a seis ninhadas por anu... i seu comprimento varia di acordu com seus genis/um/sua raça... é::... esqueci ((risos)) ... as fêmeas em cada ninhada elas podem dar di seis a doze alunos/ô ((coloca a mão no rosto envergonhado))... coelhus... comu eu já falei elis são animais mamíferus... elis são bem fácil di criar... você tem qui ter um terrenu grandu assim ((gestos com mãos dando a entender que tem que ser grande)) umparará... eli comi... é::/tem qui dar uma/sua própria ração específica assim né? i também você pode dar cenoura... pode dar alface... é:: i a/alguns vegetais... pronto.

6ª EXPOSIÇÃO ORAL

A6: u pitibul é um cachorru raivosu... eli fica si estressadu rápidu quandu eli fica em lugaris pequenu... eli é um cachorru muito inteligenti i eli é bastanti apropiadu para trabalhar em eventus... por causa porque eli tem altu grau di Inteligência i gosta muito di trabalhar... eli é um cachorru qui...é:: não pode ser deixadu em

lugaris pequenu porque eli pode atacar alguém... i é um cachorru muito legal ((risos))

7ª EXPOSIÇÃO ORAL

A7: u cachorru da raça bacén... a comida qui elis mais/a:: ração qui elis mais gosta é a () ((a aluna fala muito baixo, quase não dar para ouvir)) (...) gosta muito di brincar i são amigus.

6.1.2 A Segunda Exposição Oral

A segunda Exposição Oral sobre Animais Domésticos produzida pelos alunos foi realizada após os cinco módulos iniciais da sequência didática, conforme explicitado no capítulo IV, item 2.1. Dessa forma, os alunos ao apresentarem a sua segunda Exposição Oral, já poderiam não apenas ter conhecimento do trabalho que estava sendo desenvolvido em sua sala de aula como o gênero Exposição Oral, como também ter oportunidade de coletar informações acompanhados de orientações do docente e da pesquisadora. Abaixo descrevem-se as exposições orais da segunda etapa:

1ª EXPOSIÇÃO ORAL

Chegado o dia do início da segunda apresentação oral dos alunos, a professora (D) chama à frente a primeira aluna, cola no quadro o cartaz que a discente confeccionou, arruma na frente uma mesinha escolar para que esta coloque o peixinho que trouxe para sua apresentação e chama a atenção dos alunos para autorizar o início da apresentação:

D: então... agora atenção

A1: ((a aluna com a folha de papel com suas anotações na mão faz um movimento na boca como se fosse iniciar sua fala e sem que um som saia da boca a professora logo interfere))

D: não! bom dia todo mundo né?

- A1: [professora eu ia falar ((batendo a mão na perna e olhando para a professora))
- D: tá
- A1: rumrum ((faz um aquecimento na voz)) ... bom dia ... comu vocês mi conhecem meu nomi é A1 né? ... pois é... nesti trabalhú eu vou falar sobri meu () u nomi deli é froy ... prontu...eu vou começar ... a palavra peixi comu a genti soubemos é designada a várius tipus di espécie ... u peixi apesar di ser vertebrado com branco vem da origem Vectru... ((a aluna segura suas anotações mãos, mas não se atenta só a elas porque já aprendeu o conteúdo que estava explicando)) ai aqui eu trouxe uma foto aqui di um peixi... ai aqui é u peixe memú ((mostrando as figuras do cartaz)) aí aqui é u meu peixi froy (mostrando o seu peixe em cima da mesinha)) ... prontu ((olhando neste momento para a professora))
- D: qual é a raça deli?
- A1: não sei
- D: u nomi deli
- A1: ah:: achu qui ... comu é u nomi deli? achu qui... é beta
- D: beta
- A1: beta ... prontu!
- D: alguma pergunta? ((a professora pergunta para a turma))
- A9: u nomi du peixi não é memú
- A1: é... na verdadi u nomi du peixi é peixi palhaçu
- Ar: comu é u nome du peixi mesmu?
- A1: peixi palhaçu
- Ar: não... istou perguntandu du seu peixi
- A1: beta
- A5: di ondi vem us peixis?
- D: comu assim? seja mais claru
- A5: comu começou us peixis?
- D: uai... us peixis são criação di Deus... né?
- A2: aondi você comprou eli?
- D: fala pra eli ondi você comprou... si ganhou ((dirigindo-se para A1))
- A1: casa du fazendeiru
- D: vamos encerrar a apresentação do A1... palmas para A1 ((aplausos))

2ª EXPOSIÇÃO ORAL

A docente chama à frente o A2 para que este inicie sua Exposição Oral. O Aluno levanta-se, posiciona-se e inicia:

A2: meu nome é A2... meu trabalho eu vou falar sobre o cachorro da raça labrador ((segurando o cachorro e olhando para os alunos))... o labrador as características fortis deli é qui são/qui elis são di porti grandi... tem grandi altura i pesu médio é di 26 a 34 quilus i o/i u tamanhu é di 54 e 57 centímetros na média...aí outras características deli é qui é inteligenti... tem força... alegri... brincalhão... gosta di brincar cum a família i apega fácil cum as pessoas da família ... ((o aluno alterna o olhar entre os participantes, o cartaz e o cachorro, do qual não tirou a mão e ficou acariciando-o todo o tempo da apresentação)) as curiosidades qui eu não contei do cachorro foi/falava assim ó (...) do labrador... é popular na cidade i nu campu... pur volta di mil i oitocentos (...) auxiliava educadores em del-for-nan-do canadá...as suas (...) para bégica i a cada geração (...) várias facetas a sua personalidadi i desenvolveu grandi popularidadi visual ((o aluno fala essa parte olhando para o cartaz, lendo, o que torna mais difícil entender o que ele dizia, quando termina o texto olha para a professora e os colegas já começam bater palmas com auxílio da professora))

D: perguntas alguém tem?

At: [[não

D: então tá bom... quem é u próximo?

3ª EXPOSIÇÃO ORAL

A professora prega o cartaz na lousa e a aluna arruma a mesinha na frente, cobrindo-a com um pano e coloca o seu cachorrinho em cima para iniciar a apresentação.

D: prontu! A3 podi começar

A3: bom dia! meu nome é A3... essa é minha cachorrinha (indica com a mão a cachorrinha e fica segurando com uma mão enquanto a outra fica nas costas)) hoji eu vou falar sobre o cachorro da raça puldour... é: a comida predileta dela é pedigrii...uma das marcas di melhor qualidadi nu brasil... as características físicas

são qui/todos us puldous são fofus... brincalhõis i gostosu di pegar ((fazendo carinho no pêlo, dando reforço ao que está falando)) é/as curiosidadis são qui elis são/elis correm dimais i: são muito é: dorminhocus ... algumas coisas qui eu achu interessantii((com uma das mãos se acariciando o cachorro e a outra no peito)) i não si podi acontecer é deixar água entrar na orelha ((mostrando a orelha do cachorro)) porque faz mal principalmente assim nus filhoti... i também nunca dê comida pra consumu humanu pra um puldou assim... qui só intoxica u cachorru... nu casu du puldou u intestino não resisti i elis morri ... muito obrigada!

- D: [nOssa!
 ((aplausos)) alguma pergunta?
- A1: é: difícil di criar esse tipu di cachorro...puldou?
- A3: mais ou menos
- D: tem um pouco di trabalho né? ((faz essa pergunta afirmativa para a aluna A8 e ela concorda balançando a cabeça)) ((a aluna levanta a mão e a professora autoriza a perguntar))...A6
- A6: é uma pergunta...A8 elis fazem muito cocô? ((risos das outras crianças))
- D: uai... é uma pergunta... si pur acaso ela quiser criar um animal dessor é uma informação qui é bom saber né ((a professora interferiu assim por causa dos múrmuros da sala))
- A3: as vezes sim ... ah... i tem outra coisa... elis mordem muito
- D: mordem dimais é?
- A3: ((faz gestos com a cabeça que sim e o cachorrinho está mordendo o canto da mesa em que está deitado))
- D: é... olha lá ((a professora aponta para os alunos o cachorrinho mordendo o canto da mesa))
- A1: ela é mansinha cum as pessoas?
- A3: é ((balançando a cabeça dando sinal de afirmativo))
- D: prontu? palmas para A8 novamente

4ª EXPOSIÇÃO ORAL

O aluno se posiciona na frente, o seu cartaz é colado na lousa. A professora precisa se ausentar da sala e autoriza o aluno a iniciar.

- D: podi começar aí ((fala da porta e sai da sala))
- A4: bom dia! ... bom dia! ((o aluno não continua a fala porque os outros alunos estão em uma conversa paralela, e ele fica olhando para os colegas))
- D: ((chega de surpresa)) quem ta conversandu enquanto u A4 está começandu? Prontu? ((a professora chama a atenção e os alunos fazem silêncio))
- A4: bom dia! u qui eu vou apresentar aqui é sobre u gatu é: ((os alunos ri e ele também)) ... meu nome é A4 comu todumundu sabi né? ... classificação gatu... ((o aluno ao iniciar a explicação fica de lado alternando o olhar entre a plateia e o cartaz na lousa, com as mãos para trás)) felinu/felinu não... é: feli silvestri catu... classe mamária ordem (...) muito popular comu um animal di estimação i é um dos maioris predadoris dus ratos ... características ... us gatus geralmenti pesa dois vírgula cinco a seti quilos quilos ... há trinta i dois músculos na orelha di um gatu fazendu elis ter um tipu di audição direcional permitidu desenvolver cada orelha in-der/in-der-pe-de-de/in-der-pen-den-ti-men-ti uma da outra... us gatus dormem em média di dozi a dezesseis horas até qui reponham a energia... us gatus andam diretamenti sobri us nervus pra salvar us di (fatos) preciosos colocadus para as patas diretamenti sobri a pegada deixada pelu anterior...minimizando a/o ruídu criadu ((o aluno termina de falar e olha para plateia e a professora e o tempo inteiro da apresentação ele fica com as mãos para trás))
- D: prontu?
- A4: [obrigado!
- D: palmas ((aplausos)) ... dúvidas ou perguntas? ((vários alunos levantam a mão)) faz assim ... uma pergunta pra cada um... A11
- A11: qual é a cor du seu gatu?
- A4: cor?
- D: é... você tem gatu?
- A4: tenho dois brancus...um colorido i tenho um qui tipu assim ((mostrando a figura no cartaz de um gato marrom)) i::
- D: [quantus gatus voc ê tem?
- A4: quatro filhotes i uma gata i a gata é dessi jeitu ((mostrando a figura no cartaz))
- D: tá... A2
- A2: você acha u seu gatu muito folgado?
- A4: folgado não

A2: us seus não é?

A4: não

A2: nenhum?

A4: nenhum

D: Aga

A10: essa fotu é da sua gata?

A4: não

D: a imagem você tirou da internet? ou di lugar assim é?

A4: ((o aluno balança a cabeça dizendo que sim))

D: A6

A6: sem olhar ali ((apontando para o cartaz na lousa))...vamus ver si você escreveu mesmu...quantus músculus u gatu tem na orelha?

A4: trinta e dois

D: alguém mais tem pergunta? Não?...então palmas para u A4 ((aplausos))

5ª EXPOSIÇÃO ORAL

A professora organiza na lousa o cartaz do próximo aluno que vai expor seu trabalho. O aluno arruma uma mesinha na frente para colocar em cima o coelhinho que trouxe para auxiliar na sua apresentação.

D: prontu? ((chamando a atenção dos alunos ouvintes para iniciar a apresentação))

A5: bom dia! meu nomi é A5

D: perai um pouquinho A5 ((a professora solicita o aluno uma pausa para pegar um pano para ele colocar o coelho no braço, porque o mesmo não quer ficar parado em cima da mesinha, o aluno ajeita o coelho no braço e inicia a apresentação))

A5: bom dia! meu nomi é A5... eu vim falar algumas coisas sobri u cuelho ... us cuelhus são animais mamíferus tipu tipu/quando eli/a raça deli é arnus... é: i aqui o ((Até este momento o aluno falava olhando só para o público, e agora chama a Atenção para o cartaz na lousa)) as característica... u cumprimentu varia di acordo com (...) ... a raça a raça né?... a gestação di trinta a quarenta i duas... u corpu varla di cor preto preto branco marrom...ai purassim vai ... eli comi ração... plantas assim é: ... algumas frutas... também vegetais... ((alterna o olhar entre o cartaz e a plateia)) ai vem...((olhando e lendo o cartaz)) us cuelhos são animais

mamíferus ... na mata i na floresta vivem (...) us cueelhos são (..) embora elis sejam menoris (...) tem a calda curta i não sobressai comu corredor ... quandu tem qui fazer produtiva podi dar di três a seis ninhadas por ano ((pára de falar e olha para os alunos))

D: proutu?

A5: ((o aluno balança a cabeça que sim))

D: (...)

A5: obrigadu!

D: palmas para o A5: ... tem gente levantando a mão antes deli terminar... então tem coisa qui eli ta falando aqui não precisa perguntar ... si eli ta falando por que perguntar de novo? certo? então vamos escutar... A11

A11: é assim... sem ser esta fotu ai no fundo essa qui ta parecido com eli... é você qui tirou?

A5: foi

D: A1

A1: ela é um animal fácil di cuidar?

A5: é... é mais você tem qui ter um abigo grande na sua casa... tem que ter um quintal grandi

D: [para eli poder correr

A5: é... para eli poder correr

D: A4

A4: quantus filhotis uma fêmia podi ter?

A5: um

A4: é assim...demora quantus meses?

D: você sabi o períodu di gestaçãu? você colocou ai ? ((se referindo ao cartaz))

A5: ((o aluno olha o cartaz, verifica a informação solicitada e fala)) trinta a quarenta dias

D: A3

A3: quantus anus eli tem? eli é filhoti? ((se referindo ao coelho que ele segura no braço))

A5: //...// ((a filmagem cortou e não gravou a resposta))

D: A10

A10: aondi você cria eli na sua casa

A5: comu assim?

A10: é: aondi ele dormi? qui tipu...lugar na sua casa

A5: eli fica na varanda...nu quintal

D: lá tem um lugarzinho deli comer...dormir?

A5: tem ... eu boto um monti de comida na gaiola...boto água

A2: qui tipu di cuidadu mais assim... especial tem qui ter cum u cuelho?

D: [não faltar
alimento né?

A5: só dar alimento e carinho

A2: só?

A5: só

D: prontu! palmas para o A5

6ª EXPOSIÇÃO ORAL

A professora chama à frente a aluna e, para chamar a atenção dos alunos que estão agitados, começa a contagem de um a três para a aluna iniciar a apresentação.

D: um... dois... três... nos lugaris... A6 vai começar

A6: olá! meu nome é A6 i eu vou falar sobri u cachorru da raça pitibul... ((olhando para o público e com a mão direita sobre seu tórax e depois inicia a próxima fala apontando o cartaz na lousa e alternando o olhar entre o público e o cartaz)) u pitibul a:/a ração qui eli mais/qui eli preferi mais é a ração (...) qui contém carne... as caracterís/as principais características deles são as resistências...auto-confiança... a raiva... i pode ter o fucinho reto ou curto... i eles são muito agressivos como pode ver nessa imagem ((aponta para a figura na lousa))... curiosidades...((lendo o cartaz)) por sua conhecida agressividade... por provocar ataques muitos resultando em morti... o pitibul foi banido por vários países como o Canadá... na Inglaterra sua/a sua criação só é autorizada se for na justiça... a raça si sai muito bem em eventus i exposições pelu seu altu grau di inteligência i pela sua vontadi di trabalhar...ou seja... eli é um cachorru muito inteligenti i podi trabalhar em eventus i exposições... i eli é dócil também... só quandu eli fica irritadu qui eli agra/agradi

D: [agridi

A6: agridi

- D: proutu? ((a aluna balança a cabeça afirmando que sim))... palmas para a A6 ((aplausos))... agora perguntas... ((vários alunos levantam a mão)) A9
- A9: é:/eu assisti uma reportagem qui era/qui era um pitibul qui mato/qui matou não...qui espancou uma/uma mulher qui ficou com a cara toda machucada
- A6: issu é verdadi
- A9: [e foi banidu du Canadá
- A6: por sua conhecida agressividade di provocar ataques...muitus resultandu em morti
- D: [isso... então essa questão di agressividade é com eli mesmu... né?
- A6: só quandu eli fica irritadu... i eli não podi ficar presu em lugaris pequenus porque eli fica assim ((faz movimentos de como se o cachorro estivesse querendo morder, se balançando de um lado para o outro))
- D: [nervosu... A10
- A10: você já tevi muitus?
- A6: não
- A2: vamos ver si você aprendeu mesmu... si você pesquisou... você sabi por que eli as vezes si estressa sem nenhum motivu?
- A6: sei
- A2: por que?
- A6: porque eli fica...repeti a pergunta
- A2: [[por que eli si estressa sem nada?
- A6: porque eli é muito agitado... eli é ((faz movimentos imitando o cachorro agitado))
- D: [eli acabou di comentar isso... as vezis u espaçu pequenu já deixa nervosu
- A6: eli tem muita energia
- A2: meu pai viu qui eli/eli tem um cérebro muito pequenu i as vezis com muitas gritaria... muita:/muito barulho eli começa si estressando e u cérebro deli vai si ((tenta explicar fazendo gestos com a mão)) tipu:
- D: [latejandu
- A2: apertandu... porque u cérebro deli é pequenu...bem pequenu... du tamanhu da cabeça di um bacen di um anu... aí u cérebro deli fica apertandu...apertandu... aí eli fica nervosu
- D: ah... legal... A11
- A11: assim... qui coris podi encontrar?

A6: a maioria das vezes são preto i marrom... mas existi outras coris... brancu... eli podi ser é: parecidu com dálmata

D: proutu? palmas para a A6

7ª EXPOSIÇÃO ORAL

A docente chama à frente a A7 para iniciar a exposição e solicita silêncio na sala.

D: pronto... pode começar

A7: ((com o cachorrinho em cima da mesinha, acariciando com a mão)) olá! meu nome é A7... i esse aqui é meu cachorro... u nome dele é is:coti... o tipo:/ele é da raça bacen... a:/a comida que ele mais gosta é a ração (...) ((a aluna fala com tom de voz bem baixo que quase não dar para entender)) eli tem/tem vários tipos de cachorro bacens... tem o cachorro que é igual a salsicha... heim/elis também são mansos..cheios

D: [mostra as imagens A7 ((porque a aluna olhava para os colegas e não mostrava o cartaz na lousa, que tinha várias figuras))

A7: igual aqui ó...((mostrando no cartaz)) aqui é um/é igual assim esse aqui que parece uma salsicha que é longo assim... mas também tem uns que é esses assim... manso...elis é fácil de pegar... você pode brincar com elis... elis gostam muito de correr... e aí... é: a maioria da cores deles são preto i marrom claro.. as cores qui:/tem/qui encontra mais fácil... obrigada pela atenção de todos!

D: palmas ((aplausos e conversas)) ... alguém tem perguntas? ((o aluno levanta a mão)) A9 ((passando a palavra para o aluno))

A9: a:/i: também eu vi...acho que é uma raça parecido com aquela ali na primeira foto ali ó ((mostrando para o cartaz))

A7: quando elis são pequenos eles são mais assim ((apontando a figura))... eu tinha um montão/é: minha cachorra...o nome dela era tina...ela era assim...desse jeito..direitim... achava ela tão bonitinha... mas só qui ela morreu de calazar

D: [ta... A7
o A9 não acabou a pergunta

A9: é por causu qui eu vi uma raça qui o nome é chiuaua... era parecido com esses dois cachorros

D: isso não é uma pergunta é um comentário... pronto! palmas para a A7 ((aplausos))

6.2 ANÁLISES DAS EXPOSIÇÕES ORAIS

Neste tópico apresentam-se as análises da primeira e segunda Exposição Oral dos alunos, pontuando-se os principais elementos encontrados em cada uma, além de realizar uma análise comparativa entre as duas, evidenciando as diferenças encontradas, conforme tabelas abaixo:

Análise das Exposições Oraís do A1

Elementos Observados na EO		A1 - EO1	A1 - EO2
Recursos Verbais	Vocabulário	Utilizou marcadores conversacionais para estruturar o texto, introduzindo sua opinião sobre o tema abordado (comu/eu acho qui é assim),) e para dar sequência à narrativa (mas assim... na hora tipu assim...).	O vocabulário está adequado, algumas palavras melhor selecionadas (<i>vertebrado</i> , <i>Vectru</i>). Fez uso de marcadores conversacionais para interagir com os ouvintes (<i>né?</i>), para auxiliar a sequência textual (<i>pois é; aí aqui é</i>), para mudança de subtópico e finalização do mesmo (<i>prontu</i>).
	Estrutura Composicional	Falou sobre o seu animal doméstico, mas não soube introduzir e finalizar o assunto corretamente, sendo que o desenvolvimento das ideias poderia ter sido mais aprofundado.	Seguiu a sequência organizacional do texto, apresentando-se para a plateia, fez a introdução do tema abordado, e na sequência relatou o significado do nome do animal a ser estudado, falou sobre algumas características importantes e por seguinte finalizou sua EO.
Recursos Paraverbais	Pausas, ritmo, tom de voz e entonação	O tom de voz foi normal e constante, com clareza e ritmo moderado, apesar da hesitação e truncamentos durante a EO, o que demonstrou nervosismo e falhas na formulação das ideias.	Na maior parte do tempo da EO o A1 apresentou tom de voz normal, mas em um momento o tom da sua voz baixou e não deu para compreender a sua fala, mas logo em seguida foi corrigindo, tornando-se normal e constante.

Recursos Não verbais	Gestos, postura e expressão facial	Olhava os colegas a sua frente, fazia movimentos moderados com as mãos, cruzando e descruzando os dedos, e em um momento falou com a cabeça para baixo, demonstrando muito nervosismo e pouca segurança.	O aluno demonstrou irritabilidade, através da expressão facial e dos movimentos dos braços batendo nas pernas, isto devido à interferência da docente no início da sua EO, o que evidenciou que o A1 tinha conhecimento de como iniciar a apresentação e não precisava de auxílio da docente naquele momento.
	Risos e sussurros	Não utilizado.	Utilizou um murmúrio para chamar a atenção dos colegas para o início da sua EO.
	Materiais Didáticos	Na realização da EO nenhum recurso didático foi utilizado	Na realização da EO utilizou cartaz e o seu próprio animal de estimação, um peixe trazido em um pequeno aquário.

Análise Comparativa: Observando as apresentações realizadas pelo A1, pode-se afirmar que na EO1, por não conhecer a forma sistematizada para uma Exposição Oral e os objetivos a serem alcançados não somente pela exposição, mas também pelos ouvintes, os quais passarão de receptores para interlocutores, o A1 faz uso de vocabulário coloquial, sem uso de gírias. Inicia sua apresentação sem interagir com o público para introduzir o tema, partindo para o desenvolvimento com sequência lógica dos argumentos, porém, por falta de um conectivo de finalização, não se percebe de forma imediata o término da EO. Apesar da não estruturação textual, o A-1 apropriou-se de pausas coesas, o que facilitou o desenvolvimento de seu trabalho.

Na EO2, o texto foi produzido com vocabulários selecionados, mais informações que na EO1, aumentando o grau de informatividade e interação com os ouvintes. Em sua composição, o texto estava completo: apresentação, introdução, desenvolvimento e conclusão. Na preparação da EO2, o aluno utilizou materiais didáticos que contribuíram de forma significativa para a realização desta; cita-se, como exemplo, o fato de trazer para a sala de aula um peixe vivo, o que despertou curiosidade dos ouvintes sobre o tema abordado. Na EO1 o A1 pode até ter utilizado algum material didático na preparação da exposição, mas na sua realização, o aluno não utilizou qualquer recurso. O A1 confeccionou cartaz para auxílio de sua EO2, o que facilitou o repasse de informações, e mesmo com essas informações descritas no cartaz, não se ateve somente a ele. Um ponto negativo na EO2 foi a

tomada de turno por parte do docente realizada no início da exposição, pois esta ação fez com que o aluno ficasse um pouco agitado, assim, percebeu-se que o A1 tinha segurança do que iria falar e não ficou satisfeito com a intervenção da docente.

Análise das Exposições Oraís do A2

Elementos Observados na EO		A2 - EO1	A2 - EO2
Recursos Verbais	Vocabulário	Selecionou algumas palavras para adequar o vocabulário da EO (porti, dócil, meu di transporti). Para dar início à EO o aluno usou um marcador (bom). Utilizou repetição de conectivos e truncamentos (qui::/é(...) qui si; especí/fica; fazer/é um/um; tem/tem; dua/duas) que deixaram transparecer dificuldades para seguir com a sequência temática.	Inicia a sua fala sem nexos, ao se referir ao cachorro da raça labrador o aluno utiliza o singular, mas na hora de falar das características ele se refere a todos os labradores (u labrador as características fortis deli é qui são/qui elis são di porti grandi...). Identificou-se o cuidado que o aluno teve para preparar o vocabulário utilizado (auxiliava; facetas; popularidadi visual ...). Fez uso de expressões linguísticas para ter tempo de elaborar a temática (é qui são/qui eli; deli é qui é inteligenti).
	Estrutura Composicional	No desenvolvimento fez uma apresentação objetiva sobre o animal apresentado, o que garantiu a assimilação de algumas informações. Na conclusão não utilizou, por exemplo, um conectivo (finalizando, para concluir, em suma) para sinalizar o término de sua EO, e nem proferiu seus agradecimentos aos ouvintes.	Iniciou apresentando-se aos ouvintes e falou do tema que seria exposto, em seguida discorreu sobre o assunto, dando ênfase às principais características do animal abordado. Não utilizou marcador para finalizar a EO.
Recursos Paraverbais	Pausas, ritmo, tom de voz e entonação	Falou com tom de voz em altura mediana, as palavras eram pronunciadas com clareza, mas com um ritmo um pouco acelerado. Todavia, em algumas falas usou alongamentos de vogais (qui::/é; i:: eli; a:: caramelu; i:: é um...) dando-lhe oportunidade de pensar na fala posterior e dar prosseguimento na mudança de segmentos tópicos.	O tom de voz estava em altura mediana, as palavras foram pronunciadas com clareza, até o momento final da apresentação, e ao ler as informações contidas no cartaz, com o tom de voz baixo, prejudicou o entendimento final da apresentação.

Recursos Não verbais	Gestos, postura e expressão facial	Os olhares foram voltados sempre em uma mesma direção, não utilizou gestos, mas permaneceu quase todo o tempo com uma mão na parede como se essa atitude lhe desse segurança na atividade que estava sendo realizada.	O A2 alternou o olhar entre os ouvintes, o cartaz e o cachorro, do qual não tirou a mão e ficou acariciando-o todo o tempo da apresentação. Só ao final da EO que o A2 manteve o olhar voltado para o cartaz, lendo algumas informações que não foram previamente assimiladas.
	Risos e sussurros	Não utilizou.	Utilizou um sorriso descontraído ao se apresentar aos ouvintes.
	Materiais Didáticos	Na realização da EO nenhum recurso didático foi utilizado	Na realização da EO utilizou cartaz e o seu próprio animal de estimação, um cachorro da raça labrador.

Análise Comparativa: Em *analogia* às EO do A2, percebe-se que na EO1 há seleção de vocabulários e repetição de conectivos e truncamentos que deixaram transparecer dificuldades para seguir com a sequência temática. O que afetou também sua apresentação foi a falta de organização textual para respeitar a sequência de ideias.

Já na EO2, percebe-se o uso indevido da locução prepositiva (em + o = no). Apresentou a introdução da exposição sem nexos, o que é comum nessa faixa etária ainda em construção das estruturas da Língua Portuguesa, porém não vamos nos aprofundar nesse tipo de desvio, pois não faz parte do nosso objeto de estudo. O discente não descartou o seu cuidado em selecionar o vocabulário de apresentação na tentativa de demonstrar coesão e coerência em sua abordagem. O que confirma que após orientação prévia, o A2 discorreu sua EO com muito segurança, tranquilidade e domínio de conteúdo, uma vez que se apropriou de recursos que prendiam a atenção dos espectadores.

Análise das Exposições Oraís do A3

Elementos Observados na EO		A3 - EO1	A3 – EO2
Recursos Verbais	Vocabulário	No início da apresentação utilizou de forma inadequada o pronome (eli/a minha), logo em seguida corrigiu (ela gosta). Empregou conectivos oracionais para expressar sua opinião (eu achu qui; i:/eu achu qui u mais) e o conectivo é (cinco vezes) para auxiliar na progressão narrativa.	Texto bem preparado, mas em alguns momentos referiu-se aos cachorros de determinada raça e, em outros, falava como se estivesse se referindo somente a sua cachorrinha (<i>hoji eu vou falar sobre u cachorru da raça puldou... é: a comida predileta dela é pedigrii...</i>)
	Estrutura Composicional	Não houve apresentação do tema e do plano da EO. No desenvolvimento falou sobre algumas características referentes à sua cachorra e algumas dicas sobre o tratamento que se deve dar essa raça, mas não finalizou de maneira adequada a sua EO.	Iniciou a EO se apresentando ao público, e apresentando a sua cachorrinha, que fazia parte da raça de cachorro que iria comentar. Destacou as principais características dessa raça e algumas dicas de cuidado com o cão. Finalizando, pronunciou agradecimento ao público.
Recursos Paraverbais	Pausas, ritmo, tom de voz e entonação	O tom de voz do aluno foi um pouco baixo, dificultando assim a assimilação do conteúdo por parte de alguns ouvintes. As hesitações e alongamentos de vogais (é:: eli/a; a::/qui ; é:: hanna; i::/eu; é:: eu; é:: entrar; é:: para/preparada) demonstraram o nervosismo e a dificuldade na sequência temática.	Mesmo tendo um tom de voz baixo, que é uma característica do A3, foi possível acompanhar a sua fala. Utilizou pausas e alongamentos de vogais para auxiliar a sequência temática (<i>meu nome é A3... ; da raça puldou... é: ; nu brasil... ; dimais i: são muito é: dorminhocus ...</i>)
Recursos Não verbais	Gestos, postura e expressão facial	Quase todo o tempo da EO o A3 ficou com os braços para trás, encostado na parede, e quando não estava nessa posição, utilizou movimentos moderados com as mãos para auxiliar no repasse de informações. Os olhares nem sempre foram voltados para a plateia, tendo alguns instantes estes voltados para o alto.	O A3 apresentou o seu cachorro, colocando em cima de uma mesinha, fazendo carícias no mesmo enquanto iniciava suas falas. Fez alternâncias com as mãos entre o acariciar do cachorro e gestos moderados como auxílio ao texto apresentado. Alternava o olhar entre a plateia e o cachorro sobre a mesinha ao seu lado.
	Risos e sussurros	Não utilizou.	Não utilizou.

	Materiais Didáticos	Na realização da EO nenhum recurso didático foi utilizado.	Utilizou cartaz confeccionado em papel cartolina e o seu cachorro da raça <i>poodle</i> .
--	---------------------	--	---

Análise Comparativa: Na EO1, o A3 apresenta nervosismo intenso, principalmente demonstrado pela entonação da voz e pela utilização excessiva de conectivos para dar sequência à narrativa. Não demonstra conhecimento prévio de como organizar uma EO, a qual é desenvolvida sem a devida composição textual, com apenas desenvolvimento, não havendo, portanto, a introdução e a conclusão. Também não são utilizados argumentos satisfatórios e/ou recursos didáticos que poderiam contribuir para assegurar a aprendizagem da audiência, mantendo-a motivada.

Na EO2, o A3, após seu planejamento, fez sua apresentação com mais desenvoltura do que o apresentado na EO1, contemplando uma melhor estrutura do texto (apresentação, desenvolvimento e finalização). E mesmo utilizando-se de tom de voz baixo, expressou-se de forma sistematizada e lúdica ao utilizar um cartaz e seu próprio animal de estimação.

Análise das Exposições Oraís do A4

Elementos Observados na EO		A4 - EO1	A4 – EO2
Recursos verbais	Vocabulário	Utilizou pouco vocabulário específico, não se atentou para o uso correto da palavra aprender (prender). Empregou conectivo para auxiliar na finalização da EO (<i>bom</i>).	O texto foi bem produzido, com muitas informações sobre o tema, tendo cuidado com a seleção do vocabulário ao utilizar palavras que não pertencem ao seu cotidiano, o que dificultou a pronúncia (<i>in-der/in-der-pe-de-de/in-der-pen-den-ti-men-ti</i>).
	Estrutura Composicional	Não houve apresentação do tema e do plano da EO. Introduziu falando dos cuidados que se deve ter com o animal, citou algumas características e finalizou sem que algumas informações importantes fossem repassadas.	O A4 inicia a EO cumprimentando os ouvintes, mas devido às conversas paralelas, a professora intervém solicitando silêncio. Assim, reinicia cumprimentado novamente. Apresenta seu plano de exposição e depois a si mesmo. Começa a falar de sua pesquisa referente às características do animal. Ao término de sua exposição, silencia-se e a professora pergunta se já terminou e ele responde proferindo seu agradecimento aos ouvintes.
Recursos Paraverbais	Pausas, ritmo, tom de voz e entonação	O tom de voz foi adequado, com um ritmo moderado.	O tom de voz foi adequado, com um ritmo moderado, apenas em um momento baixou o tom, o que tornou difícil o entendimento da fala - <i>us di (fatos) preciosos</i> .
Recursos Não verbais	Gestos, postura e expressão facial	Realizou a EO com a mão no quadro, olhando para a plateia meio que de perfil (lado). Para finalizar a EO, em vez de utilizar conectivos oracionais para concluir, fez movimentos com a cabeça, para cima e para baixo, afirmando o término da apresentação.	Ao realizar a EO o A4 fica o tempo todo com as mãos para trás, alternando o olhar entre a plateia e o cartaz pregado na lousa.
	Risos e sussurros	Sorriso de leve para os ouvintes, ao finalizar a EO.	O A4 sorriu no início da apresentação acompanhado do público.
	Materiais Didáticos	Na realização da EO nenhum recurso didático foi utilizado.	Utilizou cartaz com gravuras, confeccionado em papel cartolina.

Análise Comparativa: Na EO1, o A4 não apresentou objetivos definidos, o que pressupõe não ter conseguido interagir com clareza e eficiência e não ter utilizado as etapas para uma apresentação: aspectos iniciais (cumprimento e

interação)/desenvolvimento do conteúdo (roteiro para auxiliar a apresentação com tópicos; tema e ideias centrais); /considerações finais (fazer o fechamento ou uma síntese com ênfase à mensagem principal). A não apresentação do tema, do plano da EO e a falta de recursos tornaram a apresentação desinteressante para a plateia.

Por conseguinte, para a EO2, o A4 planejou suas ações e apresentou suas ideias bem fundamentadas e com um vocabulário enriquecido, interagindo com a plateia através de gestos para o acompanhamento dos recursos visuais. Acatou o processo da composição textual, exceto em sua finalização quando silenciou, dando sinal que havia concluído. Mas, ao comando da professora, cumprimentou o público, interagindo com ele. O tom de voz foi adequado, apesar de por alguns instantes ter sido diminuído, o que afetou de certa forma a compreensão, voltando logo a sua apresentação normal. Fez uso da linguagem verbal (ora com intensidade, ora mais fraca) e com grande frequência a linguagem não verbal (corporal, olhar para um ou outro participante e para o recurso visual – a cartolina), talvez para se sentir mais seguro.

Análise das Exposições Oraís do A5

Elementos Observados na EO		A5 - EO1	A5 - EO2
Recursos Verbais	Vocabulário	Utilizou uma palavra cujo significado era desconhecido, dando a entender que fosse um tipo de gíria (<i>umparará</i>). Apesar desta palavra desconhecida, o A5 formulou um texto pequeno, mas com informações interessantes e com conectivos para manter interação com os ouvintes (<i>específica assim né?</i>).	O texto foi bem elaborado, mas houve repetição de algumas palavras, o que demonstrou dificuldade na sequência temática (<i>tipu tipu/quando; a raça a raça né?; preto preto branco</i>) e concordância nominal inadequada (<i>as característica; ... u corpu varla di cor preto preto branco</i>).
	Estrutura Composicional	Inicia a EO falando das características do animal abordado, sem que uma apresentação inicial do tema fosse realizada. Para finalizar sua EO, utiliza a palavra <i>pronto</i> como sinalização do término da apresentação.	Inicia a EO cumprimentado os ouvintes com um bom dia, e logo em seguida se apresenta, mas é interrompido pela professora, que pega um pano para o A5 colocar o coelho no braço, uma vez que o coelho não ficava quieto na mesinha. O A5 recomeça cumprimentado o público e apresentando-se novamente; logo em seguida expõe o seu plano da EO. Dando prosseguimento, fala sobre as principais características do animal apresentado. Ao final da EO, o A5 agradece aos ouvintes.
Recursos Paraverbais	Pausas, ritmo, tom de voz e entonação	Tom de voz em altura mediana e em ritmo moderado. Alguns truncamentos e alongamentos de vogais. (<i>genis/um/sua raça; é::/tem; alunos/ô; é:: i a/alguns</i>)	O tom de voz teve ritmo moderado, sendo que na maioria do tempo permaneceu com altura normal, porém, em alguns momentos, por se ater ao cartaz, falou que não foi possível capturar na gravação outras informações [<i>vivem (...) us cuelhos são (..) embora elis sejam minoris (...)</i>]. Fez truncamentos (<i>tipu tipu/quando eli/a raça</i>) e utilizou-se de pausas para dar prosseguimento à sequência temática (<i>deli é arnus... é: i aqui o as característica... u cumprimentu</i>)

Recursos Não verbais	Gestos, postura e expressão facial	Demonstra muita vergonha, inclusive colocando a mão no rosto no momento da apresentação. Utiliza as mãos para auxiliar no repasse de informações, ao falar do tamanho de terreno adequado para aquele tipo de animal.	Alternava o olhar entre os ouvintes e o cartaz fixado no quadro branco. Por ter no colo o seu animal de estimação (coelho), não utilizou gestos mais expressivos com as mãos.
	Risos e sussurros	Ao esquecer o que iria dizer, sorria para os ouvintes.	Não utilizou.
	Materiais Didáticos	Na realização da EO nenhum recurso didático foi utilizado.	Utilizou cartaz com gravuras e apresentou o seu animal de estimação - um coelho.

Análise Comparativa: O A5 na EO1 para chamar a atenção utiliza um neologismo, o que em uma apresentação poderá afetar o diálogo ou o *feedback* com o público. É sucinto, porém constrói um texto coeso e com informações interessantes. Não elabora a apresentação inicial do tema e finaliza com um elemento não muito indicado “pronto”. Demonstra nervosismo pelo seu tom de voz em altura mediana, pelos truncamentos e alongamentos de vogais, o esquecimento de informações e os sorrisos tímidos.

Sua EO2 foi bastante melhorada, com um texto bem definido (completo em sua composição), apesar de haver erros de concordância - o que é normal nessa fase. Efetuou a estruturação da apresentação atendendo às etapas da EO com competência, clareza e apoio visual (cartaz e animal de estimação) para dar ênfase ao conjunto de suas ideias, porém com um ponto negativo: o fato de segurar o seu animal de estimação prejudicou a linguagem gestual e o direcionamento para a exploração do cartaz. Isso porque, em uma EO o maior contato visual com a audiência deverá ser o próprio orador, o qual deverá estar totalmente livre para expor, interagir e motivar sua plateia. A utilização de imagens deve estar em segundo plano.

Análise das Exposições Oraís do A6

Elementos Observados na EO		A6 - EO1	A6 - EO2
Recursos Verbais	Vocabulário	Texto pequeno com vocabulário ajustado à EO, mas com erros de concordância (si estressadu; lugaris pequenu)	Texto de tamanho regular, trazendo informações importantes sobre o tema abordado. Alguns truncamentos e alongamentos de vogais foram utilizados (a:/a ração qui eli mais/qui eli; caracterís/as; agra/agradi)
	Estrutura Composicional	Não houve uma abertura da EO, isto é, o expositor não cumprimentou e nem se apresentou para os ouvintes. Iniciou falando diretamente sobre as características do animal apresentado, sem antes introduzir o tema; ao finalizar as informações abordadas, considerou como se fosse a finalização da EO, sem indicar isto de forma direta para os ouvintes.	Cumprimentou e apresentou-se aos ouvintes, falou sobre o tema que iria apresentar e logo após discorreu informações sobre a temática. Mas faltou finalizar de forma adequada a EO.
Recursos Paraverbais	Pausas, ritmo, tom de voz e entonação	O tom de voz foi moderado, com um ritmo regular, utilizando-se de pausas para dar prosseguimento à sequência temática (<i>raivosu... eli fica; lugaris pequenu... eli é um</i>), mas o alongamento de vogal demonstrou nervosismo (<i>eli é um cachorru qui...é:: não</i>)	O tom de voz foi moderado, com um ritmo adequado, utilizando-se de pausas para dar prosseguimento à sequência temática (<i>raiva... i pode ter o fucinho reto ou curto... i eles são muito</i>). Mas por um momento baixou o tom de voz e não foi possível ouvir a palavra pronunciada.
Recursos Não verbais	Gestos, postura e expressão facial	Utilizou movimentos moderados com as mãos; e em um momento da EO ficou encostado com as mãos apoiadas no quadro branco.	Mão direita sobre o seu tórax no início da fala, e logo após retira-a e utiliza movimentos moderados com as mãos para auxiliar a EO. Olhar alternado, voltado para o público e para o cartaz fixado no quadro branco.
	Risos e sussurros	Ao pronunciar suas últimas palavras (<i>i é um cachorru muito legal</i>), sorriu para os ouvintes.	Não utilizou.
	Materiais Didáticos	Na realização da EO não utilizou materiais didáticos.	Na realização da EO utilizou cartaz produzido em papel cartolina e um cachorro da raça Pit Bull.

Análise Comparativa: Durante a EO1, o A6 demonstrou não tê-la planejado, uma vez que não atendeu à expectativa da estrutura composicional do texto; demonstrou, ainda, falta de domínio do conteúdo ao expor suas ideias, nervosismo pela entonação da voz e ao se recostar no quadro.

Na EO2 o texto foi ampliado, em comparação com a EO1, deixando de atender apenas a última etapa da estrutura textual – a conclusão. Houve melhoria até em seu tom de voz – de regular para moderado -, como também na sequência temática das ideias, o que demonstra que após o planejamento, a pesquisa e o ensaio, o orador poderá realizar uma EO qualificada como um espaço-tempo de produção coerente e estruturada que atenda às expectativas da plateia, através de uma linguagem que veicula um conteúdo referencial.

Análise das Exposições Orais do A7

Elementos Observados na EO		A7 - EO1	A7 - EO2
Recursos Verbais	Vocabulário	Texto pequeno, com poucas informações e com repetição de palavras.	Texto de tamanho adequado, com vocabulário mais extenso. Utilização de palavras coloquiais (direitim, bonitinha, montão)
	Estrutura Composicional	Não cumprimenta e nem introduz o tema. O desenvolvimento é curto, sem muitas informações, não havendo uma finalização de forma direta.	Cumprimenta o público, apresenta-se e apresenta seu animal de estimação; dá início às principais informações sobre o mesmo. Finaliza a EO agradecendo a atenção dos ouvintes.
Recursos Paraverbais	Pausas, ritmo, tom de voz e entonação	Utiliza pausas, truncamento e alongamento de vogal (bacén... a comida qui elis mais/a:: razão qui). O tom de voz da A7 é baixo, sendo que, em um momento da EO, fica impossível compreender sua fala. Fala em ritmo lento.	Utiliza pausas, truncamento e alongamento de vogal e consoante (is:coti... o tipo:/ele; heim/eli). A fala é em ritmo normal, com tom de voz em altura baixa.
Recursos Não verbais	Gestos, postura e expressão facial	Alterna o olhar para baixo e em direção dos ouvintes, com as mãos cruzadas para frente.	Acaricia o cachorro, faz movimentos moderados com as mãos; ao explicar as informações contidas no cartaz, alterna o olhar entre a plateia e o cartaz.
	Risos e sussurros	Não utiliza.	Não utiliza.
	Materiais Didáticos	Na apresentação da EO, não utiliza.	Cartaz confeccionado em papel cartolina e o seu animal de estimação, além da mesinha como apoio.

Análise Comparativa: Na primeira EO do A7 o texto produzido foi pequeno, com pouca informatividade e sem utilização de uma estrutura composicional adequada. Demonstrou muito nervosismo através do alongamento de vogal e timidez que pode ser evidenciada pelo baixo tom de voz e pelos olhares voltados para baixo.

Na segunda EO, o texto foi mais bem produzido, com vocabulários selecionados, o que proporcionou o aumento do grau de informatividade e interação com os ouvintes. A sua estrutura composicional foi composta de: cumprimento, apresentação, introdução, desenvolvimento e conclusão. Na realização da EO2, o A7 utilizou materiais didáticos que contribuíram de forma significativa para o

sucesso da EO, como exemplo, o seu cachorrinho e o cartaz contendo as informações da temática, o que facilitou o entendimento e despertou a curiosidade dos ouvintes sobre o tema abordado. Apesar da utilização de pausas e truncamentos, e em determinado momento da EO, o tom de voz baixo, percebe-se que na EO2 o aluno diminuiu o nervosismo se comparado ao apresentado na EO1.

6.2.1 Análise Geral

Em um diagnóstico geral das Exposições Oraís realizadas pelos participantes, pode-se concluir que houve um avanço significativo comparando-se as EO1 e as EO2. Percebe-se que o progresso das EOs deveu-se ao ensino sistemático do gênero Exposição Oral, pois conforme os PCNs (BRASIL, 1997b, p. 38), a capacidade de expressão oral do aluno depende da escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos adequados da língua a diferentes situações comunicativas, como é o caso da Exposição Oral. Assim, quando a EO é trabalhada constantemente em sala de aula, as chances de alcançarmos o sucesso na transmissão de conhecimento tornam-se maiores, pois, segundo Dolz et al (2007, p. 216), apesar de as atividades de EO serem constantemente realizadas em sala de aula, muitas vezes acontecem sem que um verdadeiro trabalho didático tenha sido efetuado, o que pode prejudicar o seu sucesso.

Alguns pontos podem ser destacados como confirmação do avanço nas exposições oraís realizadas pelos alunos, como:

- A evidência de uma maior interação entre os participantes, que pode ser destacada em todas as EO2. Isso porque, através de uma abertura comunicativa entre os ouvintes, há trocas de informações, assim, expositor e ouvintes compartilham e recebem informações, conforme afirma Andrade (2005, p.138) ao mencionar que a exposição é uma das mais eficientes formas de reunião informativa, pois desperta maior interesse entre os grupos envolvidos. As palavras de Andrade podem ser intensificadas pela afirmação de Bronckart (apud MARCUSCHI, 2003) ao dizer que a apropriação do gênero é um meio basilar de socialização;
- Textos produzidos com mais informações, melhores vocábulos, o que proporcionou o aumento do grau de informatividade dos temas abordados, deixando transparecer mais confiança e segurança, uma vez que incorporaram papel de especialista, pois conforme Dolz et al (2007, p. 219), ao ter domínio do conteúdo apresentado, levando-se em conta o que os

ouvintes já conhecem e o que ainda necessitam saber, faz-se o papel de expositor-especialista;

- Ajustamento das estruturas composicionais das Exposições Orais;
- Utilização de materiais didáticos como auxílio no repasse de informações;
- Adequação quanto à postura, gestos, olhares e tom de voz na realização da EO, que no conjunto de pontos positivos, já apontados anteriormente, fez com que a maioria dos objetivos almejados fossem alcançados com sucesso.

6.3 AUTO-AVALIAÇÕES

Após a realização das exposições orais, no módulo sete da sequência didática, foram trazidas para a turma as gravações em áudio e vídeo da segunda Exposição Oral realizada por eles, com o objetivo de que estes assistissem-na e realizassem uma auto-avaliação do trabalho realizado, para que detectassem os pontos positivos e negativos, possibilitando assim permanecer com os pontos positivos e aprimorar os que foram avaliados como negativos, para melhorarem as próximas atividades que venham a realizar com o gênero Exposição Oral. Antes de iniciar a apresentação dos vídeos, através de projeção em slides com auxílio do computador e datashow, explicou-se para os alunos como eles deveriam proceder para avaliar a sua apresentação; explanando-se sobre a ficha auto-avaliativa, item por item. Depois de dirimidas todas as dúvidas, iniciou-se a apresentação das filmagens. Abaixo encontram-se gráficos das auto-avaliações realizadas pelos alunos, conforme modelo constante no apêndice:

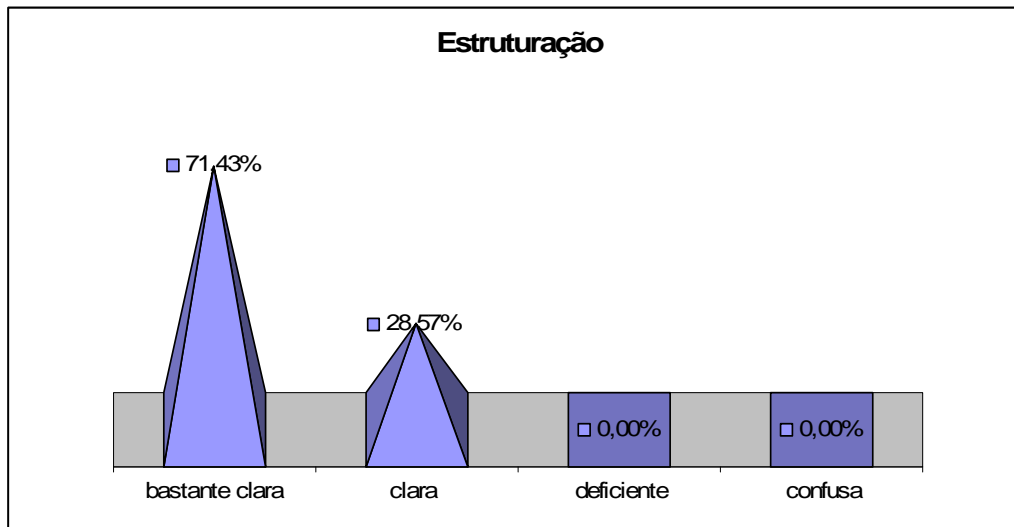


Figura 8: Estruturação da EO

Quanto à estruturação das ideias de cada parte da Exposição Oral como, por exemplo, abertura, introdução, desenvolvimento, síntese e conclusão, 71,43% responderam que a sua estruturação estava bastante clara, 28,57% afirmaram que foi clara e nenhum dos alunos considerou sua estrutura de EO deficiente ou confusa.

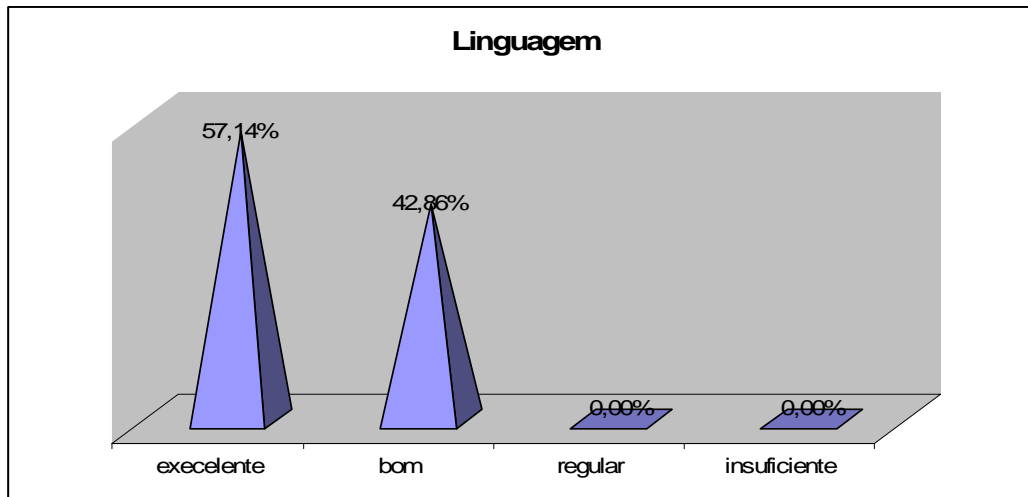


Figura 9: Linguagem utilizada na EO

A respeito da linguagem utilizada, isto é, quanto à adequação da linguagem ao contexto, como a utilização da linguagem formal, uso correto das palavras e concordância verbal e nominal, os alunos a avaliaram positivamente, uma vez que nenhum considerou a linguagem inadequada, sendo que 42,86% consideraram boa a linguagem utilizada, e 57,14% excelente.



Figura 10: Utilização de Recursos Didáticos

Todos os alunos, ao serem questionados quanto à utilização de recursos didáticos na EO, responderam afirmativamente relatando que utilizaram e que estes foram adequados ao contexto em que se procedeu a apresentação.

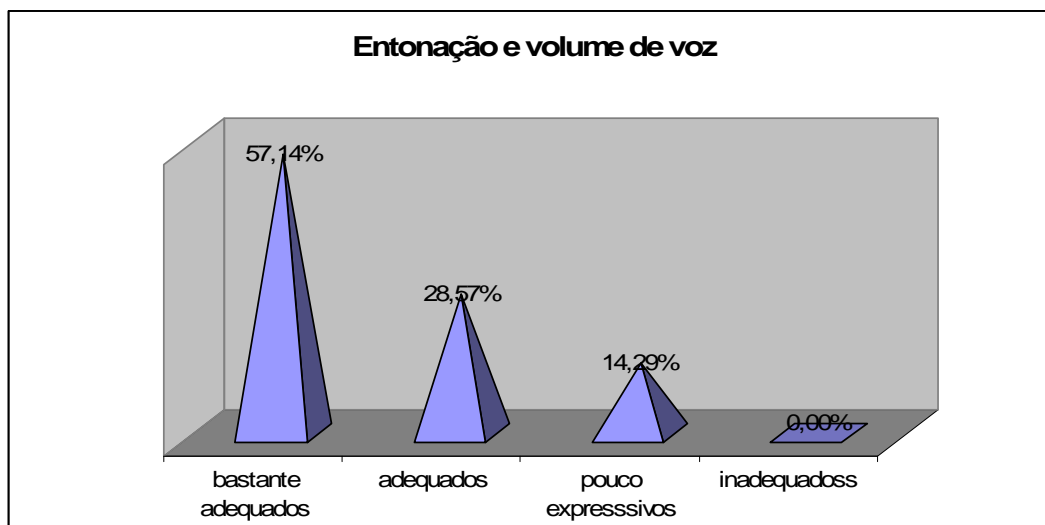


Figura 11: Entonação e volume de voz

Quanto à entonação e volume da voz, percebe-se que alguns alunos sentiram necessidade de melhorias nesse aspecto, pois 14,29% acharam pouca expressividade na sua EO, 28,57% avaliaram-no como adequado e 57,14% consideraram bastante adequado.

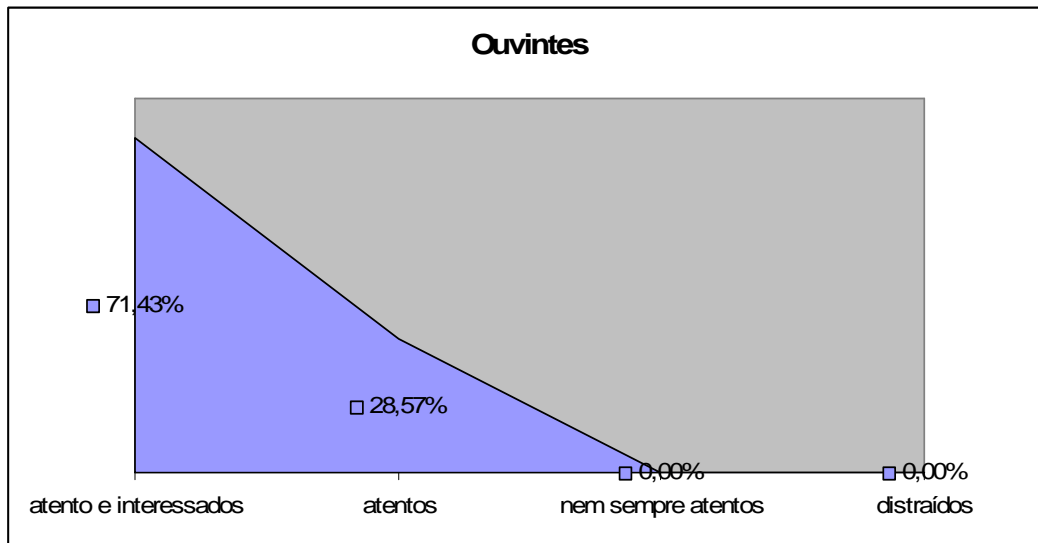


Figura 12: Participação dos Ouvintes

Ao avaliar o público na hora da EO, isto é, os colegas de sala que se tornaram ouvintes das apresentações realizadas, 71,43% dos expositores consideraram os ouvintes atentos e interessados e 28,57% dos expositores entenderam que o público foi apenas atento.

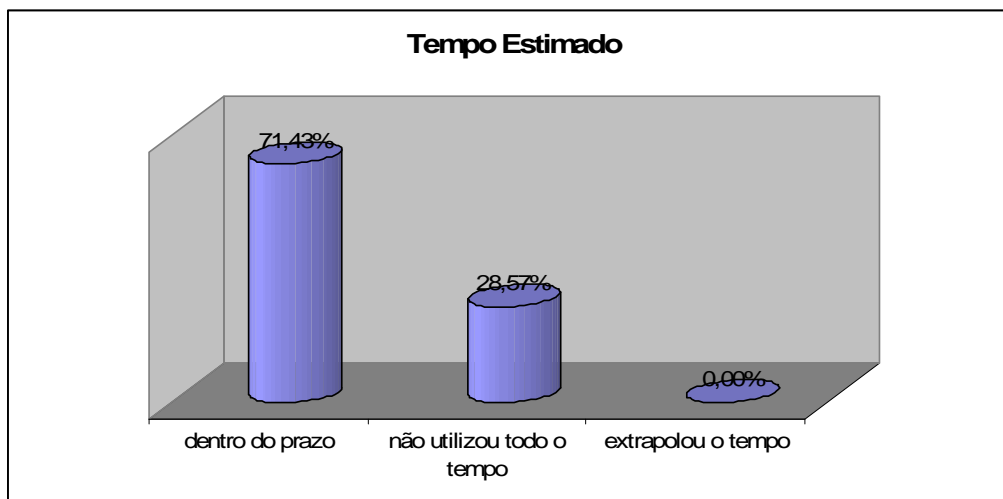


Figura 13: Tempo de realização da Exposição Oral

Analisando o tempo utilizado na Exposição Oral, 71,43% dos alunos consideraram que realizaram a atividade dentro do prazo estimado e 28,57% dos alunos afirmaram que não utilizaram todo o tempo previsto para a realização da Exposição Oral.

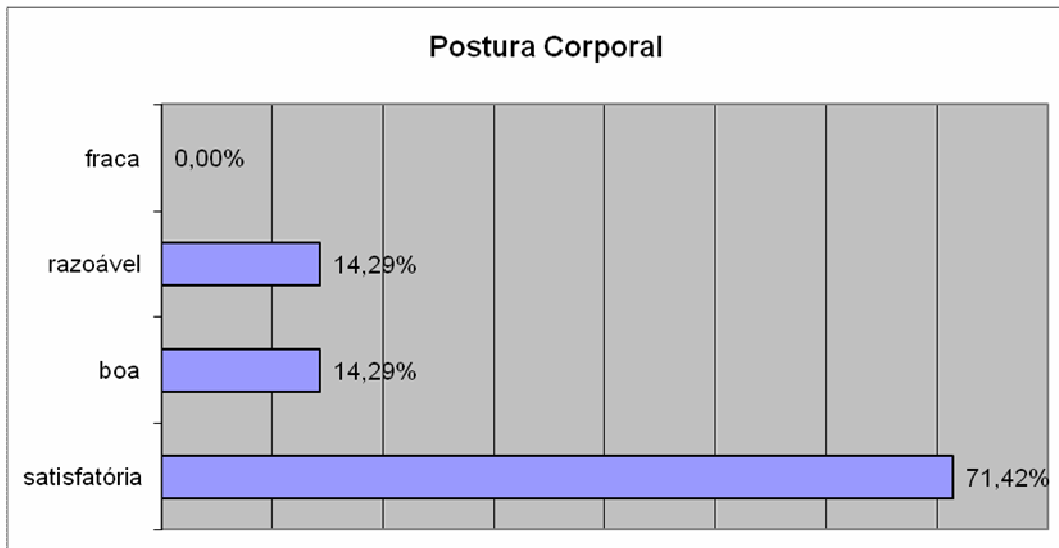


Figura 14: Postura Corporal

E finalizando a auto-avaliação, 71,42% dos alunos consideraram a sua postura corporal, isto é, movimentação na sala, uso das mãos, gestos e olhares, como satisfatórias; 14,29% dos alunos afirmaram que foi boa e os outros 14,29% disseram que foi razoável, o que demonstrou que quase 30% sentiram necessidade de melhorar sua postura corporal ao realizar uma Exposição Oral.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado, realizada entre os anos de 2009 e 2010 para ser apresentada à Universidade Federal da Paraíba, teve como objetivo geral compreender e mostrar o processo de ensino da Exposição Oral em sala de aula e analisar como este influencia no desenvolvimento das habilidades orais dos alunos, a partir do aporte teórico dos gêneros textuais, em foco: o gênero Exposição Oral. Considera-se que o objetivo geral desta dissertação foi plenamente atingido, uma vez que foi possível observar o ensino do gênero Exposição Oral, averiguando a influência deste no desenvolvimento das habilidades dos alunos.

Para concretização da pesquisa utilizou-se a aplicação da abordagem etnográfica ao estudo de caso. A pesquisa envolveu alunos de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada da cidade de Palmas/Tocantins.

A pesquisa teve como objetivos operacionais os seguintes pontos: estudar referenciais teórico-metodológicos em Gêneros, em foco o Gênero Exposição Oral; observar em sala de aula, com auxílio de filmagem, as atividades desenvolvidas e o desempenho dos alunos; elaborar uma sequência didática, aplicando-a (com o passo a passo) para utilização do gênero Exposição Oral na sala de aula pesquisada, ilustrando sua definição, metodologia e aplicação; analisar, interpretar e sistematizar os dados coletados no decorrer da pesquisa.

A questão norteadora da pesquisa foi: se as dificuldades dos alunos - na produção textual oral - decorrem da falta de um ensino sistemático da oralidade em sala de aula? Respondendo a essa indagação tem-se que as habilidades orais são influenciadas positivamente por meio da produção dos gêneros orais, visto que o ensino destes desenvolve uma prática, que tende a melhorar os discursos orais.

A proposição do trabalho foi comprovada dentro das limitações impostas pela pesquisa. As evidências e os fatos fornecidos na coleta de dados albergam a possível validade da hipótese desta dissertação. As dificuldades dos alunos na produção textual oral estão associadas à falta de um ensino sistemático que dê suporte técnico-teórico ao desenvolvimento da oralidade em sala de aula. Não obstante, havendo essas habilidades orais influenciadas positivamente através desse gênero oral, pode-se não só influenciar a vida acadêmica dos educandos em

seus discursos orais, mas, também, em sua comunicação e linguagem, de forma geral.

Os objetivos operacionais desta dissertação de mestrado foram alcançados, proporcionando ganhos para a mudança da práxis pedagógica, aperfeiçoando a aplicabilidade dos gêneros textuais, em foco, a Exposição Oral.

Observou-se que as crianças em sua primeira EO, ocorrida sem nenhuma orientação prévia para planejamento, pesquisa e apresentação, realizaram seus trabalhos de forma assistematizada, sem grandes resultados para os objetivos propostos inicialmente pela professora. Porém, ao serem orientados para uma segunda EO (planejamento, pesquisa, apresentação – cumprimento ao público, introdução, desenvolvimento e conclusão – utilização de recursos didáticos, linguagem verbal e não verbal, entonação de voz), tornou-se evidente que o gênero textual Exposição Oral efetiva seus objetivos, sendo um dos pontos de destaque a interação expositor/público. Também se evidenciou que os educandos têm necessidades informacionais definidas, o que pode ser amenizado através da incorporação da pesquisa em sala de aula e que antes não era adequadamente utilizada na prática. Portanto, a hipótese de trabalho tende a ser considerada verdadeira, a partir dos fatos apurados no âmbito escolar admitido pelo presente estudo.

Os resultados apontam para a necessidade de se reestruturar a práxis escolar para atender aos anseios dos alunos através de um ensino significativo e que considere o educando um aprendiz, mas ao mesmo tempo um mestre-expositor. Com isso, busca-se não só torná-lo capaz de pesquisar e expor suas ideias e informações para os colegas através das EO, como também saber expressar-se em público ou em qualquer contexto de suas vidas.

Segundo Dolz et al. (2007, p. 216), a exposição é uma atividade que pode até ser constantemente praticada em sala de aula, mas na maioria das vezes isso se dá sem que um verdadeiro trabalho didático tenha sido efetuado. Seguindo essa linha de pensamento, os PCNs (BRASIL, 1997b, p. 39) estimulam a utilização do texto expositivo, oral e escrito, sugerindo que a escola inclua em seus projetos de estudo situações que o envolvam, principalmente as situações de Exposição Oral, uma vez

que estas não costumam ser ensinadas em sala de aula e é um dos que maior dificuldade apresenta.

Os instrumentos para coleta de informações foram de suma importância para o desenvolvimento do trabalho, visto que, por meio de questionário, entrevista e filmagem em áudio e vídeo, foi possível obter informações para averiguação da hipótese levantada.

Tende-se a acreditar que após a sistematização da EO, os alunos avançaram em suas apresentações. Entretanto, essa sistematização ainda foi muito introdutória, tendo em vista o potencial e as habilidades cognitivas, afetivas e psicomotoras de cada aluno.

Percebe-se que, mesmo com os problemas encontrados na escola, como falta de recursos didático-pedagógicos, problemas na alfabetização ou dificuldades linguísticas, ou a falta de um planejamento contextualizado ou acompanhamento pedagógico ao docente, nada disso poderá impedir que as habilidades orais dos alunos avancem, assim, deve-se trabalhar sistematicamente o gênero Exposição Oral, pois a falta do ensino sistemático e estruturado desse gênero pode trazer efeitos que podem ocasionar problemas no aprendizado e alfabetização do aluno por toda a sua vida.

Finalmente, constatou-se que a escola deve focalizar a aprendizagem das habilidades orais, assim como dar ênfase às habilidades escritas, dinamizando esse ensino desde as séries iniciais e estendendo-se ao ensino superior, realizando um trabalho sistemático do ensino dos gêneros orais, com ênfase no mais utilizado em sala de aula: o gênero Exposição Oral. Mas para que os objetivos almejados sejam conquistados, é necessário entender que os alunos não vão para a escola sabendo como é e como se faz um determinado gênero, é necessário que a escola tome para si a responsabilidade de ensinar os discentes tudo que é preciso saber para que o gênero seja concretizado com sucesso.

REFERÊNCIAS

_____. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

_____. **NBR 6024:** informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6027:** informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028:** informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ANDRADE, Teobaldo de. **Para entender relações públicas.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 2005. Disponível em: <<http://books.google.com.br/>>. Acesso em: 30 set. 2009.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar.** 14.ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BAKHTIN, Michael. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEE, 1997a. (PCNs 1ª a 4ª Séries)

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEE, 1997b. (PCNs 1ª a 4ª Séries)

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Orientações educacionais complementares dos PCNs de Linguagem, código e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEE, 1997c. (PCNs Ensino Médio)

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discurso:** por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita.** Petrópolis: Vozes, 1977

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

CAVALCANTE, Marianne C. B.; MARCUSCHI, Elizabeth. **Formas** de observação da oralidade e da escrita: eventos e gêneros. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: MEC/Ed. Autêntica, 2007.

DOLZ, J. et al. A Exposição Oral. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 215-246.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p.95-128

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. de O.; AQUINO, Zilda G. O. de. **Oralidade e escrita**: perspectiva para o ensino de língua. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GOULART, Cláudia M. **As Práticas orais na escola**: o seminário como objeto de ensino. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000374639>> Acesso em: 26 maio 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. **A Inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEURER, José Luiz. O Conhecimento de gêneros textuais e a formação de profissional da linguagem. In: FORTKAMP, M. B. Mota; TOMITCH, L. M. B. (Org.). **Aspectos da lingüística aplicada**. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

RAMOS, Jânia M. **O Espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas**. 3. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005. Disponível em: <<http://books.google.com.br/>>. Acesso em: 30 set. 2009.

Revista Nova Escola. Disponível em: <http://antigo.revistaescola.abril.com.br/online/planosdeaula/ensino-fundamental1/PlanoAula_298217.shtml>. Acesso em: 19 jun. 2009.

ROJO, Roxane D. As Relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. **Linguagem em (Dis)curso**: Gêneros textuais e ensino-aprendizagem, v. 6, n. 3, p. 463-493, set./dez. 2006.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p.21 a 39.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Análise de gênero textual**: concepção sócio-retórica. Maceió: EDUFAL, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ¹⁰

Palmas, abril de 2009.

Prezados pais dos (a) alunos (a) do 5º ano do ensino fundamental da Escola Comecinho de Vida,

Meu nome é Quenízia Vieira Lopes, mestranda em Lingüística pela Universidade Federal da Paraíba, estou na etapa inicial do meu projeto de pesquisa, que tem como objetivo observar o desenvolvimento (ou não) das habilidades orais de crianças, especificamente estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, através do gênero Exposição Oral. Portanto, para conseguir desenvolver minha pesquisa, preciso proceder à coleta de dados, que inclui: gravações em áudio e vídeo dos alunos no seu convívio diário em sala de aula, incluindo deste modo todas as atividades desenvolvidas por eles. Assim sendo, solicito a autorização dos senhores para utilizar as imagens por mim captadas e as gravações realizadas com seu (sua) filho (a) em sala de aula. Esclareço que os dados coletados serão utilizados estritamente para análise e os nomes dos (as) alunos (as) não serão divulgados. Quando for necessário me referir a eles (elas), utilizarei códigos, como por exemplo: A1; A2, resguardando totalmente a identidade dos (as) participante(s) da pesquisa. Ao término deste trabalho, desejo trazer conclusões em torno da possível contribuição do trabalho de Gênero, em foco os de Exposição Oral, para o melhor desenvolvimento das habilidades orais dos alunos, com o intuito que os alunos melhorem suas práticas de Exposição Oral, de acordo com o desenvolvimento e potencial de absorção de conhecimentos, auxiliados pelo professor, visto que em nossa hipótese, é possível ou não o desenvolvimento das habilidades orais através da utilização/ensino de gêneros.

Certa de contar com a sua colaboração, antecipo meus agradecimentos.

Atenciosamente,

Quenízia Vieira Lopes

Nome do Aluno(a): _____

Ciente do pai/mãe/responsável: _____

¹⁰ Baseada na Autorização produzida por GOULART, Cláudia M. em sua dissertação: **As Práticas Oraís Na Escola: O Seminário como objeto de ensino.**

APÊNDICE B - Entrevista destinada ao docente

1. Qual a sua formação?
2. Qual a sua trajetória profissional?
3. Há quanto tempo você atua como docente e quais turmas e disciplinas que você ministra aulas?
4. Você trabalha em sala de aula com o auxílio dos Gêneros? Qual a sua fundamentação para esse trabalho?
5. Na sua opinião, deve-se trabalhar, ou não, os gêneros na escola? Por quê?
6. Qual a sua opinião a respeito do desenvolvimento das habilidades orais dos seus alunos?
7. Quais as atividades que podem auxiliar, na sua opinião, as habilidades orais dos alunos?
8. Você costuma planejar atividades relacionadas à linguagem oral/Exposição Oral para ser trabalhada com seus alunos? Se a resposta for positiva, justifique o objetivo deste trabalho, explique como desenvolve com os seus alunos e descreva, se existente, as dificuldades que você encontra no decorrer destas atividades.
9. Você acha que é papel da escola expor as diferenças entre a fala coloquial e a fala mais formal? Por quê?
10. Você acredita ser possível, por meio da prática dos gêneros orais, sobretudo dos expositivos, fazer com que os alunos modifiquem seu padrão comunicativo, melhorando assim suas habilidades orais e, conseqüentemente, seu processo na assimilação do conhecimento?

APÊNDICE C - Questionário destinado aos alunos (a ser preenchido com auxílio dos pais/responsáveis)

1) Qual a sua idade? _____

2) Qual a cidade em que você nasceu? _____

3) Há quanto tempo você estuda nesta escola? _____

4) Em que bairro você mora? _____

5) Quanto ao grau de instrução, os seus pais têm:

Mãe

a) Ensino fundamental incompleto

b) Ensino fundamental completo

c) Ensino médio incompleto

d) Ensino médio completo

e) Superior incompleto

f) Superior completo

6) Profissão: _____

Pai

a) Ensino fundamental incompleto

b) Ensino fundamental completo

c) Ensino médio incompleto

d) Ensino médio completo

e) Superior incompleto

f) Superior completo

Profissão: _____

7) Você mora em :

casa apartamento

8) O imóvel onde você mora é:

próprio alugado emprestado financiado

9) Atualmente seus pais estão:

mãe: empregado desempregado

pai: empregado desempregado

10) Número de pessoas que residem em sua casa:

2 3 4 5 6 ou mais

11) Possui plano de saúde? _____

12) Marque os meios de acesso à informação disponíveis em sua casa:

Internet revistas jornal impresso rádio televisão

13) Você gosta de ler? Por quê?

Nome do Aluno(a): _____

Ciente do pai/mãe/responsável: _____

APÊNDICE D - Sequência didática para o gênero Exposição Oral

Plano da Sequência Didática:

Conteúdo: Gênero Exposição Oral

Série: 5º ano

Tempo programado: de 07 a 08 aulas

Materiais a serem utilizados: revistas, jornais, livros, dicionários, computador com acesso a internet, máquina fotográfica com recurso de filmagem, ficha para tomada de notas, canetinhas coloridas, cola, tesoura, cartolinas, papel madeira, papel A3 e/ou datashow ou lâmina com retroprojeter.

Objetivos Geral:

- Desenvolver nos alunos habilidades linguístico-discursivas do gênero Exposição Oral.

Objetivos Específicos:

- Elaborar e registrar corretamente o conteúdo delimitado (tema), seguindo uma estrutura de apresentação, com introdução, desenvolvimento e conclusão, produzindo assim, pequenos textos;
- Desenvolver capacidades de exemplificação, ilustração e explicação;
- Ampliar o vocabulário;
- Elaborar materiais de apoio;
- Utilizar adequadamente recursos verbais, paraverbais e não verbais em apresentações orais;
- Ouvir os colegas e responder perguntas ocasionais;

Desenvolvimento

1º Módulo

Os alunos realizarão uma primeira Exposição Oral sobre um tema escolhido pelo docente, que será registrado por gravação de vídeo e áudio.

2º Módulo

Será apresentada para os alunos a pesquisa que está sendo desenvolvida, neste caso, a análise do ensino do gênero Exposição Oral no desenvolvimento das habilidades orais dos alunos, isto é, verificar se o ensino em sala de aula do gênero Exposição Oral influencia no melhoramento das habilidades orais destes. Explicaremos aos alunos como será a participação deles no desenvolvimento da pesquisa: serão observados nas suas atividades escolares, em especial as que estão incluídas no gênero Exposição Oral. Sendo que estes poderão participar se, os pais concordarem com o tempo de participação de pesquisa entregues a eles. Os alunos desenvolverão trabalhos expositivos orais, que apresentarão aos seus colegas de classe. As apresentações dos trabalhos serão gravadas para serem analisadas pelo pesquisador após a realização da sequência didática (desenvolvimento da pesquisa).

3º Módulo

Explicaremos aos alunos o que é e como é feito uma Exposição Oral:

- A Exposição Oral é um gênero textual público, sendo esta considerada um instrumento que auxilia na aquisição e/ou enriquecimento de conhecimento, onde através de uma abertura comunicativa entre os envolvidos, neste caso o expositor (pessoa que repassa as informações) e um determinado público (ouvintes), torna-se possível um melhor entendimento e aprofundamento de um tema (conteúdo). Em sala de aula, o aluno expõe determinado tema, e experimenta a sensação de torna-se o professor por alguns instantes, sendo esta uma experiência relevante para seu crescimento, tendo em vista que através desta o aluno toma para si a responsabilidade de assimilar o conteúdo e de conseguir transmiti-lo de maneira

adequada para seus colegas de aula, fazendo com que assimilem de maneira satisfatória o tema que está sendo exposto. A Exposição Oral possui três aspectos constitutivos na sua produção: o tema (os conteúdos abordados no gênero), a forma composicional (estrutura/organização comunicativa dos textos pertencentes ao gênero) e o estilo (configurações específicas de unidades linguísticas, como traços da posição enunciativa do enunciador, os conjuntos particulares de sequências textuais e de tipos de discursivos que forma a estrutura).

- A Exposição Oral é estruturada nas seguintes fases:
 - Abertura:
O aluno, que neste caso torna-se o expositor, cumprimenta e se apresenta para o público (ouvintes). No contexto escolar o professor geralmente chama a frente o aluno que irá apresentar o trabalho, mas mesmo com esta apresentação inicial, é importante que o aluno cumprimente os colegas (ouvintes), para que já acione a sensação de estar sendo o expositor, isto é, o especialista do tema que irá apresentar.
 - Introdução do Tema:
Esta é a fase inicial da fala do expositor, onde ele apresentará o tema que será abordado, sendo que nesta fase ele poderá justificar sua escolha pelo tema, fazendo esta introdução de forma que desperte a atenção dos ouvintes para o assunto que será apresentado.
 - Apresentação do Plano da exposição:
Nesta fase o expositor enumerará, isto é, falará das seqüências de ideias que seu tema abordará, seguindo o seu planejamento de exposição, onde tudo que será apresentado será falado aos ouvintes, para que após seja detalhado no desenvolvimento do trabalho.
 - Desenvolvimento e encadeamento dos temas:
O expositor apresentará o tema na íntegra, seguindo a sequência que foi apresentado no plano de exposição.
 - Recapitulação e síntese:
Depois de apresentado todo o conteúdo, o expositor poderá retomar aos principais pontos abordados na apresentação, para que os alunos assimilem melhor aquilo que foi exposto. Esta fase pode servir de transição entre o desenvolvimento da exposição e as fases de conclusão da mesma.
 - Conclusão:
Parte em que se transmite a mensagem final da exposição, e que também pode submeter os ouvintes a um problema novo, desencadeado pela exposição, ou, ainda, dar início a um debate sobre o tema.
 - Encerramento:
Para encerrar a apresentação, o expositor pronunciará seu agradecimento ao público (ouvintes).
- Para que a Exposição Oral seja bem realizada, é necessário trabalharmos os principais elementos do sistema textual da exposição, para que os alunos desenvolvam de forma adequada a Exposição Oral.

Outras dicas devem ser observadas pelos alunos em uma Exposição Oral, como por exemplo:

- Sobre a utilização de recursos:
 - Verbais
 - Paraverbais
 - Não-verbais
 - Recursos Didáticos:
- Transmitir com confiança e segurança o tema abordado;
- Atentar-se ao tempo estimado para sua exposição;

- Quando estiverem no papel de ouvintes, deverão ouvir com atenção as informações repassadas pelo colega expositor, e realizar perguntas e comentários no término da exposição, entre outros.

4º Módulo

Inicialmente o expositor deve torna-se uma especialista no assunto que irá transmitir, isto é, deve procurar aprofundar-se no tema que irá trabalhar. Neste módulo explicaremos aos alunos o tema que será trabalhado por eles: animais domésticos. Repassaremos aos alunos que cada um deles deverá escolher um tipo de animal doméstico, como por exemplo: gatos, papagaios, coelhos, peixes, tartaruga, esquilo, cachorros, furões, calopsitas (o passarinho branco), hamster, periquito, canário, chinchilas, etc., Conversaremos com os alunos sobre os animais domésticos e iniciaremos pesquisa sobre o animal escolhido por eles, orientando-os a coletarem informações que ainda não possuem do animal escolhido, em livros, revistas, internet, dicionário etc. Conduziremos os alunos para biblioteca da escola, para que os mesmos possam iniciar sua pesquisa nos livros e meios disponíveis.

5º Módulo

Neste módulo, daremos continuidade à coleta de informações sobre o animal doméstico escolhido pelo aluno, para que seja confeccionado um texto para auxiliar na apresentação, e a seguir, iniciaremos a montagem da exposição conforme estruturação acima citada. Citaremos que os mesmos deverão atentar-se as informações que o público deverá possuir após sua apresentação, sendo que para isso, precisarão pontuar/anotar as principais informações sobre o animal escolhido (raça do animal, tipo, sua comida, características físicas, etc.), para que seja apresentado aos colegas. Para uma melhor interação, os alunos que escolherem o mesmo tipo de animal doméstico, poderão neste momento, trabalhar em grupo para compartilharem informações. Os alunos terão neste módulo a oportunidade de finalizar a sua organização da Exposição Oral, se necessário, com auxílio do professor, efetuando revisão dos textos e anotações que deverão ser utilizados em sua apresentação.

6º módulo

Os alunos realizarão as apresentações dos trabalhos, conforme sequência da chamada, e estas apresentações serão registradas por meio de gravação de vídeo e áudio.

7º módulo

Dando continuidade ao nosso trabalho, iremos assistir com os alunos as apresentações feitas por eles, onde após a análise das filmagens, cada um realizará uma auto-avaliação sobre sua Exposição Oral, com auxílio de uma ficha avaliativa.

AVALIAÇÃO

Ao fim desta sequência didática serão confrontadas as duas exposições orais apresentadas pelos alunos (a 1ª Exposição Oral realizada pelos alunos sem nenhuma preparação, e a segunda realizada após orientações), onde serão observados as mudanças que ocorreram no plano lingüístico, para-lingüístico e extra lingüístico, assim, conseqüentemente, analisaremos o desenvolvimento das habilidades orais dos alunos no decorrer destas duas exposições.

APÊNDICE E - Slides para a aula sobre Exposição Oral

EXPOSIÇÃO ORAL

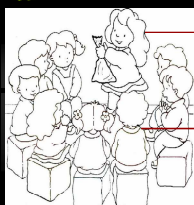
- ✓ Instrumento de auxílio na aquisição e/ou enriquecimento de conhecimento;
- ✓ Apresentação de um tema feito oralmente (através da fala);

EXPOSIÇÃO ORAL

As pessoas envolvidas em uma exposição oral são chamadas de:

- ✓ Expositor – pessoa que transmite o conteúdo/tema, isto é, que fala sobre um determinado tema, com o objetivo de repassar informações aos ouvintes;
- ✓ Platéia (público) – pessoas que recebem (ouvem) as informações repassadas pelo expositor.

EXPOSIÇÃO ORAL



Expositor

Platéia /
Público/
Ouvintes

ESTRUTURA (PARTES) DE UMA EXPOSIÇÃO ORAL

- ✓ Abertura:

O aluno, que neste caso toma-se o expositor, cumprimenta e se apresenta para o público (ouvintes). No contexto escolar o professor geralmente chama a frente o aluno que irá apresentar o trabalho, mas mesmo com esta apresentação inicial, é importante que o aluno cumprimente os colegas (ouvintes), para que já acione a sensação de estar sendo o expositor, isto é, o especialista do tema que irá apresentar. (Ex.: *Bom dia, meu nome é ...*)

ESTRUTURA (PARTES) DE UMA EXPOSIÇÃO ORAL

- ✓ Introdução do Tema:

Esta é a fase inicial da fala do expositor, onde ele apresentará o tema que será abordado, sendo que nesta fase ele poderá justificar sua escolha pelo tema, fazendo esta introdução de forma que desperte a atenção dos ouvintes para o assunto que será apresentado.

Ex.: *O assunto da minha exposição será...
Gostaria de falar-lhes sobre...
Minha exposição abordará...
Vou tentar explicar-lhes hoje...*

ESTRUTURA (PARTES) DE UMA EXPOSIÇÃO ORAL

- ✓ Apresentação do Plano da exposição:

Nesta fase o expositor enumerará, isto é, falará das seqüências de idéias que seu tema abordará, seguindo o seu planejamento de exposição, onde tudo que será apresentado será falado aos ouvintes, para que após seja detalhado no desenvolvimento do trabalho.

Ex.: *Ao longo desta exposição, falarei sobre a descrição deste animal, explicando como ele vive...
Inicialmente apresentarei uma descrição do animal ..., e dando prosseguimento explicarei sobre...*

ESTRUTURA (PARTES) DE UMA EXPOSIÇÃO ORAL

- ✓ Desenvolvimento e encadeamento do tema:

O expositor apresentará o tema na íntegra (por inteiro), seguindo a seqüência que foi apresentado no plano de exposição.

Ex.: *Vejamos primeiramente...
Então, comecemos agora a falar sobre ...
então, falemos agora de...
então passemos agora a ...
A questão que abordaremos agora é...
Em seguida...*

ESTRUTURA (PARTES) DE UMA EXPOSIÇÃO ORAL

Vamos agora abordar...

Então, falei de...e vou agora passar a...

Passarei a outro aspecto....

ESTRUTURA DE UMA EXPOSIÇÃO ORAL

✓ Recapitulação e síntese:

Depois de apresentado todo o conteúdo, o expositor poderá retomar aos principais pontos abordados na apresentação, para que os alunos assimilem melhor aquilo que foi exposto.

Ex.: *Portanto, podemos dizer que...*

Nós vimos que...

Aprendemos que...

Podemos agora recapitular que...

ESTRUTURA (PARTES) DE UMA EXPOSIÇÃO ORAL

✓ Conclusão:

Parte em que se transmite a mensagem final da exposição, e que também pode submeter os ouvintes a um problema novo, desencadeado pela exposição, ou, ainda, dar início a um debate sobre o tema.

Ex.: *Para concluir...*

Resumindo, nós vimos que....

Em resumo...

Então, como conclusão, gostaria de colocar a seguinte questão...

ESTRUTURA (PARTES) DE UMA EXPOSIÇÃO ORAL

✓ Encerramento:

Para encerrar a apresentação, o expositor pronunciará seu agradecimento ao público (ouvintes).

Ex.: *Para encerrar, gostaria de agradecer...*

Obrigado pela atenção...

Obrigado...

EXPOSIÇÃO ORAL

ALGUMAS DICAS:

✓ Tom de voz:

Alto e pausadamente, pronunciando com clareza as palavras (nem muito rápido e nem muito lento)

Entoação, para marcar a mudança de nível textual no decorrer da apresentação (ao mudar de assunto, ao introduzir outra informação,...)

EXPOSIÇÃO ORAL

ALGUMAS DICAS:

✓ Olhares:

Olhar para frente e não fixar em um só ouvinte, mas deve-se percorrer toda a platéia.

✓ Gestos e Postura Corporal:

Espontâneos e moderados para não chamar a atenção dos ouvintes;

✓ Transmitir com confiança e segurança o tema abordado;

✓ Quando estiverem no papel de ouvintes, deverão ouvir com atenção as informações repassadas pelo colega expositor, e realizar perguntas e comentários no término da exposição.

EXPOSIÇÃO ORAL

ALGUMAS DICAS:

✓ Uso correto das palavras;

✓ Uso do português formal (sem uso de gírias);

✓ Atentar-se para o tempo estimado para a sua exposição (não extrapolar o tempo previsto);

EXPOSIÇÃO ORAL

RECURSOS DIDÁTICOS:

São instrumentos (materiais) complementares que auxiliam no aprendizado e repasse de informações.

✓ revistas; jornais; livros; dicionários; computador; máquina fotográfica; canetinhas coloridas, cola, tesoura, cartolinas, papel madeira, papel A3 e/ou datashow ou lâmina com retroprojektor.

✓ As informações contidas em cartazes e slides devem ser simples e objetivas. Os alunos não devem prender-se somente a estas informações, pois este recurso é só um auxílio.

EXPOSIÇÃO ORAL

Tema a ser trabalhado: ANIMAIS DOMÉSTICOS

✓ Cada aluno deverá escolher um tipo de animal doméstico. Exemplos:



EXPOSIÇÃO ORAL

Tema a ser trabalhado: ANIMAIS DOMÉSTICOS

- ✓ Coletar informações, que ainda não possuam do animal escolhido, em revistas, livros, dicionário, internet...
- ✓ Pontuar/ anotar as principais informações sobre o animal escolhido (raça do animal, tipo, sua comida, características físicas, etc.)
- ✓ Montar um pequeno texto com as informações coletadas.

APÊNDICE F - Ficha auto-avaliativa

1. A **estruturação** das ideias das diferentes partes da Exposição Oral (abertura, introdução, desenvolvimento, síntese e conclusão) foi:

- bastante clara
- clara
- deficiente
- confusa

2. A **linguagem** utilizada foi (Quanto à adequação ao contexto de situação: uso da linguagem formal, uso correto das palavras, concordância...):

- excelente
- bom
- regular
- insuficiente

3. Quanto ao uso de **recursos didáticos** pode afirmar que:

- foi adequado
- poderia melhorar
- inadequado
- não utilizou

4. A **entoação** e o **volume de voz** foram:

- bastante adequados
- adequados
- pouco expressivos
- inadequados

5. Os **ouvintes** mantiveram-se:

- atentos e interessados
- atentos
- nem sempre atentos
- distraídos

6. A utilização do **tempo estimado**, foi:

- dentro do prazo
- não utilizou todo o tempo
- extrapolou o tempo

7. Quanto ao uso da **postura corporal** (movimentação em sala de aula, uso das mãos, do olhar, etc.), você considera que foi:

- Satisfatória
- boa
- razoável
- fraca

ANEXOS

ANEXO A - Normas para transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento	/	e comé/e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	Porque as pessoas reTÉM moeda
Alongamento de vogal ou consoante <u>s.r</u>	:: ou ::	Ao emprestarem os...éh:: o dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	O Banco Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões
Comentários descritivos	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários do locutor que quebram a sequência temática; desvio temático	- -	a demanda da moeda – vamos dar essa notação – demanda de moeda por motivo
Superposições, simultaneidade de vozes	[ligando linhas	A. na casa da sua irmã? [Sexta-feira?
Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

[Reproduzido de Castilho (2009,34-35)]